UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARISA VON DENTZ

Expressões emocionais de sorriso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche

Ribeirão Preto – SP

2016

MARISA VON DENTZ

Expressões emocionais de sorriso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientadora: Profa. Dra. Katia de Souza Amorim

Ribeirão Preto – SP

2016

Versão corrigida

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Dentz, Marisa von

Expressões emocionais de sorriso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche. Ribeirão Preto, 2016.

173p. il; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP. Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientadora: Kátia de Souza Amorim

1. Bebês. 2. Expressividade emocional. 3. Sorriso. 4. Choro. 5. Creche.

Marisa von Dentz

Expressões emocionais de sorriso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Kátia de Souza Amorim
Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Profa. Maria Clotilde Therezinha Rosetti Ferreira
Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa
Instituição: Universidade Federal de Pernambuco

Assinatura: _____

Dedico aos educadores, aos bebês, pais e familiares que participam da educação coletiva em ambiente de creche. E às pessoas que, de alguma forma, passam a se beneficiar desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Penso que a vida é simples, e que cada dia é uma ação de graças. Por isso aqui registro os meus agradecimentos a pessoas e a entidades que, de alguma forma, colaboraram para que o processo dessa pesquisa acontecesse.

Agradeço primeiramente a Deus, por me ter dado a liberdade de escolher, dentre as opções, a de realizar este mestrado com espírito de aprendiz, no intuito de me qualificar enquanto ser humano, e em algo contribuir para com as outras pessoas.

Agradeço à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, especificamente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - processo nº 2014/02669-8 e à CAPES, pelo financiamento da pesquisa, fundamental para a viabilização da mesma.

Agradeço à direção, coordenação, educadoras, crianças e pais da creche onde foram coletados os dados para esta pesquisa, pela autorização e colaboração.

Agradeço, com um carinho muito especial, à Prof. Katia de Souza Amorim, minha orientadora, a quem dedico profundo respeito pela sua simplicidade, grandeza de alma, comprometimento com a universidade e, através dela, com os pesquisadores e sujeitos de pesquisa, responsabilidade ética e incansável espírito de luta. As suas orientações e acompanhamento foram fundamentais em todo o processo. Muito obrigada!

Agradeço aos meus pais, Beno e Adely Marta von Dentz, por me ensinarem o valor do trabalho, e por me incentivarem, mesmo de longe, me acompanhando nos estudos e na vida. Obrigada pelo cuidado e pela força! Também aos meus irmãos: Marta, Roseli, Eduardo, Claudir, Volmir, Marizete e Edson, e aos demais familiares, pelo incentivo, compartilhamento e afeto.

Ao companheiro de todas as horas, Paulo Sérgio Lemos Panice, por sempre me apoiar nos estudos e me dar suporte para seguir em frente.

Aos queridos membros do grupo de pesquisas do CINDEDI: Gabriella, Ludmilla, Natália, Cintia, Pedro, Fernanda, Stella, Juliene, Rosária, Kaira, Lucia e Katia Miguel, pelas preciosas discussões e sugestões para a pesquisa.

Às pessoas queridas que me deram suporte com correções e apontamentos: Marta von Dentz, Natália Santos, Gabriela Moura, Gabriela Ravagnani e Ludmilla Ferreira.

Ao Ronie, pelo suporte técnico na qualificação e defesa e armazenamento das imagens em banco de dados.

À Profa. Maria Isabel de Carvalho Pedrosa, pelas suas contribuições neste trabalho, olhar perspicaz e cuidadoso na análise de episódios de crianças pequenas, e também pela sua acolhida generosa em minha estadia para visita técnica na UFPE – Campus Recife.

À Profa. Clotilde, pelas suas sugestões para a pesquisa, pela sua alegria, acolhimento e maestria na construção do conhecimento. Você é uma pessoa admirável em suas contribuições e bagagem de conhecimento!

E, finalmente, a todas as pessoas que, de alguma forma, direta ou indiretamente, puderam participar e colaborar com este trabalho.

*“Gracias a la vida que me ha dado tanto.
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto.
Así yo distingo dicha de quebranto,
los dos materiales que forman mi canto,
y el canto de ustedes que es el mismo canto
y el canto de todos, que es mi propio canto.*

Gracias a la vida que me ha dado tanto”.

(Violeta Parra)

RESUMO

Dentz, M. V. (2016). *Expressões emocionais de sorriso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

A expressão emocional é um dos meios de comunicação primordiais do bebê humano, sendo sua manifestação um recurso que lhe garante a própria sobrevivência. Esta temática tem sido bastante estudada, usualmente, na relação do bebê com adultos, mais particularmente com a mãe, em condições de laboratório e ambiente doméstico. No entanto, novas configurações sociais emergiram, em que o cuidado da criança pequena tem sido cada vez mais compartilhado com instituições de educação infantil, onde os pares de idade são os parceiros mais frequentes. A revisão da literatura relacionada à expressividade emocional entre pares de bebês evidencia lacunas nesse campo, e há autores que afirmam o não reconhecimento da ocorrência mesmo da interação, já que a interação entre coetâneos nos dois primeiros anos de vida não é vista como viável. Com isso, traçamos o objetivo de verificar *se ocorrem* manifestações de expressividade emocional de sorriso e choro em interações de pares de bebês, no ambiente do berçário de uma creche. E, em ocorrendo, investigar *como* se dão. Com embasamento teórico-metodológico na Rede de Significações, realizamos um estudo longitudinal de casos múltiplos, com análise qualitativa. Participaram da pesquisa dezoito bebês de uma creche pública localizada no interior do Estado de São Paulo, e três educadoras responsáveis pela turma. Dentre os bebês, Tiago (cinco a dez meses de idade) e Bruno (oito meses a um ano e um mês de idade) foram sujeitos focais, sendo acompanhados durante cinco meses, através de videografações semanais de trinta minutos para cada bebê. A análise do material empírico se dividiu em duas etapas: 1) mapeamento das ocorrências de sorriso e choro, discriminando os parceiros com os quais os bebês interagiram ao se expressar; e, 2) análise qualitativa dos episódios interativos nos quais Bruno e Tiago se expressaram emocionalmente com os pares. A partir das diferentes formas de expressão do bebê, tanto com base na literatura como no material empírico analisado, foram criadas as categorias de riso, sorriso, choramingo, choro e choro prolongado. Realizada a análise, não se verificou a ocorrência de risos nas interações dos bebês, pelo menos nos dias em que foram feitas as gravações. Com relação aos sorrisos de Tiago, observamos que se manifestaram em situações lúdicas, e se modificaram ao longo do tempo. Por volta dos oito / nove meses do bebê, os sorrisos passaram a ter repercussão nos parceiros, que brevemente reagiram à expressão. No caso de Bruno, também aos nove meses ele passou a manifestar alguns sorrisos que repercutiram e contagiavam os pares de idade. Os sorrisos de Bruno se manifestaram com uma riqueza de sentidos identificáveis nas interações, não sorrindo apenas *aos* pares, mas também *dos* pares e *com* os pares. Apesar das mudanças nos sorrisos dos bebês ao longo do tempo, o processo não se manifestou de modo linear. Nas expressões de choro dos bebês não se observou mudanças nas interações com os pares, apenas diferenças na qualidade e duração de tempo. As interações de pares em que Tiago chorou estavam relacionadas, em sua maioria, ao incômodo decorrente de invasões físicas sobre o bebê. Já no caso de Bruno, na maior parte das vezes, as interações compreendiam incômodo por situações de competição ou perda de brinquedos. Em ambas as expressões estudadas, observamos que sorrisos, apesar de menos frequentes entre os pares, contagiaram mais do que os choros, no sentido de haver alguma reação por parte dos pares. É oportuno apontar, neste momento, a relevância de estudos futuros sobre esta temática investigativa, haja vista a importância e a riqueza das manifestações de expressividade emocional nas interações de bebês que convivem em ambiente coletivo.

Palavras-chave: Bebês. Expressividade emocional. Sorriso. Choro. Creche.

ABSTRACT

Dentz, M. V. (2016). Smiling and crying emotional expressions in infant-peer relationships in day care center context. Master's Thesis, Psychology Department, Faculty of Philosophy Sciences and Languages of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto.

Emotional expression is a primary means of human infant communication and its manifestation is a resource that guarantees their survival. This theme has been extensively studied, usually in the infant's relationship with adults, more particularly with the mother, in laboratory conditions and home environment. However, new social configurations have emerged in which the care of young children has been increasingly shared with educational institutions, where infant peers are the most frequent partners. A literature review related to emotional expressiveness among infant peers highlights gaps in this field, and there are authors who do not recognize the occurrence infant peer interaction, since such phenomenon in the first two years of life is not seen as feasible. Thus, this work aims to verify if there are manifestations of smiling and crying emotional expressions in infant peer interactions in a day care nursery environment. And, if affirmative, we'll seek to investigate how do these manifestations occur. With theoretical and methodological basis in the Network of Meanings perspective, we conducted a longitudinal a multiple case study cases with qualitative analysis. The participants were eighteen infants from a public day care center in the state of São Paulo, with three teachers responsible for the class. Among all the babies, Tiago (five to ten months old) and Bruno (eight months to one year and one month of age) were the focal subjects. Weekly thirty-minute (per participant) video recordings were conducted for five months. The analysis of the empirical material was developed in two stages: 1) mapping of smiling and crying expressions in peer-interaction, identifying the peer involved; and, 2) qualitative analysis of interactive episodes in which the focal subjects emotionally expressed themselves with peers. Based on different forms of infant expression, both based on the literature and empirical data, the following emotional expression, categories were created: laughter, smiling, whimpering, crying and prolonged crying. In the analysis, there was no occurrence of laughter in infant peer interactions, at least in the scenes recorded. Regarding Tiago, smiles were first manifested in play situations and changed over time. Around eight / nine months both subjects` smiling began to impact partners, who would briefly respond to the expression. Bruno smiling episodes demonstrated a variety of senses identifiable in the interactions, smiling not only toward peers, but also with and due to peers. Despite the changes in the subjects` smiling over time, the process were not expressed in a linear fashion. In crying expressions, change concerning quality and length of expressions was observed, but there were no differences in peer interactions. Peer interactions in which Tiago cried were related mostly to the discomfort arising from intrusive physical contact with other babies. In Bruno`s case, crying occurred mostly in interactions involving annoyance by competition situations or loss of toys. For both expressions studied, we found that smiles, although less frequent among peers, have caused more reaction in peers. Future studies investigating this theme are needed, given the importance and great variety of the emotional expressiveness manifestations in infants peer interactions in collective environments.

Keywords: Infants. Emotional expressiveness. Smiling. Crying. Day care

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1. Processo de seleção de artigos da revisão bibliográfica nas bases de dados35

Tabela 2. Distribuição das crianças e educadoras por salas 62

Quadro 1. Categorias de expressividade emocional de sorriso75

Quadro 2. Categorias de expressividade emocional de choro76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Países de publicação dos artigos selecionados para análise	37
Gráfico 2. Distribuição das publicações por décadas	40
Gráfico 3. Tipos de estudos analisados	41
Gráfico 4. Perspectivas metodológicas dos estudos	42
Gráfico 5. Recursos de coleta de dados	43
Gráfico 6. Ocorrências de sorrisos e choros emitidos por Tiago	81
Gráfico 7. Ocorrências de sorrisos e risos na relação de Tiago com pares	83
Gráfico 8. Ocorrências de choramingos, choros e choros prolongados na relação de Tiago com pares.....	96
Gráfico 9. Ocorrências de sorrisos e choros de Bruno na relação com os diferentes parceiros	114
Gráfico 10. Ocorrências de sorrisos e risos na relação de Bruno com pares.....	116
Gráfico 11. Ocorrências de choramingos, choros e choros prolongados na relação de Bruno com pares.....	131

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Planta da sala do Berçário 1	62
Figura 2. Planta da sala do Berçário 2	63
Figura 3. Tiago	67
Figura 4. Bruno	67
Figura 5. Expressão de sorriso	74
Figura 6. Expressão de riso	75
Figura 7. Expressão de choramingo	76
Figura 8. Expressão de choro	76
Figura 9. Expressão de choro prolongado	76
Figura 10. Cena 1	84
Figura 11. Cena 2	84
Figura 12. Cena 3	84
Figura 13. Cena 4	84
Figura 14. Cena 5	84
Figura 15. Cena 5	84
Figura 16. Cena 6	84
Figura 17. Cena 1	89
Figura 18. Cena 2	89
Figura 19. Cena 3	89
Figura 20. Cena 4	89
Figura 21.	92
Figura 22.	92
Figura 23.	92
Figura 24.	92
Figura 25.	92
Figura 26.	92
Figura 27. Cena 1	97
Figura 28. Cena 2	97
Figura 29. Cena 3	97
Figura 30. Cena 4	97
Figura 31. Cena 5	97
Figura 32. Cena 6	97
Figura 33. Cena 1	100
Figura 34. Cena 2	100
Figura 35. Cena 3	100

Figura 36. Cena 4	100
Figura 37. Cena 5	100
Figura 38. Cena 6	100
Figura 39. Cena 7	100
Figura 40. Cena 1	104
Figura 41. Cena 2	104
Figura 42. Cena 3	104
Figura 43. Cena 4	104
Figura 44. Cena 1	117
Figura 45. Cena 2	117
Figura 46. Cena 3	117
Figura 47. Cena 4	117
Figura 48. Cena 5	117
Figura 49. Cena 6	117
Figura 50. Cena 7	117
Figura 51. Cena 8	117
Figura 52. Cena 9	117
Figura 53. Cena 10	117
Figura 54. Cena 11	117
Figura 55. Cena 12	117
Figura 56. Cena 1	123
Figura 57. Cena 2	123
Figura 58.	126
Figura 59.	126
Figura 60.	126
Figura 61.	126
Figura 62. Cena 1	132
Figura 63. Cena 2	132
Figura 64. Cena 3	132
Figura 65. Cena 4	132
Figura 66. Cena 5	132
Figura 67. Cena 6	132
Figura 68. Cena 7	132
Figura 69. Cena 8	132
Figura 70. Cena 9	132
Figura 71. Cena 10	132
Figura 72. Cena 1	136

Figura 73. Cena 2	136
Figura 74. Cena 3	136
Figura 75. Cena 4	136
Figura 76. Cena 1	140
Figura 77. Cena 2	140
Figura 78. Cena 3	140
Figura 79. Cena 4	140

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	29
1.1 CRECHES: UMA ALTERNATIVA PARA AS FAMÍLIAS NA CONTEMPORANEIDADE	31
1.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	32
1.2.1 O processo de busca	33
1.2.2 Dos resultados das buscas	35
1.2.3 Dos artigos selecionados para análise	36
1.2.4 Dos países onde foram publicados os estudos sobre emoções em bebês	36
1.2.5 Fluxo de publicações	39
1.2.6 Tipos de trabalhos encontrados e questões metodológicas	41
1.2.7 Expressões faciais ou emocionais em bebês: por quais caminhos nos levam os estudos	46
1.2.8 Expressões emocionais consideradas para além da face	47
1.2.9 Expressividades emocionais dos bebês nos estudos	48
2 OBJETIVO	53
3 METODOLOGIA	55
3.1 A PERSPECTIVA QUALITATIVA	55
3.2 A REDE DE SIGNIFICAÇÕES: UMA PERSPECTIVA DE COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	56
3.3 ASPECTOS ÉTICOS E MATERIAL EMPÍRICO	59
3.4 O AMBIENTE COLETIVO DA INSTITUIÇÃO (CRECHE): CONTEXTUALIZAÇÃO	61
3.5 ESTUDO DE CASO	65
3.6 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA E OS “CASOS” FOCALIS	66
3.7 VIDEOGRAVAÇÃO COMO RECURSOS DE COLETA DE DADOS	68
3.8 NOTAS DE CAMPO	70
3.9 A CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA ANÁLISE	72
3.9.1 Criando novas categorias à <i>posteriori</i>	73
3.9.2 A seleção de episódios	77
4 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO	79
4.1 O BEBÊ TIAGO: RESUMO DAS GRAVAÇÕES	79

4.1.1 As expressões emocionais de Tiago (entre 5 meses e 10 meses de idade).....	81
4.1.2 As expressões emocionais de Tiago relacionadas ao sorriso	82
4.1.3 Descrição do episódio de sorriso de Tiago: <i>Isis, Tiago e o Cogumelo!</i>	84
4.1.4 Análise e discussão do episódio de sorriso de Tiago: <i>Isis, Tiago e o Cogumelo!</i>	85
4.1.5 Descrição do episódio de sorriso de Tiago: <i>Aos arredores de um carrinho!</i>	89
4.1.6 Análise e discussão do episódio de sorriso de Tiago: <i>Aos arredores de um carrinho!</i>	90
4.1.7 Os sorrisos de Tiago nas interações com pares: transformações ao longo do tempo.....	92
4.1.8 Expressividades emocionais de Tiago relacionadas ao choro	95
4.1.9 Descrição do episódio de choro prolongado de Tiago: <i>Apoiado sobre a mão!</i> ..	97
4.1.10 Análise e discussão do episódio de choro prolongado de Tiago: <i>Sentado sobre a mão!</i>	98
4.1.11 Descrição do episódio de choramingo de Tiago: <i>A bexiga e os beliscões!</i>	100
4.1.12 Análise e discussão do episódio de choramingo de Tiago: <i>A bexiga e os beliscões!</i>	101
4.1.13 Descrição do episódio de choro de Tiago: <i>Lara, Tiago e a girafa!</i>	103
4.1.14 Análise e discussão do episódio de choro de Tiago: <i>Lara, Tiago e a girafa!</i> .	104
4.1.15. Os choros de Tiago ao longo do tempo.	106
4.2. O BEBÊ BRUNO: RESUMO DAS GRAVAÇÕES.....	110
4.2.1 Expressões emocionais de Bruno (entre 8 meses e 1 ano e 1 mês de idade) ...	113
4.2.2 Expressões emocionais de Bruno relacionadas ao sorriso/riso	115
4.2.3 Descrição do episódio de sorriso de Bruno: Expressões e gestos que comunicam!	117
4.2.4 Análise e discussão do episódio de sorriso de Bruno: Expressões e gestos que comunicam!	119
4.2.5 Descrição do episódio de sorriso de Bruno: Brincando de esconder e mostrar!	123
4.2.6 Análise e discussão do episódio de sorriso de Bruno: <i>Brincando de esconder e mostrar!</i>	124
4.2.7 Os diversos sorrisos de Bruno	126
4.2.8 Expressividades de Bruno relacionadas ao choro.....	130
4.2.9 Descrição do episódio de choramingo de Bruno: Choramingos em evidência!	132

4.2.10 Análise e discussão do episódio de choramingo de Bruno: Choramingsos em evidência!.....	134
4. 2.11 Descrição do episódio de choro prolongado de Bruno: O choro que se prolonga!	136
4.2.12 Análise e discussão do episódio de choro prolongado de Bruno: O choro que se prolonga!.....	137
4.2.13 Descrição do episódio de choro de Bruno: Não toque em mim!	140
4.2.14 Análise e discussão do episódio de choro de Bruno: <i>Não toque em mim!</i>	141
4.2.15 Os choros de Bruno ao longo do tempo.....	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS	157
APÊNDICES	165
ANEXOS	172

1 INTRODUÇÃO

O processo de realização desta pesquisa é um desdobramento de minha experiência profissional ligada à educação infantil anterior ao ingresso no mestrado, mais especificamente através do trabalho em creches, onde se tem enfrentado uma realidade de escassas estratégias práticas e pouco material empírico para o trabalho com bebês. Isso acabou por levantar questões investigativas referentes ao comportamento, aos modos de expressão e ao desenvolvimento de bebês na creche; e, particularmente, referentes a processos que envolvem a interação do bebê com pares.

Frente a essa questão, e instigada a adentrar no meio acadêmico, através do contato com a Profa. Dra. Katia de Souza Amorim, orientadora desta pesquisa, passei a fazer parte das discussões do grupo de estudos do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI). A minha participação no referido grupo de estudos representou um espaço privilegiado para nortear minha proposta de pesquisa e formação.

Para contextualizar as compreensões de alguns dos diversos aspectos relacionados ao desenvolvimento em bebês humanos, tornou-se premente resgatar teorias tanto de autores clássicos como contemporâneos. Particularmente, destacam-se aqui autores a tratar das relações afetivas de bebês. Para iniciar essa discussão, pelo seu impacto no campo, importa mencionar Bowlby.

A teoria do apego de John Bowlby (1989) foi desenvolvida por ele com o intuito de explicar o comportamento de apego, isto é, “qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo claramente identificado, considerado mais apto para lidar com o mundo” (p. 38-39). Segundo Bowlby (1969/1990), um bebê já nasce “equipado com um certo número de sistemas comportamentais prontos para serem ativados”, havendo um sistema predisposto a receber estímulos que vão sendo fortalecidos ou enfraquecidos por estímulos outros (p.28).

A partir dessa perspectiva, Bowlby (1989) discute a presença do apego no desenvolvimento da criança, os tipos de apego constituídos (seguro ou inseguro), destacando particularmente as principais figuras de apego (como a mãe), além de discorrer sobre outros apegos estabelecidos por indivíduos ou crianças com outras pessoas de maneira especial. Segundo ele, tal comportamento é mais óbvio na infância, porém pode ser observado durante todo o ciclo da vida.

Como outros autores, Bowlby dá destaque ao papel do outro, do parceiro social, sendo que um dos elementos considerados como de relevo no processo é o papel e a constituição do vínculo afetivo.

Numa abordagem etológica, Carvalho (2005), ao tratar sobre a vinculação no ser humano, enfatiza dois aspectos em relação àquela. O primeiro diz respeito ao não conhecimento de contextos de vida humana com ausência total de vinculação, sendo que é com o outro e através do outro que se constitui o ser humano em sua individualidade. O segundo aspecto se refere à não implicação de valor de juízo moral sobre a noção de vínculo afetivo, uma vez que, independente do vínculo envolver afeto positivo ou negativo, o mesmo segue estabelecendo uma forma de relação e de construção de identidade e lugar no mundo.

Ao falar do papel do vínculo nas famílias humanas como um componente da sociabilidade, aquela autora sugere que o vínculo se apresenta como elemento estrutural inerente às várias formas de famílias e relações extrafamiliares, estas últimas compreendendo a rede social mais ampla.

Dentre os diversos parceiros no estabelecimento da vinculação, Carvalho (2005) aborda a importância da relação do adulto com a criança. Apesar desse enfoque, ela também afirma que, em ambientes coletivos, onde mais frequentemente interagem parceiros de idade, os coetâneos têm funções complementares às dos adultos. Mais do que isso, ela ressalta que os pares, “sob certos aspectos, são mais eficazes na construção de conhecimentos compartilhados, na participação na dinâmica do relacionamento social e no desenvolvimento de habilidades sociais” (p.8).

Ao fazer tais afirmações, a autora coloca as emoções e a afetividade em destaque no desenvolvimento dos processos. E, para compreendermos a existência e a função das emoções, recorremos ao teórico francês Henri Wallon (1879-1962), que teve por objeto de estudo a origem dos processos psíquicos que constituem a pessoa. Orientando-se por uma visão integrada do desenvolvimento humano, Wallon considera a afetividade, a motricidade e a inteligência como aspectos constitutivos indissociáveis neste processo, sendo que as emoções ocupam um lugar central em sua teoria psicogenética (Galvão, 2003).

Para ele, as emoções se manifestam como o canal primeiro das trocas psíquicas e, através de suas expressões, a criança manifesta e conquista a ajuda do outro. A emoção seria, pois, o instrumento “através do qual ocorre a socialização na relação com o outro” (Ferreira, 2013, p. 23). De acordo com esta autora, “as considerações de Wallon sobre as emoções estão diretamente ligadas ao desenvolvimento do bebê, uma vez que a emoção é para ele uma das características principais no primeiro ano de vida” (p. 23). O bebê necessita do outro para a

sobrevivência e, neste aspecto, as possibilidades psíquicas do outro estão orientadas para o cuidado do bebê.

Para Wallon (1938/1999), “as emoções se identificam como uma ação para o mundo exterior” (p.144), sendo a contagiosidade de um indivíduo para o outro próprio da sua natureza, que tem por característica essencial provocar reações, atitudes e sentimentos em um grupo de pessoas.

De acordo com Galvão (2003), mesmo através de expressões emocionais bem primitivas, como o sorriso e o choro, o bebê humano mobiliza as pessoas de seu entorno numa espécie de contágio afetivo, levando o adulto a atribuir significados a tais expressões, o que resulta em ações pertinentes às suas concepções, junto ao bebê.

Dadas às características de contagiosidade e intersubjetividade das emoções, tradicionalmente reconhecidas e estudadas na relação de adultos com bebês, a proposta desta pesquisa levanta interrogações acerca da possível capacidade de bebês coetâneos, os quais convivem em ambientes coletivos, interagirem e expressarem emoções entre si.

Os ambientes coletivos aqui tratados se referem às creches, instituições de educação infantil que vêm crescendo como opção de compartilhamento de cuidado para as famílias em diversas culturas.

1.1 CRECHES: UMA ALTERNATIVA PARA AS FAMÍLIAS NA CONTEMPORANEIDADE

A saída da mulher/mãe para trabalhar fora de casa, associada à menor rede de apoio, tem impelido as famílias a procurarem soluções alternativas e complementares ao cuidado e à educação dos filhos, tanto no ambiente doméstico (avós, vizinhas, empregadas, babás), como em instituições – escolinhas, berçários e creches (Amorim & Rossetti-Ferreira, 1999; Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2012). Isso tem levado a uma nova organização social, em que a mãe deixa a criança (mesmo a bem pequena) em ambientes de educação coletiva, representando nova configuração dentro das famílias e de suas relações (Amorim & Anjos et al., 2012).

Autores como Carvalho (2005) mencionam alguns contextos infantis coletivos como não favoráveis ao desenvolvimento de vínculo afetivo estável no processo de desenvolvimento da criança. No entanto, as interações e os modos de manifestação de

crianças com seus coetâneos têm sido pouco investigados, se comparados com relação a parceiros adultos, com os quais a literatura traz maiores vantagens sobre o relacionamento desses com a criança. Quando se discute interação de pares de bebês, há inclusive um descrédito na sua ocorrência. Como afirmam Brownell, Ramani e Zerwas (2006), a coordenação de crianças de um ano de idade parece ser mais coincidência do que uma atividade cooperativa, enquanto que crianças mais velhas parecem mais ativamente cooperar em direção a uma meta. Os autores concluem, assim, que a habilidade de cooperar com seus pares, tornando-se um verdadeiro parceiro social, desenvolve-se depois dos segundos e terceiros anos de vida, habilidade aquela ligada à crescente compreensão social.

Ainda, quando se trata da expressividade entre crianças que participam de uma instituição, a perspectiva muitas vezes é negativa. De acordo com Belsky (2009), a creche, especialmente nos primeiros anos de vida, afeta o desenvolvimento do bebê devido à separação diária da mãe. Tal fenômeno (a separação) colabora para desenvolver na criança uma relação de apego inseguro, que interfere negativamente no bem-estar emocional da mesma.

No entanto, as interações de bebês com seus coetâneos vêm ganhando foco e interesse, havendo uma perspectiva diferenciada das anteriormente citadas (Anjos, Amorim, Vasconcelos & Rossetti-Ferreira, 2004; Amorim & Anjos et al., 2012). Tais interações são entendidas como ocorrendo entre bebês parceiros de idade, cada vez mais precocemente, em função de transformações socioeconômicas e culturais, que têm levado a crescente compartilhamento do cuidado mesmo de bebês em ambientes coletivos de educação, a saber, as creches (Amorim, Rosetti-Ferreira & Vitória, 2000; Anjos et al., 2004).

Diante dessas posições contraditórias, buscamos compreender como a emoção em bebês em ambientes coletivos tem sido mais amplamente investigada e definida na literatura contemporânea. Para isso, conduziu-se uma revisão bibliográfica sistemática sobre expressividade emocional em bebês, sobre a qual trataremos a seguir.

1.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica deste estudo visou alcançar, através de portais e bases de dados nacionais e internacionais, o maior número de trabalhos possíveis condizentes ao tema da expressividade emocional entre pares de bebês em creche.

A priori, importa mencionar que toda revisão bibliográfica consiste em um recorte, uma vez que nem todas as pesquisas existentes estão indexadas em bases de dados. Ademais, certamente, para além das bases de dados investigadas, e mesmo das que nos foram acessíveis, existem outras a que não se têm acesso fácil. Buscamos, ainda, utilizar as palavras-chave que pudessem mais facilmente encontrar trabalhos sobre a temática. Apesar disso, outras palavras podem ter sido usadas pelos diversos autores, fazendo com que não tivéssemos acesso às suas produções. Isso nos permite indicar, desde já, os limites desta revisão.

No entanto, tais elementos não nos impedem de considerar a presente revisão bibliográfica um trabalho rigoroso, confiável, e que permite ao pesquisador situar de maneira geral o objeto de estudo no campo do conhecimento, mesmo porque toda a trajetória de buscas é descrita detalhadamente, com seus respectivos resultados.

1.2.1 O processo de busca

Para a realização da revisão bibliográfica, inicialmente foram feitos testes com diversas palavras-chave e descritores, em diversos portais e bases de dados acessíveis. Com isso, estabelecemos para as buscas aquelas palavras-chave e bases de dados que nos trouxeram o maior número de resultados pertinentes à questão da revisão: “expressividade emocional entre pares de bebês, em creche”.

Utilizamos para as buscas, no portal BVS Psicologia Brasil, as bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC); e, em sua própria fonte (não através do Portal BVS Psicologia Brasil), a base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Com o intuito de ampliar as buscas internacionais, utilizamos a base de dados de psicologia organizada pela Associação Americana de Psicologia – PsycINFO. Ainda, por se tratar de questão também relacionada à educação infantil, recorreu-se à base de dados Education Resources Information Center (ERIC – ProQuest Academic).

As palavras selecionadas e cruzadas para as buscas foram as seguintes: bebê(s), *baby*, *infant development*, interação, *social interaction*, emoção, *facial expression*, *emotion*, creche, *day care e nursery*. As combinações das palavras nas bases são explicitadas na tabela 1, mais abaixo. A opção pela utilização de palavras-chave em detrimento de descritores ocorreu devido ao reduzido número de trabalhos que se apresentavam como resultado das buscas com terminologias e descritores propostos naquelas bases.

Tendo definidas as combinações de palavras-chave, a tarefa frente aos resultados brutos foi estabelecer formas de filtrar os trabalhos e selecionar aqueles que melhor se aproximassem da discussão das expressões emocionais entre bebês em creche. Dizemos “forma aproximada” porque em todas as buscas tivemos dificuldade de encontrar trabalhos que falassem da emoção entre pares de bebês, muito menos em creche. Levando tais elementos em consideração, elencamos os seguintes critérios de inclusão dos estudos:

- Artigos que estudam bebês humanos na primeira infância; foco no primeiro ano de vida, e sem limitação de data de publicação. Acrescentamos também outros trabalhos sobre emoção em crianças pequenas com mais de um ano de vida para fins de discussão, devido à aproximação com a idade tratada nesta pesquisa.
- Artigos em que o bebê aparece como agente da emoção, aquele que expressa a emoção, *preferencialmente* em creche e com o par. As primeiras buscas resultaram em números demasiadamente reduzidos de artigos ao restringirmos para “*emoção entre pares de bebês em creche*”. Por isso, incluímos também outros artigos relacionados à expressividade emocional em bebês que abordam outras relações e/ou contextos, a fim de realizar a discussão sobre emoção na faixa etária explicitada.
- Artigos que discutem as expressões emocionais em bebês de forma geral ou alguma expressão específica na primeira infância, com foco no primeiro ano de vida.
- Artigos publicados nos idiomas português, inglês, espanhol e francês.

Dentre os trabalhos encontrados, as escolhas pela exclusão foram baseadas nos seguintes motivos: publicação em idiomas que não fossem o português, inglês, francês e espanhol; porque se propunham a estudar crianças mais velhas; por se tratar de trabalhos de áreas alheias àquelas que estudam o desenvolvimento humano; por estarem em formato de teses/livros; e, ainda, por não condizerem com os objetivos propostos nesta revisão.

Os filtros utilizados nas bases de dados, detalhados na tabela abaixo, se incluem nos critérios de inclusão supracitados.

Na tabela 1, a seguir, apresentamos as bases de dados e as combinações de palavras-chave, a quantidade de artigos encontrados, os filtros utilizados (ou não) para cada base, e o número de artigos encontrados antes e depois da utilização dos filtros.

Tabela 1. Processo de seleção de artigos da revisão bibliográfica nas bases de dados

Bases de dados	Palavras-chave	Art.	Filtros	Art.	Art. análise
Scielo e PePSIC (BVS Psicologia Brasil)	bebê\$ AND emoção	6	s/ filtro	06	5
	bebê\$ AND interação	135	s/ filtro	135	06
	bebê AND creche	50	s/ filtro	50	06
LILACS	bebê\$ AND emoção	23	s/ filtro	23	02
LILACS	bebê\$ AND interação	436	Tipo de documento: artigo Assunto: creches, educação infantil, desenvolvimento infantil, lactente. Limite: humanos, lactentes, recém-nascido, criança.	44	00
LILACS	bebê AND creche	60		27	03
ERIC ProQuest	(infant development OR baby) AND social interaction AND (day care OR nursery)	109	Tipo de documento: artigo. Idiomas: Inglês, francês e espanhol.	26	03
	(infant development OR baby) AND (facial expression. OR emotion) AND (day care OR nursery)	21		06	01
PsycInfo	(infant development OR baby) AND social interaction AND (day care OR nursery)	84	Artigo de jornal, humanos, 02 a 23 meses	41	03
	(infant development OR baby) AND (facial expression. OR emotion) AND (day care OR nursery)	05	s/ filtro	05	02
TOTAL		929		363	31

1.2.2 Dos resultados das buscas

Conforme observamos na tabela 1, a primeira busca nas diferentes bases de dados com as respectivas combinações de palavras-chave resultou em 929 artigos, os quais foram filtrados em algumas bases de dados (LILACS, ERIC e PsycINFO), reduzindo o número para 363 artigos, dos quais foram lidos todos os títulos e resumos. Através desta leitura, foram

excluídos todos aqueles trabalhos que não se enquadravam nos critérios de inclusão, resultando em 31 trabalhos.

1.2.3 Dos artigos selecionados para análise

Os artigos selecionados foram 31, sobre os quais debruçamo-nos, a fim de fazer a leitura de cada um na íntegra. Durante esta tarefa foram excluídos sete artigos, que tratavam dos seguintes temas: aplicação dos conceitos psicanalíticos às interações na creche – foco na ansiedade dos adultos (Elfer, 2007); cuidados e cuidadores de crianças na Índia com especificidades da cultura local e meio rural (Sharma & LeVine, 1998); comparação de bebês de creche e domiciliados – formas de cuidado e consequências para a criança (Bernardino & Kamers, 2003); responsividade dos educadores através dos cuidados (Bressani, Bosa & Lopes, 2007); funcionamento mental dos bebês e a função da creche (Fensterseifer, 2008); as diferenças individuais que auxiliam nas expressividades (Tautermannova, 1973); ajustamento e causas de tipos de expressividade do bebê na relação com a mãe (Kim & Moon, 2011).

Os artigos selecionados para análise, após a leitura integral dos textos, foram 24, os quais foram organizados em uma *Planilha do Microsoft Excel*, a fim de detalhar informações gerais que ajudaram a nos situar no tema em estudo. Na planilha, destacou-se: nome dos artigos, autores, ano de publicação, país de realização do estudo e tipos de estudos (empíricos, teóricos e de revisão). Dos estudos empíricos, discriminou-se: longitudinal e transversal, qualitativo e quantitativo, dentre outros. A partir de alguns dados da planilha, foram construídos gráficos, cujos resultados são apresentados e discutidos na sequência.

1.2.4 Dos países onde foram publicados os estudos sobre emoções em bebês

Dos trabalhos selecionados para análise, organizamos graficamente a disposição dos países onde foram publicados os artigos e desenvolvidos os estudos.

Gráfico 1. Países de publicação dos artigos selecionados para análise

Através do gráfico, observa-se que a maior parte dos estudos encontrados sobre expressividade de bebês em creche situa-se no Brasil (17), seguido da França (2). Demais países como Holanda, Estados Unidos, Espanha, Dinamarca e Austrália apresentaram apenas um artigo publicado em cada país.

Previamente, importa considerar que o elevado número de artigos realizados e publicados no Brasil não significa que o país é pioneiro no estudo da emoção entre pares de bebês de creche, mesmo porque, também no Brasil, não foram encontrados trabalhos que especificamente tratassem desta temática. Mas, segundo os dados encontrados, o Brasil é o país que apresenta maior quantidade de trabalhos que se aproximam da temática, e que, implicitamente, citam ocorrências de expressividades emocionais entre pares de bebês de creche.

Desta forma, no âmbito nacional, encontramos alguns trabalhos que abordam as expressões emocionais e faciais de forma direta (Bergamasco, 1997; Mendes & Seidl-de-Moura, 2009a; Mendes & Seidl-de-Moura, 2009b; Pantoja & Goens, 2000). Apesar disso, as emoções dos bebês não eram analisadas como ocorrendo nas relações entre pares, e tampouco em ambiente de creche. Já outros trabalhos (Saullo, Rossetti-Ferreira & Amorim, 2013; Amorim & Anjos et al., 2012; Amorim, 2012; Amorim, Costa, Rodrigues, Moura & Ferreira, 2012; Rossetti-Ferreira, Amorim & Oliveira, 2009; Fensterseifer, 2008; Bressani et al., 2007; Anjos et al., 2004; Vasconcelos, Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2003; Bernardino & Kamers, 2003; Zanella & Andrada, 2002; Melchiori & Biasoli-Alves, 2002; Melchiori & Alves, 2000) apresentaram expressões emocionais implicitamente, mas o foco das discussões

eram outros (mordida, processo de significação (2), práticas pedagógicas, funcionamento mental de bebês, responsividade do educador, eventos interativos de bebês, incompletude motora, afetividade de bebês em casa e na creche, mediação, comportamento de bebês na separação dos pais e rotinas da creche), dando pouca ênfase às emoções, apesar de serem citadas. Tais estudos serão mais bem detalhados e as emoções explicitadas ainda nesta revisão.

Quanto à escassez de trabalhos no exterior, nossa hipótese é que os resultados se relacionam a questões políticas e concepções sobre ambientes adequados para crianças pequenas em outras culturas. Conforme discutido por Amorim e Rossetti-Ferreira (1999), pesquisadores/políticos anglo-saxões e norte-americanos, culturalmente valorizam o cuidado da criança pequena pela mãe e em domicílio, em detrimento de ambientes coletivos, questionando a creche como lugar adequado para o cuidado das crianças pequenas. Um estudo mais recente, realizado por Rutanen, Amorim, Colus e Piattoeva (2014), compara políticas do Brasil e da Finlândia relacionadas aos cuidados e educação para crianças de zero a três anos de idade. O trabalho discute que, enquanto no Brasil as preocupações estão relacionadas ao aumento da assistência e cuidado através de instituições de educação infantil, na Finlândia a discussão é sobre como melhor desenvolver a atenção domiciliar com apoio financeiro do Estado, já que naquele país o cuidado domiciliar é visto como o mais adequado para a criança de zero a três anos de idade.

Entretanto, segundo Amorim e Rossetti-Ferreira (1999), em outros países, como França e Israel, a instituição creche se encontra mais enraizada. Pelos resultados desta revisão bibliográfica, na ordem de maior número de trabalhos encontrados, após o Brasil, temos a França. Já de Israel não nos foi possível acessar estudos.

Um dos trabalhos desenvolvido na França e publicado no mesmo país (Rouchouse, 1978) discute a comunicação não verbal entre pares de bebês em creche, enfatizando comportamentos de agressividade e mencionando o sorriso como uma forma de comunicação não verbal em bebês entre 4 e 7 meses. O estudo é transversal, com apenas uma gravação de 10 minutos para os bebês.

O outro estudo encontrado, publicado no Brasil, mas que se refere a uma análise sobre um livro escrito originalmente em francês - “Os bebês entre eles: descobrir, brincar e inventar juntos” (Stambak et al., 1983), destaca a importância da discussão sobre interações de bebês para a educação infantil brasileira, na medida em que comprova a existência de uma vida social rica e autônoma entre os bebês, que acontece sem a necessária intervenção dos adultos (Lima, 2012).

Os trabalhos franceses citados foram desenvolvidos três a quatro décadas atrás (1978 e 1983), e precedem o fluxo de publicações sobre interação entre pares de bebês no Brasil (1990 – 2014), o que nos leva a supor que devam existir, atualmente, outras investigações na França sobre expressividades entre bebês de creche. No entanto, não nos foi possível obter acesso, pelo limite da revisão, em função da (im)possibilidade de acesso a bancos de dados mais ligados àquele país. Tal inquietação é levantada como uma possibilidade de busca em futuras pesquisas.

Além dos trabalhos franceses, aqueles outros desenvolvidos e publicados em países estrangeiros (Finkelstein, Dent, Gallacher & Ramey, 1978; Weltzer, 1985; Chóliz & Martínez-Sánchez, 2012; Nyland, 1999; Deynoot-Schaub & Riksen-Walraven, 2006) discutem temas relacionados às interações sociais entre pares, mudança de comportamento social em bebês, formas de identificar choros de bebês, a sociabilidade da criança, e o ajustamento emocional entre crianças de creche. Apesar de mencionarem questões relacionadas à sociabilidade entre bebês, somente alguns dos trabalhos, que serão melhor discutidos ainda nesta revisão, discorrem sobre expressões emocionais entre os pares.

Dando sequência à análise dos trabalhos, expomos visualmente o fluxo – que se mostrou crescente - de publicações nas últimas décadas.

1.2.5 Fluxo de publicações

Dos trabalhos analisados nesta revisão bibliográfica, em função do recorte, do objetivo do estudo, das bases de dados acessadas, e dos critérios de inclusão e exclusão, temos as décadas em que ocorreu um fluxo maior de publicações em detrimento de outras, conforme apresentamos no gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2. Distribuição das publicações por décadas

A partir dos recortes referidos, e em função do objetivo de discriminar *manifestações emocionais* entre bebês de creche, nos artigos selecionados e analisados observamos que até a década de 1990 houve três publicações, sendo que na década de 1980 houve apenas um trabalho localizado, e na década de 1990 três trabalhos. Já a partir de 2000, encontramos um maior volume de publicações, e este número se mantém elevado, com seis trabalhos publicados entre 2010 e 2015.

De acordo com Mendes e Seidl-de-Moura (2009a), na psicologia o estudo das emoções e da afetividade passou por momentos de aproximações e distanciamentos, tendo contado, inclusive, com momentos de quase completo abandono do assunto. Entretanto, segundo as autoras, nas últimas décadas tem ocorrido uma crescente retomada do tema como “objeto de formulação teórica e de pesquisas empíricas” (p.308). O interesse crescente pelas expressões emocionais de bebês parece ser reflexo da importância atribuída às suas habilidades para expressar e lidar com emoções e afetos.

Partindo das proposições das autoras sobre as crescentes publicações de formulações teóricas e pesquisas empíricas relacionadas às habilidades dos bebês, expomos, a partir daqui alguns dos aspectos que envolvem as metodologias e os instrumentos utilizados nos trabalhos encontrados e selecionados nesta revisão.

1.2.6 Tipos de trabalhos encontrados e questões metodológicas

Primeiramente, através do gráfico 3, discriminamos os trabalhos empíricos, teóricos e de revisão bibliográfica desta revisão.

Gráfico 3. Tipos de estudos analisados

Observamos no gráfico 3, acima, que, dos 24 artigos analisados, dezoito (75%) baseiam-se em dados empíricos, cinco (21%) discutem teoria relacionada a aspectos do desenvolvimento na primeira infância, e há apenas um trabalho de revisão bibliográfica sistemática.

O trabalho de revisão bibliográfica (Mendes & Seidl-de-Moura, 2009a) nos serve de apoio para darmos sequência à discussão das expressões emocionais em bebês. A revisão resgata a literatura precedente, onde as emoções são reconhecidas predominantemente na face das crianças, mas não avança às compreensões atuais, referentes ao reconhecimento das emoções para além da face, perpassando por toda a corporeidade da criança (Ferreira, 2013). E tampouco trata de expressividade entre pares de bebês, tema desta pesquisa.

Os artigos teóricos levantam os seguintes assuntos: a existência de uma vida social rica entre bebês sem a intervenção necessária do adulto (Lima, 2012); as reduções teóricas como empecilho para uma compreensão global da criança (Reis, 1991); a separação precoce e as consequências para o desenvolvimento, ao ingresso na creche, no primeiro ano de vida (Rapoport & Piccinini, 2001); as contribuições para práticas pedagógicas mediadoras da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças em creche (Rossetti-Ferreira et al., 2009).

Os artigos teóricos mencionados trazem implicitamente expressões emocionais, tais como sorriso, choro, afeto positivo e negativo, irritação, dentre outros. Mas, conforme relatado, as discussões envolvem questões práticas e de desenvolvimento na primeira infância e em ambiente de creche, sem foco particular nas emoções expressas entre os pares de bebês, apesar de mencionadas nos textos.

Apenas um artigo teórico (Mendes & Seidl-de-Moura, 2009b) discute as origens da expressão do sorriso em bebês. Partindo da perspectiva sociocultural e evolucionista, o trabalho aponta para evidências de que a origem do sorriso contém tanto aspectos inatos como adquiridos pela cultura. No entanto, não trata sobre o sorriso dos bebês em ambiente coletivo.

Já os estudos empíricos, que compreendem 18 (75%) dos 24 trabalhos analisados, por terem relação com nossa proposta de estudo e pela diversidade de meios e técnicas utilizadas para apreender objetos de investigação, serão mais bem explorados quanto a seus delineamentos metodológicos.

Um dos aspectos observados trata da perspectiva metodológica utilizada na realização das pesquisas empíricas, se quantitativas, qualitativas ou quantitativas/qualitativas, conforme podemos visualizar no gráfico 4, abaixo.

Gráfico 4. Perspectivas metodológicas dos estudos

Entre os trabalhos empíricos, encontramos uma tendência predominante de pesquisas perpassadas por abordagens qualitativas (Saullo et al., 2013; Amorim & Anjos et al., 2012; Amorim, 2012; Amorim & Costa et al., 2012; Melchiori & Alves, 2004; Vasconcelos et al., 2003; Anjos et al., 2004; Zanella & Andrada, 2002; Pantoja & Goens, 2000; Nyland, 1999; Weltzer, 1985; Rouchouse, 1978) em detrimento das qualitativas/quantitativas (Melchiori &

Biasoli-Alves, 2002; Melchiori & Alves, 2000; Finkelstein et al., 1978) e quantitativas (Chóliz & Martínez-Sánchez, 2012; Deynoot-Schaub & Riksen-Walraven, 2006; Bergamasco, 1997), o que levanta questões relacionadas à pertinência de metodologias qualitativas para o estudo de questões de desenvolvimento de bebês e de crianças pequenas.

Apesar disso, pode-se chamar a atenção para a presença dos três trabalhos que se utilizam de abordagens qualitativas-quantitativas, tradicionalmente tidas como opostas. Vale frisar, no entanto, que a discussão enquanto oposição é falsa.

Conforme Carvalho, Pedrosa e Amorim (2006), medidas ou quantificações operam sobre qualidades anteriormente definidas. “Qualidades são, portanto, necessariamente anteriores à quantificação, e quantidades implicam qualidades” (p.53). Assim, a oposição quantidade-qualidade pode ser questionada com base em um argumento central: “quantidade e qualidade não se excluem mutuamente, mas são, antes, categorias mutuamente inclusivas” (p. 54).

Ainda, tanto a abordagem qualitativa quanto a quantitativa e qualitativa-quantitativa sugerem técnicas de registro e coleta de dados que permitem apreender os objetos de estudos os quais se objetiva investigar. Assim, através do gráfico 5, apresentamos as técnicas de registro e coleta de dados utilizados nas pesquisas empíricas.

Gráfico 5. Recursos de coleta de dados

Através do gráfico 5, notamos que a videogravação foi a técnica de registro de coleta de dados mais utilizada, encontrada em 14 dos 18 trabalhos empíricos (Saullo et al., 2013; Amorim & Anjos et al., 2012; Amorim & Costa et al., 2012; Chóliz & Martínez-Sánchez, 2012; Amorim, 2012; Deynoot-Schaub & Riksen-Walraven, 2006; Anjos et al., 2004;

Vasconcelos et al., 2003; Zanella & Andrada, 2002; Melchiori & Alves, 2000; Pantoja & Goens, 2000; Bergamasco, 1997; Weltzer, 1985; Rouchouse, 1978). Mas, dentre esses 14 trabalhos que se utilizam das videograções como técnica de coleta de dados, cinco deles também fazem uso das entrevistas (Saullo et al., 2013; Amorim, 2012; Amorim & Anjos et al., 2012; Amorim & Costa et al., 2012; Melchiori & Alves, 2000). Além dos cinco trabalhos que combinam videograções com entrevistas, temos um que se utiliza apenas de entrevistas para obter os dados (Melchiori & Alves, 2004), e outro que combina entrevistas e a observação com notas de registro em diário de campo (Melchiori & Biasoli-Alves, 2002). Temos, ainda, dois trabalhos (Deynoot-Schaub & Riksen-Walraven, 2006; Finkelstein et al., 1978) que se utilizam de testes padronizados para a coleta de dados, um deles combinado com a videogração (Deynoot-Schaub & Riksen-Walraven, 2006).

Observamos também que técnicas de coleta de dados com instrumentos padronizados e videograções em condições experimentais e/ou de laboratório foram utilizadas somente em pesquisas quantitativas (Chóliz & Martínez-Sánchez, 2012; Bergamasco, 1997).

Já as pesquisas qualitativas e qualitativas-quantitativas, citadas no item anterior, se utilizaram de videograções, entrevistas, observação descritiva e/ou diário de campo, algumas delas combinando estes métodos entre si, como visualizamos no gráfico. E, em sua maioria, foram realizadas em ambiente naturalístico, de um modo geral em creches, exceto em três casos que envolveram ambiente hospitalar e de laboratório (Pantoja & Nelson-Goens, 2000; Bergamasco, 1997; Chóliz & Martínez-Sánchez, 2012).

As pesquisas que se utilizam das videograções, em sua maioria, possuem os bebês ou crianças pequenas como foco; já as entrevistas e outros métodos têm como foco central os adultos e as observações do próprio pesquisador.

Um aspecto notável nas técnicas de coleta de dados e que pode ser interessante por se tratar de pesquisas com bebês é o tempo de duração da coleta de dados. Quanto a esse elemento, observamos que está estreitamente ligado ao tipo de pergunta que cada trabalho se propunha a responder.

Assim, encontramos trabalhos que coletam dados uma única vez, ou por um curto período de tempo. Vejamos alguns exemplos: uma única entrevista semiestruturada com 21 educadoras para investigar a forma como elas lidam com o choro dos bebês (Melchiori & Alves, 2004); oito minutos de gravação diária por cinco dias consecutivos para investigar a relação das experiências sociais em mudanças de comportamento social em função da idade (Finkelstein et al., 1978); videogração dos 10 primeiros segundos do choro de bebês (uma vez), para descrever diferentes choros frente ao medo, enfado e dor, e precisão das reações

dos adultos (Chóliz & Martínez-Sánchez, 2012); uma única entrevista com 21 educadores e videograções de 10 minutos para cada bebê para verificar comportamentos de bebês e adultos frente à separação dos pais na frequência na creche (Melchiori & Alves, 2000).

Já outros trabalhos se utilizam de um período mais prolongado de coleta de dados para apreender objetos de pesquisa. Citamos, por exemplo, alguns trabalhos encontrados nesta revisão que se utilizaram de um mesmo banco de dados composto de gravações em vídeo do projeto *Processos de adaptação de bebês a creche* (Rossetti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1994). Neste, 21 bebês de uma creche foram filmados diariamente por três meses, com três horas de gravações diárias, totalizando 72 horas de gravação (Vasconcelos et al., 2003; Anjos et al., 2004; Amorim, 2012; Amorim & Costa et al., 2012). Os trabalhos discutem temas que envolvem interações de bebês, significação, relações afetivas e mediação.

Também o trabalho de Deynoot-Schaub e Riksen-Walraven (2006) descreve gravações em vídeo de bebês de creche por 90 minutos aos 15 meses e aos 24 meses, além de, nas duas fases, utilizar instrumentos de avaliação para medir a ocorrência de estabilidade emocional entre os pares de bebês e a qualidade dos cuidados oferecidos na instituição. Acrescentamos ainda, a pesquisa de Pantoja e Nelson-Góens (2000), onde mãe e bebê frequentaram e foram filmados em laboratório três vezes por semana por um período de três meses para investigar mudanças da vida emocional através das interações da díade, dentre outros.

Deste modo, conforme supracitado, todo o percurso metodológico em pesquisa é estabelecido segundo os objetivos propostos. Entretanto, em se tratando de pesquisas relacionadas a aspectos do desenvolvimento na primeira infância, mais especificamente de bebês, em que busca apreender processos ou algum aspecto que se transforma ao longo do tempo, as pesquisas longitudinais podem ser uma opção bastante eficaz.

De acordo com Cozby (2003), através do método longitudinal, um mesmo grupo de pessoas é observado em diferentes épocas, à medida que se desenvolve (p. 250). E, ao contrário do que se pode pensar, de acordo com Cillessen (2005, citado por Mota, 2010), o delinamento longitudinal “não se aplica apenas a estudos de longo prazo e com muitos indivíduos, mas na psicologia do desenvolvimento adquire importância fundamental, pois permite que se acompanhe o desenvolvimento dos indivíduos ao longo do tempo, sem deixar de se controlar múltiplas variáveis que afetam o desenvolvimento” (p.145). Para os autores, em um estudo longitudinal os mesmos sujeitos são vistos em diferentes momentos, sendo acompanhados ao longo do tempo. Dessa forma é possível controlar diferenças individuais.

Assim, destacamos a importância da realização de pesquisas longitudinais ao tratarmos de questões relacionadas ao desenvolvimento humano e a processos de transformação.

Tendo explorado bem as questões metodológicas utilizadas na orientação das investigações empíricas, e considerando aquelas de conteúdo mais teórico e de revisão bibliográfica, retornamos ao tema das expressões emocionais e formas de abordagem nos estudos.

1.2.7 Expressões faciais ou emocionais em bebês: por quais caminhos nos levam os estudos

Bergamasco (1997) propõe, em seu estudo, uma reflexão sobre a utilização de movimentos expressivos como forma de acesso à consciência de bebês recém-nascidos. A autora realizou estudo de registro de reações de bebês a estímulos nociceptivos¹, olfativos e gustativos. Sua análise evidenciou que o choro e as expressões faciais de agrado e desagrado dos bebês apresentaram duas condições implicadas no sentido da *consciência*: a sintonia com o ambiente e a variabilidade individual, excluindo a justificativa das expressões reativas como atividade reflexa. A autora conclui que “é plenamente justificável admitir uma correspondência estreita entre movimentos expressivos e estados subjetivos” (p.5).

Também o artigo de Nyland (1999), apesar de focar na relação dos bebês com seus cuidadores, discute a presença de intersubjetividade nos bebês, destacando-os como seres sociais, cuja primeira forma de perceber o mundo é através da conscientização emocional que ocorre em interações recíprocas. A autora cita Trevarthen (1992, p. 99, citado por Nyland, 1999) o qual, ao discutir a teoria da mente, menciona que, se incluirmos a suscetibilidade frente às emoções dos demais e a habilidade de comunicação como resposta aos outros, então se pode observar presença de intersubjetividade desde o nascimento.

Assim, o questionamento que se faz é: as expressões faciais implicam presença necessária de estados subjetivos? Parece-nos que, em caso de resposta afirmativa, exclui-se a

¹ De acordo com o Dicionário Infomal: “estimulação de um nervo que provoca manifestação de dor ou reflexo evidente”. Acessado em 27 de maio de 2015. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/nociceptivo/1271/>

concepção dos movimentos faciais no início da vida como atividades reflexas, dando valor às expressividades como formas de comunicação do bebê com o mundo desde o seu nascimento. Porém, entende-se que há controvérsias sobre tais assuntos.

O artigo de Mendes e Seidl-de-Moura (2009b), por exemplo, levanta a intrigante discussão ao discorrer sobre o sorriso humano, com questões relacionadas ao surgimento e suas primeiras manifestações, interrogando se o sorriso “é uma habilidade inata, adquirida por herança genética ou por um processo de aprendizagem ou, ainda, se decorre de uma combinação de ambas as possibilidades” (p. 2).

Diante de tais discussões perguntamo-nos: a que as expressividades emocionais nos dão acesso? A movimentos reflexos, a estados subjetivos, a herança genética, a formas de comunicação com o outro, ao contato com a cultura, à aprendizagem, à junção de todos estes elementos ou à combinação de alguns?

Assim, no campo do conhecimento estabelecem-se formas diferentes, e por vezes contraditórias, de interpretar as (im)potencialidades dos bebês no início da vida, tais assuntos se mantendo ainda em aberto.

Além das questões mencionadas, também emergem nos estudos aspectos relevantes para a pesquisa referentes às formas de onde se reconhecer as expressões emocionais no corpo dos bebês.

1.2.8 Expressões emocionais consideradas para além da face

O trabalho de revisão bibliográfica de Mendes e Seidl-de-Moura (2009a) discute, a partir de estudos encontrados na literatura, as expressões emocionais manifestas fundamentalmente na face, uma vez que os bebês ainda não dispõem de linguagem verbal ou outros meios possíveis para expressarem-se.

Segundo Bergamasco (1997), movimentos faciais manifestam a presença de consciência, mesmo nos primeiros meses de vida. Como afirma Gomide (1996), o ser humano possui por natureza um repertório de expressões faciais universais, e cita o sorriso como uma fonte de recompensas e como estado emocional ligado à felicidade.

Ao discutir as emoções do bebê, no entanto, Wallon vai além da face e de sua expressividade, dando ênfase também às vocalizações e às expressões corporais mais amplas

das emoções, estas estando vinculadas à tonicidade corporal e postural, transformando e regulando uma à outra. Assim, para ele, “o tônus esculpe o corpo que se emociona, dando-lhe o aspecto expressivo e comunicativo; e a emoção confere as modificações ao tônus de acordo com a sua variação” (Ferreira, 2013, p.25).

As considerações finais da investigação de Ferreira (2013), trabalho alheio aos resultados desta revisão, mas pertinente nesta discussão, caminham nesse mesmo sentido de Wallon sobre a relevância de se considerar o conjunto dos movimentos corporais na expressividade emocional. O achado da pesquisa, segundo a autora, foi o destaque que os movimentos corporais foram tomando, aqueles representando um importante meio para reconhecer manifestações emocionais nos bebês. Daí a emergência de considerar as expressões emocionais para além da face, envolvendo todo o corpo do bebê, uma vez que a face representa apenas uma parte do todo que é a criança em expressão.

Como vimos nos trabalhos citados, a maneira como são entendidas as expressões emocionais são divergentes, variando desde o entendimento de que estas se dão exclusivamente na face, até a constatação empírica de que envolvem todo o corpo que se emociona e se expressa.

Levando em conta as diferentes formas na compreensão das expressões emocionais, apresentamos os resultados dos artigos sobre quais emoções são expressas pelos bebês nos estudos.

1.2.9 Expressividades emocionais dos bebês nos estudos

As emoções encontradas nos artigos analisados nesta revisão bibliográfica ora são mencionadas como expressividades ora como comportamentos. Entretanto, ambas as formas de referir nos levam aos mesmos resultados (sorriso, choro, medo, etc), os quais explicitamos, referindo-nos aos diferentes artigos.

No trabalho de Melchiori e Alves (2000) os comportamentos dos bebês entre 4 e 24 meses são descritos pelas educadoras quando estes chegam na creche e são recebidos por elas. Dentre os comportamentos descritos, encontramos os seguintes: riem ou sorriem, abraçam e beijam, choram, resmungam, dentre outros.

Outro trabalho das mesmas autoras (Melchior & Alves, 2002) descreve o humor dos bebês (entre 4 meses e 24 meses) na rotina diária da creche, novamente no sentido de agrupar comportamentos: choram e resmungam antes da alimentação; ficam felizes quando tomam banho de sol; ficam alegres e felizes quando observam o ambiente e brincam dentro da sala; agitam o corpo na troca das fraldas; ficam calmos, irritados, dentre outros. Assim, nos dois trabalhos encontramos pessoas adultas descrevendo o comportamento de bebês na creche.

Já as autoras Saullo et al., (2013), ao apresentarem um estudo de caso sobre um bebê mordedor em interação com outras crianças de creche, analisam o sujeito de forma mais ampla, articulando comportamentos descritos por adultos e aqueles observados através de videograções como sendo os movimentos das pessoas, além da comunicação verbal e não-verbal identificadas pelas expressões faciais, posturas e gestos.

Além dos trabalhos citados, os resultados das pesquisas ou mesmo os assuntos de discussão teórica mencionam inúmeras emoções e expressividades emocionais manifestas por bebês, tais como riso, choro, resmungo, felicidade, impaciência, alegria, agressividade, sorriso, ações corporais, vocalizações, expressões faciais de agrado e desagrado, expressão de dor, susto, postura corporal, olhar, medo, raiva, expressão de satisfação, afeto positivo e afeto negativo, emoções positivas e emoções negativas, ansiedade, expressões emocionais, etc (Amorim & Costa et al., 2012; Amorim, 2012 ; Amorim & Anjos et al., 2012; Rossetti-Ferreira et al., 2009; Mendes & Seidl-de-Moura, 2009a; Fensterseifer, 2008; Bressani et al., 2007; Deynoot-Schaub & Riksen-Walraven, 2006; Anjos et al., 2004; Vasconcelos, et al., 2003; Bernardino & Kamers, 2003; Zanella & Andrada, 2002).

Apesar dessa riqueza relativa às expressividades e das diversas formas de expressar emoção estarem presentes nos artigos, dos autores referindo-se a elas como expressas por bebês, inclusive através da descrição de episódios interativos entre pares de bebês, de modo geral o que verificamos é que elas não eram o foco da discussão.

Citamos, portanto, alguns exemplos de artigos que se propõem a discutir interação de bebês de creche e que citam expressões emocionais emitidas por bebês em interações, mas não as discutem, uma vez que o foco do artigo estava centrado em outras questões.

O artigo de Zanella e Andrada (2002), por exemplo, discute o processo de significação no primeiro ano de vida (bebês de 5 a 12 meses). Em relato de episódio interativo de dois bebês e uma professora, as autoras mencionam as expressividades emocionais de sorriso e choro. Apesar disso, o foco da discussão são os significados construídos no brincar e sequer são mencionadas as expressividades emocionais na discussão do episódio.

Com objetivo semelhante ao do artigo anterior, o trabalho de Amorim (2012) também discute processos de significação no primeiro ano de vida com bebês de creche (5 a 12 meses de idade). Tais processos são analisados através da observação das ações dos adultos e dos bebês nas interações. E, nos bebês, as peculiaridades dos gestos, expressividades, emoções, postura corporal, expressões faciais, dentre outros. Apesar da menção às expressividades emocionais, da emissão de algumas destas pelos bebês dos casos (choro, sorriso e irritação), e da discussão sobre corporeidade, as expressividades emocionais não são o foco da pesquisa, permanecendo implícitas nos casos e nos temas da discussão.

Também o trabalho de Vasconcelos et al. (2003) apresenta relatos de episódios interativos de bebês de creche (7 a 14 meses de idade). Os autores mencionam o sorriso e o olhar emitidos entre os pares de idade, mas o foco da discussão está sobre a incompletude motora como elemento que poderia vir a favorecer as interações de bebês.

Em contraposição, o trabalho de Amorim e Anjos et al. (2012), que se propõe a investigar a interação de bebês de creche (4 a 13 meses de idade), destaca o papel do olhar como expressão que desencadeia no coetâneo inúmeras reações, entre elas as expressividades emocionais (alegria, choro, susto, apreensão, dentre outras). Em um dos episódios descritos no artigo, encontramos maior destaque: “... os próprios bebês inicialmente sorriem ao outro; depois, emitem tom incomodado e buscam pelo adulto; ou revelam expressões faciais de seriedade e tensão” (p.382). Na discussão do trabalho, é destacado o aspecto contagioso das emoções como forma de expressão que liga, contagia e atrai os bebês (Wallon, 1978, citado por Amorim & Anjos et al., 2012), destacando que, através das emoções, vocalizações e dos movimentos do corpo, os bebês são capazes de (co)construir, (trans)formar e (re)negociar significados entre si.

Outro artigo de Amorim e Costa et al. (2012) avança um pouco mais na discussão das expressividades emocionais de bebês, focando na construção de significações em relações afetivas em contextos de casa, creche e abrigo. A emoção é considerada como elemento que possibilita a sociabilidade do bebê, implicando contágio e solidariedade de comportamentos (Walon, 1978, citado por Amorim & Costa et al., 2012). No artigo, as autoras discutem, por exemplo, que, no ambiente da creche, devido ao reduzido número de educadores em relação à quantidade de crianças, o parceiro mais disponível neste ambiente passa a ser os pares. Tal realidade leva o bebê a lidar com várias situações, e inclusive tentar resolvê-las sem a participação dos adultos (Amorim & Costa et al., 2012). Assim, pela menor presença direta de adultos, os bebês negociam brinquedos e objetos, e as expressões emocionais servem como canal de comunicação entre eles, contribuindo para resolver ou amplificar os conflitos. A

emoção mais destacada nos episódios foi o choro, significado pelos adultos como uma expressão carregada de incômodo.

Em contrapartida às tímidas discussões sobre expressividade emocional entre pares de bebês de creche nos estudos nacionais, importa citar aqui um estudo desenvolvido na Holanda, com crianças entre 15 e 23 meses. Deynoot-Schaub e Riksen-Walraven (2006), nas suas discussões, enfatizam que o trabalho é um dos primeiros a avaliar longitudinalmente as interações e o ajustamento sócio emocional entre os pares de idade menores de dois anos. O estudo avalia as crianças através de categorias de ajustamento sócio emocional, designadas como comportamentos/iniciativas positivas (sorrisos) e negativas (choro, agressividade).

Os resultados deles apontam que, “*conforme esperado*”, as crianças apresentam mais interações com os adultos do que com os coetâneos tanto aos 15 quanto aos 24 meses de idade. Mas, com o aumento da idade, a interação entre os pares aumenta significativamente. Portanto, o artigo indica que no segundo ano de vida prevalecem as interações com os cuidadores, e as interações entre pares vão aumentando com o passar do tempo, mas negativamente, em forma de agressividade e competitividade.

Do mesmo modo que o artigo citado fala de *iniciativas positivas e negativas*, citamos aqui outros dois trabalhos, alheios aos resultados desta revisão, que classificam expressões emocionais como positivas ou negativas: o trabalho de Messinger (2002), que trata de sorrisos como expressões faciais positivas e choros como expressões faciais negativas, e o trabalho de Fogel e Nelson-Goens (2000), o qual discute que sorrisos diferentes refletem *emoções positivas* diferentes, também classificando o sorriso, portanto, como expressão positiva.

Estes dois trabalhos não se referem às emoções manifestas entre pares, e sim na relação com adultos. No entanto, as discussões são importantes na medida em que nos fornecem elementos para pensarmos as expressividades que acontecem entre pares de bebês. Teriam as expressões entre pares as mesmas características daquelas emitidas pelos bebês aos adultos? Assim, apesar da tentativa de discutir expressividades emocional entre pares de bebês através dos artigos selecionados, com frequência introduzimos outros estudos, a fim de ser possível a discussão do tema.

Nossa cultura tem entendido que as primeiras manifestações na criança ocorrem, em geral, no contexto familiar e na relação com adultos, mais frequentemente com a mãe (Mendes & Seidl-de-Moura, 2009a). Há, no entanto, a despeito de um grande crescimento de participação de crianças pequenas (mesmo bebês) em creche, uma escassez de estudos sobre as expressões emocionais neste contexto.

Assim, como vimos acompanhando ao longo desta introdução e revisão bibliográfica, de um modo geral os estudos tratam da emoção reconhecida por adultos e na relação dos bebês com adultos, preferencialmente através da face; e, mesmo em creches, várias emoções são citadas, mesmo na interação do bebê com adultos (educadoras e familiares). Nos trabalhos que discutem especificamente as emoções entre pares, estas são tratadas em raros episódios e, na maioria das vezes, servem de subsídio para fundamentar temas outros, como interação entre pares e construção de significados.

Ressaltamos, portanto, que o assunto merece uma dedicação específica devido à sua importância na primeira infância, em que efetivamente o bebê se expressa através do corpo que se manifesta também com emoções diversas. Para capturar os processos interativos através dos quais ocorre a expressividade emocional entre pares, destacamos a importância de metodologias que apreendam os comportamentos através do tempo, como sendo as longitudinais, que permitem ao investigador controlar as diferenças individuais e observar e acompanhar o fenômeno investigado (Mota, 2010). Ademais, conforme consta na maioria dos estudos desta revisão, frisamos a relevância da realização de estudos com bebê em ambiente naturalístico, onde as relações se dão de forma complexa, permitindo captar a dinâmica dos processos interativos.

Considerando essas questões, esta pesquisa se propôs a estudar, em um ambiente naturalístico – especificamente em um ambiente coletivo (creche) – e ao longo de um tempo, as manifestações emocionais de bebês com seus pares. A hipótese é de que, dada a natureza da sociabilidade como meio de sobrevivência para o ser humano desde o seu nascimento, e a disponibilidade mais frequente de parceiros coetâneos no ambiente da creche em detrimento de adultos, há a possibilidade de interação e de ocorrência de expressividades emocionais entre os coetâneos. Partindo de tais pressupostos, destacamos o objetivo de pesquisa, explicitado a seguir.

2 OBJETIVO

A pesquisa teve por objetivo verificar, em processos interativos de bebês, *se ocorrem* manifestações de expressividade emocional em relação aos seus pares, no primeiro ano de vida, no ambiente do berçário de uma creche. Constatando ocorrência, a meta foi investigar *como* se dão as expressividades longitudinalmente. Dentre as várias manifestações emocionais destacadas na literatura, a meta foi focar naquelas mais frequentemente discutidas: as relacionadas ao sorriso e ao choro.

3 METODOLOGIA

Definido o objetivo, em termos metodológicos, o presente trabalho se efetivou através de uma abordagem qualitativa. Apesar disso, fizemos uso de alguns procedimentos quantitativos, como será discutido mais adiante, através da contagem de manifestações e apresentações gráficas de quantas vezes os bebês focais se expressaram com sorrisos e choros aos diferentes parceiros.

Entretanto, importa ressaltar que estas quantificações se tratam apenas de um meio através do qual as ocorrências de expressões emocionais foram mapeadas no material empírico, para então desenvolver de forma mais aprofundada uma análise qualitativa das interações dos bebês. Assim, apesar da pesquisa utilizar-se de alguns elementos quantificados, não significa necessariamente que se caracterize também como quantitativa, mesmo porque a sua máxima está na qualidade dos fenômenos, e as contagens servindo como apoio para este fim. Partindo de tais reflexões, prosseguimos com uma breve discussão sobre a abordagem qualitativa.

3.1 A PERSPECTIVA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa surgiu nas ciências sociais, particularmente na psicologia, como um modo alternativo à quantificação. Seus primórdios foram marcados por ações isoladas dentro da sociologia, passando pela observação participante, nos trabalhos da antropologia. Constituiu-se o modelo etnográfico, no qual, apesar das mudanças no modo de fazer pesquisa, a neutralidade do pesquisador ainda era tida como um fator de garantia à fidelidade dos dados obtidos empiricamente (González-Rey, 2002).

Este autor afirma, entretanto, que a complexidade e a vitalidade da presença do pesquisador no campo de pesquisa foram suscitando uma série de reflexões e novas construções teóricas que passaram a exigir novas significações e concepções epistemológicas. Tal processo de mudança foi se dando historicamente de modo a passar de uma epistemologia da resposta para uma epistemologia da construção.

Assim, a perspectiva qualitativa não se define apenas por uma questão instrumental, tampouco pelo tipo de dados a serem coletados. Ela se “define essencialmente pelos processos

implicados na construção do conhecimento, pela forma de se produzir o conhecimento” (González-Rey, 2002, p. 24).

Ainda de acordo com González-Rey (2002), a perspectiva qualitativa se orienta no sentido de buscar formas de produção de conhecimento que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, irregular, diferenciada, complexa, interativa e histórica. De acordo com ele, a ciência não se faz apenas de racionalidade, mas também de subjetividade e, portanto, emoções, individualização e contradição expressam, de forma íntegra, o fluxo da vida humana.

Tais elementos da abordagem qualitativa são também questões relevantes para a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, de base histórico-cultural, sobre a qual tratamos na sequência.

3.2 A REDE DE SIGNIFICAÇÕES: UMA PERSPECTIVA DE COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A *Rede de Significações (RedSig)* é uma perspectiva teórico-metodológica utilizada e que orienta tanto o processo de coleta como de análise de dados; guia, assim, as decisões da pesquisadora sobre a investigação das expressividades emocionais entre bebês de creche (Rossetti-Ferreira, Amorim, Silva & Carvalho, 2004).

Alicerçada em pressupostos histórico-culturais, a *RedSig* mostra-se um meio de investigar e compreender o desenvolvimento humano, na medida em que considera diferentes fatores que constituem os processos de desenvolvimento, fatores esses que se encontram ligados entre si e que englobam o contexto, a cultura, as relações e as particularidades das pessoas. Além disso, essa perspectiva contribui para a compreensão qualitativa das relações e do desenvolvimento das pessoas, dentro do contexto e da cultura de que participam.

O desafio de analisar processos (adaptação de bebês à creche), frutos de entrelaçados e diferentes contextos (família/creche/trabalho), em que as diversas pessoas envolvidas (bebê, mães, familiares, educadoras) tinham perspectivas próprias em relação a si e aos/com os *outros*, resultou na busca da integração de algumas proposições teóricas. Tais proposições deram visibilidade à complexidade do processo e, simultaneamente, foram contribuindo para elaborar e estruturar essa mesma perspectiva (Rossetti-Ferreira et al., 2004).

Assim, a *RedSig* teve seu marco inicial no projeto de pesquisa “Processos de adaptação de bebês à creche”, no ano de 1994 (Rossetti-Ferreira et al., 1994). Desde então, o CINDEDI (Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil) vem utilizando tal perspectiva para o estudo de diferentes contextos e assuntos processuais relacionados ao desenvolvimento, particularmente na infância.

Segundo Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2004), os pressupostos teóricos de autores históricos-culturais - Vygotsky (1991, 1993), Wallon (textos publicados em 1949 e 1959, reunidos em uma coletânea prefaciada por Werebe & Nadel-Brulfert em 1986), Valsiner (1987, 1997) e Bakhtin (1981, 1997) - embasam a proposta da *RedeSig*. Gradativamente, por meio do diálogo entre teoria e prática, novos autores foram sendo incorporados na medida em que foram sendo desenvolvidos diversos estudos empíricos.

De acordo com Rossetti-Ferreira et al. (2004), a perspectiva da *RedSig* concebe que o desenvolvimento envolveria um processo inerente de relação e de coconstrução com o *outro*, sendo este outro um mediador participante de uma sociedade e cultura, que viabiliza/media o encontro do bebê com o mundo e do mundo com o bebê.

Neste sentido, campos interativos são entendidos como fundamentais ao processo de desenvolvimento humano. As interações e relações teriam, assim, importância desde o nascimento, pois a vida da pessoa e sua inserção/participação cultural são necessariamente possibilitadas através da relação com o outro social. Desta forma, o “*outro*” é para o bebê o mediador no processo de construção de significados e de sua própria constituição (Rossetti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1996).

Essa perspectiva propõe, assim, que o desenvolvimento humano acontece imerso em processos complexos, articulados através de uma *malha* de elementos de natureza semiótica. As palavras “rede” e “malha” trazem a noção de sistema, e seu uso se faz no sentido de destacar, dentre outros aspectos, a ideia de pontos interligados, de um emaranhado de fios que se interdependem uns dos outros, mantendo-se justamente pela característica de possuírem ligação implícita. Na “*Rede de Significações*”, a relevância da metáfora de rede reside justamente na ideia de “relações, de entrelaçamento, na multiplicidade de fios de interligação em combinações pluridimensionais” (Rossetti-Ferreira, Amorim, Silva & Oliveira, 2008).

As pessoas em relação, participantes de contextos específicos, possuem experiências anteriores variadas, histórias, planos, expectativas futuras e formas de relacionamento que se dão através da coordenação de papéis sociais e posições discursivas. Através de processos dialógicos intersubjetivos, as diferentes pessoas interligam-se e se sobrepõem em vários pontos. Desta forma, entende-se que não existe uma rede única de significações, senão que

uma articulação de várias redes interligadas entre si, tecendo uma malha onde há diversos pontos de encontro (Rossetti-Ferreira et al., 2004).

De acordo com as autoras,

As pessoas encontram-se *imersas em constituídas por e submetidas a* essa malha, e, a um só tempo, ativamente as constituem, contribuindo para a circunscrição dos percursos possíveis a seu próprio desenvolvimento, ao desenvolvimento de outras pessoas ao seu redor e da situação em que se encontram participando (p.23).

Assim, os processos de desenvolvimento das pessoas encontram-se entrelaçados, mas também situados em contextos culturais regulados socialmente. Dentro de determinado contexto, as pessoas se apresentam submetidas às características dele e também são ativas no processo de negociações frente às (im)possibilidades colocadas pelo meio social. Deste modo, não se pode pensar um contexto sem considerar as pessoas que dele participam e as interações que nele se estabelecem (Amorim, Vitória & Rossetti-Ferreira, 2000).

Neste sentido, processos interativos dentro de contextos específicos são considerados “mergulhados *em* e impregnados *por* uma matriz sócio-histórica, de natureza semiótica, composta por elementos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais” (Amorim et al., 2000).

A matriz sócio-histórica tem concretude no momento real em que ocorrem as interações dentro dos contextos e sua materialidade. Na presente pesquisa, tal materialidade se revela, por exemplo, na forma de organização dos espaços da creche onde os bebês circulam, nas rotinas, nas práticas e nos discursos que sustentam as formas de cuidados dos pais e educadores, na proposta pedagógica da instituição, nos significados atribuídos a ações que perpassam o corpo e as relações de adultos e bebês, dentre outros. Ocorre, pois, no entrelaçamento dos diversos elementos sociais, culturais e relacionais, em um processo mútuo de constituição.

Por todos os elementos levantados, a *RedSig* constituiu-se como uma proposta adequada e que vem sendo utilizada por pesquisadores para o estudo de processos de desenvolvimento. Porém, como qualquer outra perspectiva, apresenta desafios e limites, dos quais discutimos alguns.

De acordo com Rossetti-Ferreira et al. (2008), através do *paradigma da complexidade*, o pesquisador busca apreender o desenvolvimento humano através das características pessoais e filogenéticas, considerando as interações das pessoas envolvidas, elementos institucionais e histórico-culturais em que se dão as relações interpessoais. Daí, diante da vastidão de dados e aspectos a serem considerados pelo pesquisador, este corre o risco de perder-se dentro do conjunto, inviabilizando o estudo. Tal risco tem levado as autoras

a selecionar episódios e recortes, a fim de manter o foco e os objetivos da investigação. Apesar disso, o desafio da complexidade é tratar de forma não simplificada as partes, sem isolá-las do conjunto.

Porém, o que as autoras destacam, através da discussão de Edgar Morin, é que o estudo da complexidade, como paradigma pertinente à *RedSig*, não significa buscar a completude, já que, por mais que se considere os vários elementos relacionados ao contexto, às pessoas, às relações, à cultura, à história, dentre outros aspectos, um estudo nunca poderá apreender todos os elementos que compõem um processo de desenvolvimento. Desta forma, um dos desafios e/ou limite ao pesquisador é a compreensão de que, por mais completa que pareça a sua pesquisa, ela não será capaz de captar todos os elementos presentes, com seus diferentes sentidos, dentro das situações empíricas. Nesse sentido, o pesquisador precisa também ter humildade ao reconhecer os limites do conhecimento que está construindo.

Assumir o uso da *RedSig* na base do presente estudo implica entender que, apesar de seus limites e desafios, esta contribuirá para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, em função de nosso objeto de estudo serão destacados, dentre os elementos discutidos acima, os seguintes: a compreensão qualitativa das relações e do desenvolvimento das pessoas, dentro do contexto e da cultura em que emergem; a análise de processos complexos onde bebês manifestam emoções aos adultos, mas também aos pares, ao longo do tempo; a importância da pessoa/outro como parceiro potencial de interação a quem o bebê se expressa (este parceiro podendo ser um coetâneo do bebê); aspectos da matriz sócio-histórica (como citado) que permeiam as relações e o ambiente investigado; as especificidades das interações, direcionando particularmente o foco às interações bebê-bebê, e nelas as expressividades emocionais relacionadas ao sorriso e ao choro entre os pares.

Buscando explicitar as partes fundamentais que compõem a complexidade do ambiente e faixa etária investigada, apresentamos, na sequência, o contexto onde foi desenvolvida a pesquisa. Antes, porém, vamos tratar de questões éticas.

3.3 ASPECTOS ÉTICOS E MATERIAL EMPÍRICO

O material utilizado nesta pesquisa, conforme supracitado, foi coletado em ambiente de creche. E, a fim de cumprir com as responsabilidades éticas, no transcorrer do processo do

estudo (desde os primeiros contatos com a instituição - para solicitar a “autorização de pesquisa” - até o compromisso com a devolutiva dos resultados da pesquisa), foram prezados alguns aspectos que são considerados primordiais, tais como: clareza na proposição do interesse de pesquisa tanto aos responsáveis pela instituição quanto aos responsáveis pelas crianças; respeito pela rotina das crianças e educadoras; cuidados com a preservação e utilização das imagens apenas para fins de pesquisa, dentre outros, detalhados nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLEs), nos APÊNDICES A, B, C e D.

Os TCLEs foram elaborados com base na Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, a qual regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos, explicitando os princípios éticos da “autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, que visam assegurar os direitos e os deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado” (Brasil, 2012, p.1-2).

Tais documentos foram apresentados aos responsáveis pelas crianças durante o período em que estas permaneceram na creche (funcionárias) e aos responsáveis legais pelas crianças (pais ou outros). Ademais, tendo em vista a possibilidade de outros pesquisadores virem a se utilizar dos registros de vídeo coletados em possíveis futuras pesquisas, foram compostos TCLEs específicos relacionados ao armazenamento de dados, sendo que, nestes, os participantes ou optavam por solicitar novo consentimento em usos futuros do material ou por dispensar tal procedimento.

Considerando, pois, os componentes citados, relacionados aos cuidados éticos, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP (CAAE n. 30424814.3.0000.5407 – ANEXO A).

Após a aprovação do Comitê de Ética, em consenso com a direção e coordenação da instituição, foi realizada reunião grupal e individual (individual para os que não puderam estar na reunião coletiva) com as educadoras da sala do berçário, com os pais das crianças e demais participantes da pesquisa, de forma a se fazer a exposição dos objetivos e procedimentos de coleta de dados, além da assinatura dos TCLEs. Tanto as famílias como as funcionárias da creche manifestaram concordância quanto ao desenvolvimento da pesquisa e ao armazenamento dos dados, e demonstraram interesse de ter, posteriormente, acesso aos resultados da pesquisa.

Em observância à preservação da identidade dos bebês e dos profissionais, todos os nomes das crianças e demais participantes, além da própria instituição, foram substituídos por nomes fictícios.

Passamos agora à apresentação dos procedimentos metodológicos.

3.4 O AMBIENTE COLETIVO DA INSTITUIÇÃO (CRECHE): CONTEXTUALIZAÇÃO

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, a saber, relacionados à verificação da ocorrência de expressividades emocionais relacionadas ao sorriso e ao choro em interação de pares de bebês em creche, buscou-se uma instituição de educação coletiva dos infantes, o que foi encontrado em uma cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo.

Ficou definido, pois, o desenvolvimento da pesquisa no Centro de Convivência Infantil Maria Cecília (nome fictício). A administração desta instituição é realizada por uma entidade assistencial sem fins lucrativos, em parceria com a prefeitura municipal daquela cidade. O trabalho com a educação e atenção às crianças é desenvolvido de forma gratuita, em período integral (das 6h30 às 18h00), de segunda a sexta feira. Durante o tempo em que as crianças permanecem na instituição, elas recebem quatro refeições diárias e são acompanhadas pelas educadoras que promovem atividades lúdicas, pedagógicas, de entretenimento e estimulações apropriadas para cada faixa etária.

A instituição se localiza em um bairro da periferia da cidade, junto ao distrito industrial, onde trabalha a grande maioria dos pais das crianças que frequentam a creche. As famílias são de baixa renda, e muitas delas se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Considerando que a demanda excede o número de vagas oferecidas pela Instituição, são priorizadas as famílias de situação econômica menos favorecida, cujos pais e/ou responsáveis exercem suas atividades profissionais fora de seus lares, e que residem nos bairros próximos. Para o preenchimento das vagas, os critérios são os seguintes: idade da criança compatível à faixa etária atendida, comprovação de trabalho dos pais ou responsáveis, comprovação da renda familiar, moradia próxima à creche e condições de moradia.

Os objetivos do Centro de Convivência Infantil Maria Cecília estão relacionados à garantia do atendimento às crianças de zero a 3 anos e 11 meses de idade (três anos e onze meses) que frequentam a creche, ao direito à assistência educacional e aos cuidados básicos, tais como higiene, alimentação e lazer (durante o tempo que permanecem na instituição), contribuindo para possibilitar um desenvolvimento sadio e estimulador das habilidades intelectuais, físicas, sociais e emocionais, conforme definido no Plano de Trabalho de 2014².

² Documento da instituição onde foram coletados os dados (creche) que estabelece objetivos e metas de execução para o trabalho com as crianças atendidas.

No total, a instituição atende 118 crianças, distribuídas em 05 (cinco) salas de acordo com as respectivas idades, a saber:

Tabela 2. Distribuição das crianças e educadoras por salas

Salas	Nº crianças	Nº educadoras
Berçário 1 (0 a 11 meses)	18	03
Berçário 2 (1 ano a 1 ano e 11 meses)	24	03
Maternal I (2 anos a 2 anos e 11 meses)	24	02
Maternal II – A (3 anos a 3 anos e 11 meses)	26	02
Maternal II – B (3 anos a 3 anos e 11 meses)	26	02
TOTAL: 5 salas	118	12

Dentre as várias salas, a coleta de dados para esta pesquisa se deu nos berçários 1 e 2. A sala do berçário 1 (Figura 1) possui uma divisão interna contendo uma cerquinha de aproximadamente 1 metro de altura que separa o local de alimentação e higiene do ambiente onde os bebês circulam livremente. A parte anterior à cerquinha, no sentido de quem entra na sala, contém duas cubas para banho e espaço para trocar as crianças e apoiar objetos e alimentos. Nesta parte, as crianças são colocadas nos bebês-conforto para realizarem as refeições no almoço (10h30) e no jantar (15h). Na parte central da sala, as crianças permanecem grande parte do tempo, em espaço livre, sendo que os móveis e brinquedos maiores estão dispostos nas laterais, junto às paredes. Um brinquedo que se destaca nas gravações e que possui várias partes é o *play ground* em forma de circuito, que fica em um dos cantos da sala. Este está representado por cores e formas, sendo que a parte da estrela consiste em um tapete raso, a parte retangular em uma rampa, e a parte quadrada em um bloco mais alto; as partes menores são escadas ondulares. O chão da sala é de piso frio e coberto por tatames onde as crianças transitam. As janelas são grandes e favorecem um local arejado e iluminado. Outros aspectos da sala estão indicados na lista abaixo.

Figura 1. Planta da sala do Berçário 1

1.	Blocos de tatames coloridos	9.	Colmeia de cubas individuais
2.	Piscina de bolinhas	10.	Porta – saída parte externa
3.	Área do <i>play ground</i>	11.	Porta de entrada
4.	Porta da cerquinha	12.	Pias para banho
5.	Cerquinha divisória	13.	Trocador
6.	Berços e colchões	14.	Colmeia de cubas individuais
7.	Espelho grande	15.	Janelas grandes
8.	Armário fechado		

A sala do berçário 2 (Figura 2) possui formato semelhante à do berçário 1, exceto na parte em que as crianças circulam, onde, ao invés de berços, existem caminhas, que ficam em um canto da sala, e na hora do sono são dispostas no chão. O espaço contém duas portas de saída para o pátio externo e dois sanitários infantis. Outros aspectos da sala estão relacionados abaixo.

Figura 2. Planta da sala do Berçário 2

1. Blocos de tatames coloridos	8. Colmeias de cubas individuais
2. Espelho grande	9. Porta de entrada
3. Cerquinha divisória	10. Trocador
4. Porta da cerquinha	11. Pias para banho
5. Caminhas empilhadas	12. Sanitários Infantis
6. Armários fechados	13. Janelas grandes
7. Porta de saída ao pátio externo	

A rotina tem uma sequência fixa, sendo alteradas diariamente apenas as atividades pedagógicas e de estimulação. As crianças são recebidas pela manhã e, assim que todas chegam, recebem as mamadeiras; após, fazem um soninho rápido. Depois, começam os banhos e, simultaneamente, brincadeiras para o grupo maior que não está sendo higienizado, uma vez que os banhos e trocas são feitos individualmente ou em dupla. Em seguida, é oferecido o almoço. Após, as crianças logo são postas para dormir. Depois do sono, recebem mamadeira, são trocadas, e participam de atividades educativas diversas. O jantar é oferecido

às 15 horas, e então as crianças são trocadas em preparação ao horário de saída da creche, a partir das 16h até às 18h.

Todas as atividades das crianças são organizadas pelas educadoras responsáveis (três na turma do berçário 1 e três na turma do berçário 2), com a assessoria de uma supervisora pedagógica. As educadoras possuem uma jornada de trabalho diário de 8h48, com organização de um sistema rotativo para saídas, entradas e descansos, onde contam com a ajuda de uma auxiliar de sala.

A instituição possui um calendário de atividades comemorativas e, por isso, em algumas datas, as crianças saem da sala para participar de atividades conjuntas com as outras turmas, como festas de aniversário e outros eventos.

Foi nos dois locais descritos anteriormente que procedemos a coleta de dados com foco em dois bebês pivôs, sobre os quais falaremos mais adiante, visto que adotamos como método de pesquisa o Estudo de Caso.

3.5 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é um dos delineamentos de pesquisa comumente utilizado em disciplinas das ciências sociais, tais como psicologia, sociologia, antropologia, dentre outras, para estudar fenômenos sociais complexos. Tal método permite ao investigador a apreensão dos diferentes aspectos e significados relacionados a eventos da vida real, fazendo-se adequado para perguntas relacionadas ao “*como*” e “*porque*” (Yin, 2015).

Este delineamento coube na presente proposta de investigação, já que esta tinha como meta investigar “*como*” se dão as expressividades emocionais relacionadas ao sorriso e ao choro entre pares de bebês. Portanto, o método do estudo de caso tornou-se um meio propício para a realização dos objetivos da pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994), ao discorrerem sobre o método de estudos de caso, utilizam a representação figurada de um funil para explicitar o plano de um estudo de caso que, a princípio, é representado pelas extremidades mais largas do objeto. Ocorre a busca por locais e pessoas que possam relacionar-se à pergunta de pesquisa, ao mesmo tempo em que se buscam indícios de como proceder dentro das possibilidades de realização do estudo.

Como discutem aqueles autores, o processo de coleta de dados e a exploração dos mesmos conta com um constante movimento no sentido de rever os dados e tomar decisões concernentes e focais ao objetivo do trabalho. Assim, conforme o pesquisador toma conhecimento dos aspectos contextuais e individuais e da própria fonte de dados que estuda, aquela fase de exploração ampla passa a ser afunilada, recortada, de modo a responder aos objetivos.

A depender da proposta de investigação, os estudos de caso podem ser únicos ou múltiplos, sendo que nesta pesquisa optou-se pelo estudo de casos múltiplos.

De acordo com Yin (2010), quando existe a possibilidade de escolha entre casos únicos ou múltiplos, é importante optar pelo estudo de casos múltiplos. Nestes, segundo o autor, as chances de realizar um bom estudo de caso são melhores do que naquelas em que são utilizados casos únicos. Os estudos de casos únicos possuem o limite de apostarem todo o processo da pesquisa em um só caso. Em contrapartida, ao utilizar casos múltiplos (dois ou mais casos) além de diminuir a vulnerabilidade, conta-se com os benefícios analíticos de se ter uma maior multiplicidade de situações investigadas.

Os aspectos de ordem contextual que envolve o berçário da instituição onde se realizou a coleta de dados e que justificam a opção por estudos de casos múltiplos dizem respeito à imprevisibilidade da permanência dos bebês no local, por questões relacionadas à saúde, mudança de residência da família, dentre outros. Desta maneira, caso ocorresse alguma intercorrência e um bebê focal, por algum motivo, não mais viesse a frequentar a creche, ainda teríamos um segundo sujeito participante da investigação.

No entanto, além dos elementos citados, o suporte teórico discutido também nos faz ressaltar que uma maior quantidade de material coletado pode vir a oferecer uma possibilidade de enriquecimento da pesquisa e de correlações – no nosso caso - entre ambos os sujeitos, visto que estão imersos no mesmo contexto.

Com isso, a pesquisa foi se construindo a partir dos objetivos e da metodologia proposta. Tal construção é tratada no item seguinte.

3.6 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA E OS “CASOS” FOCALIS

O ambiente da creche envolve a atuação de vários profissionais da educação e da saúde. No entanto, como já referido anteriormente, participaram da pesquisa apenas as

crianças das salas dos berçários 1 e 2 (2014/2015) e aqueles profissionais que permaneciam nas salas dos berçários ou que, vez por outra, se encontravam junto aos bebês focais.

A sala do berçário 1, em 2014, possuía 18 crianças matriculadas e frequentando a creche, aos cuidados de três educadoras e uma auxiliar de sala que, esporadicamente, substituída as faltas das educadoras. No ano de 2015, as crianças do berçário 1 passaram para a sala do berçário 2, onde foram introduzidas seis crianças novas, totalizando 24 crianças naquele ambiente. A sala do berçário 2 estava sob os cuidados de três educadoras, duas delas oriundas da mesma turma de 2014 e uma sendo substituída no ano de 2015. Portanto, participaram da pesquisa (2014/2015) 24 crianças e cinco profissionais, destes últimos sendo quatro educadoras e uma auxiliar de sala.

Dentre as 18 crianças que compunham a turma do berçário 1, no início da pesquisa (2014), em função do objetivo do estudo, foram discriminadas aquelas maiores de cinco meses de idade, para sorteio dos dois bebês focais. Tal critério se deu devido à idade de entrada da criança na creche e possível posição do corpo da criança em relação aos pares. A partir dos cinco meses (20 semanas) o bebê já se mantém sentado com apoio, a cabeça permanece na mesma linha do corpo e a criança consegue se mexer sem oscilar exageradamente (Gesell & Amatruda, 2002). Partimos da hipótese de que a posição “ficar sentado”, ainda que com apoio, possibilita à criança maior visibilidade do espaço e, conseqüentemente, maior contato visual/corporal e interação com os parceiros potenciais (Santos, 2012; Amorim, 2010).

Um dos bebês sorteados foi Tiago – Figura 3, que estava com cinco meses de idade quando começaram as gravações (set. /2014), e havia entrado na creche na semana de início da coleta de dados. O segundo bebê focal sorteado foi Bruno - Figura 4, que estava com oito meses de idade quando começou a coleta de dados (set. /2014), e havia ingressado na creche no início do ano de 2014. Nas imagens abaixo, Tiago possuía seis meses de idade e Bruno 8 meses de idade.

Figura 3. Tiago

Figura 4. Bruno

Apesar do foco da gravação estar direcionado ao Tiago e ao Bruno, todas as demais crianças foram consideradas como sujeitos potenciais de interação, bem como as educadoras que estavam na sala.

De modo a apreender os processos interativos entre os pares de bebês e a ocorrência (ou não) da expressividade entre eles, conduziu-se videograções das crianças naquele contexto da creche.

3.7 VIDEOGRAÇÃO COMO RECURSOS DE COLETA DE DADOS

O modo como devem ser coletados os dados deve ser orientado não só pela familiaridade do pesquisador com determinado recurso metodológico, senão por aquilo que se faz necessário realizar para obter material empírico cujo conteúdo favoreça melhor aproximação com o objeto de pesquisa, a fim de que sejam levantadas questões explicativas sobre o fenômeno a ser compreendido. Desta forma, é fundamental que o pesquisador se interrogue, frente ao objeto e aos objetivos do estudo, qual o meio a utilizar (Garcez, Duarte & Eisenberg, 2011).

Diante do exposto, perguntamo-nos, pois, qual seria o recurso metodológico mais adequado para o estudo das expressividades emocionais entre pares de bebês convivendo em ambiente coletivo, dada a complexidade e dinamicidade de tal contexto onde circulam pessoas adultas e vários bebês no primeiro ano de suas vidas. A escolha recaiu sobre videogração, um recurso que vem sendo amplamente utilizado por pesquisadores da área da psicologia do desenvolvimento infantil.

Para Garcez et al.(2011):

No que se refere a pesquisas com crianças em grupos, é importante lembrar que elas falam ao mesmo tempo, interagem, brincam, sentam, levantam, não param quietas e comunicam-se entre si e com os pesquisadores durante todo o tempo. Com isso, certos aspectos somente podem ser registrados e analisados mediante o uso da gravação em vídeo (p.253).

Wallon (1941/1986), ao discutir as formas de estudar a criança, considera o registro cinematográfico como um meio de observação direta, “cujo mérito é tornar permanente uma série de detalhes que teriam escapado ao espectador mais atento e aos quais ele pode retornar à vontade” (p. 73-74).

As gravações em vídeo fornecem, assim, a possibilidade de verificar e interpretar as filmagens por repetidas vezes, através das quais o pesquisador descobre novas questões, novos percursos trilhados e a serem trilhados. Isso não significa somente ver os fatos e os gestos em si, mas ressaltar a imagem e analisá-la, junto ao ambiente de pesquisa e ao referencial teórico (Belei, Gimeniz-Paschoal, Nascimento & Matsumoto, 2008).

Os elementos teóricos descritos partem de experiências empíricas e o presente estudo também se trata de um trabalho empírico. Por isso, levando em conta os argumentos expostos, optamos por utilizar gravações em vídeo para o estudo das expressividades emocionais em bebês, com suas formas de interagirem com os parceiros de idade e com os adultos naquele meio.

As videograções tiveram início na primeira semana do mês de setembro de 2014 e término na primeira semana de fevereiro de 2015, ocorrendo semanalmente na sala do berçário 01 da creche de setembro a dezembro de 2014, no berçário 02 na última semana do mês de janeiro/2015 e primeira semana de fevereiro/2015. Cada gravação teve duração semanal de aproximadamente 30 minutos para cada bebê. O conjunto das datas das filmagens resultou em 18 gravações, sendo que entre presenças e ausências, ambos os bebês focais foram filmados em 17 dias diferentes.

As gravações foram feitas pela própria pesquisadora, o que possibilitou acesso direto à fonte de dados e contato com o contexto em tempo real. No entanto, enfatizamos que a forma de ver o material no momento da gravação e posteriormente são diferentes. Visualizar as imagens posteriormente permitiu a visão de detalhes importantes que não foram apreendidos pela pesquisadora no momento das gravações, o que se considera - conforme supracitado - uma das vantagens do uso de gravações em vídeo.

Sobre o período da coleta de dados, importa mencionar que, inicialmente, a proposta era de realizarmos seis meses de videograções “ininterruptamente”. No entanto, os bebês foram filmados apenas cinco meses, por motivos relacionados a atraso da liberação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da universidade e, ainda, devido ao encerramento do ano letivo quando estávamos com quase quatro meses de gravações.

No ano de 2015, as crianças mudaram de sala, e outros bebês foram incorporados à turma. Uma das educadoras também mudou, alterando, pois, o ambiente da pesquisa. Ao retornarem das férias coletivas, em 2015, os bebês foram filmados apenas nas duas primeiras semanas, para contemplarmos o período de readaptação, em que tínhamos a hipótese de que poderia ocorrer muito choro, mas poderia, também, no reencontro das crianças, acontecer

expressões de satisfação, alegria e sorriso, porque reencontravam os colegas/parceiros que não viam há algum tempo, em decorrência das férias.

Com o final das gravações nas duas primeiras semanas do ano letivo de 2015, deu-se por encerrada a coleta de dados. Seguir filmando com essa nova turma poderia representar um outro processo, visto que eles se encontravam em outra sala, com crianças diferentes e com professoras diferentes, não nos permitindo ver a continuidade nas relações que eram estabelecidas naquele grupo anterior que foi estudado por um tempo mais prolongado.

Ademais das potencialidades citadas, como qualquer instrumento de coleta de dados, as videograções possuem limitações, sendo que as mais sentidas durante a pesquisa dizem respeito ao foco da câmera e às informações de contexto. Sobre o foco da câmera, salienta-se que existem cenas em que se observam expressões emocionais e/ou onde se tem indícios de expressividades variadas, mas que, pelo local da sala onde o pesquisador se encontrava, e que limitava a forma de focar a imagem, por mais que ele tentasse se locomover, não foi possível captar o bebê de modo a visualizar ininterruptamente suas expressões. Em outras situações, interações foram mediadas pelos adultos, mas em algumas delas não foi possível ver o adulto ao assistir as imagens.

Já no que se refere às informações de contexto, como sendo aqueles aspectos relacionais, do dia e do momento, sobre as crianças e os adultos, as falas dos adultos, as alterações no espaço físico, dentre outros, também ficariam desprovidas de apreensão através do recurso da videogração não fosse nossa precaução e introdução de um recurso adicional para suprir alguns dos limites das videograções, sendo ele as “notas de campo”.

3.8 NOTAS DE CAMPO

As notas de campo consistem no relato escrito que o pesquisador realiza daquilo que observa, ouve, experimenta e reflete durante o processo de coleta de dados, em um estudo qualitativo (Bogdan & Biklen, 1994).

Nesta pesquisa, o relato escrito das notas de campo foi realizado imediatamente após as videograções, desde o início da coleta de dados até o seu encerramento. Este recurso mostrou-se eficaz frente à necessidade iminente de considerar o contexto dentro da

fundamentação teórico-metodológica preestabelecida para a análise do material. (Rossetti-Ferreira et. al., 2008)

De acordo com Palacio (2014), a escrita das notas, como exercício de registro da reflexividade que possibilita releituras do material empírico, favorece a discussão do processo de pesquisa em torno do tema. Ademais, tal recurso “dá visibilidade ao processo de tomada de algumas decisões diante do que foi acontecendo no decorrer do estudo. Nessa direção, o exercício do pesquisador também é dar visibilidade às suas escolhas para a produção do conhecimento” (p. 84).

As considerações da autora mostram-se pertinentes ao processo de construção do *corpus* da análise da pesquisa, uma vez que muitas escolhas feitas pela pesquisadora, principalmente aquelas relacionadas às ocorrências e à identificação da intensidade das expressões emocionais relacionadas ao sorriso e ao choro, contaram com as notas de campo como justificativa.

Por exemplo, na videogravação de Bruno, quando do retorno das férias coletivas em 29/01/2015, há um pico destoante nos gráficos mostrando grande número de ocorrências de choro. Dados contextuais nos facilitam informações, tais como: as crianças estavam em fase de readaptação, a atividade proposta favorecia a competitividade, havia crianças novas na sala, dentre outros, que nos permitem levantar hipótese sobre a causa do elevado número de choros.

Outro exemplo diz respeito também às ocorrências de choro de Bruno (set/2014). Seu choro, por algumas semanas seguidas, ocorria por motivos simples, como um toque de outra criança no corpo dele, e também de forma intensa, o choro se prolongando por vários minutos. Informações transmitidas pelas educadoras e registradas no diário de campo, referentes à irregularidade no sono da criança em casa, o que causava sinais de irritabilidade e sono na criança pela manhã, na creche, levaram a pesquisadora a mudar o horário das gravações, e os choros tiveram, a partir de então, uma diminuição significativa nas semanas seguintes.

Assim, as notas de campo consistem em importante instrumento que serve de suporte para decisões do pesquisador, também auxiliando na análise e compreensão dos processos interacionais e neles – neste caso – as manifestações emocionais dos pares de bebês.

3.9 A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* DA ANÁLISE

Após o encerramento da coleta dos dados, registros de notas de campo e organização do armazenamento das imagens em um banco de dados, procedemos com a construção do *corpus* de análise das videograções e do material coletado. Surgiram, então, questionamentos: como analisar o material empírico?

Os objetivos da pesquisa apontaram primeiramente para o mapeamento das ocorrências das expressões emocionais relacionadas ao sorriso e ao choro. Ao que nos pareceria, esta seria uma tarefa simples: contar e tabular as ocorrências de sorriso e choro dos bebês focais. No entanto, muitos desafios foram surgindo: o que pode ser considerado como sorriso e como choro? Como definir a que parceiro de interação são dirigidas tais expressões, sendo que diferentes parceiros fazem parte do mesmo episódio em que ocorrem as expressividades estudadas? Como localizar, mapear, contar e apresentar as ocorrências das expressões emocionais relacionadas ao sorriso e ao choro? Foi no contato com material empírico que os questionamentos foram gerando possibilidades para traçar um caminho não tão claro *a priori* (Kreppner, 2001).

Assim, primeiramente, as gravações foram assistidas, para entender, de um modo geral, o que acontecia entre as crianças, e observar as ocorrências de expressões emocionais que os bebês focais emitiam nas relações com os demais parceiros na sala do berçário.

Em seguida, no intuito de mapear o conteúdo do conjunto de imagens de cada bebê focal separadamente (Bruno e Tiago), realizamos um resumo geral, onde foi descrito brevemente o que ocorreu no ambiente e com o bebê focal no período das gravações. Os relatos continham uma ênfase para as ocorrências das expressividades emocionais relacionadas ao sorriso e ao choro, o que facilitou a localização dessas no conjunto de imagens.

Possuindo noção geral do conteúdo das videograções, as imagens foram revistas por diversas vezes, e prosseguimos com a contagem daquelas expressões emocionais emitidas por Bruno e Tiago aos diferentes parceiros: pares, educadoras e a própria pesquisadora.

A contabilização das ocorrências de expressividades relacionadas ao sorriso e ao choro foi realizada através de uma *Planilha do Microsoft Excel*, que possibilitou a organização de informações que facilitaram o percurso da pesquisadora, tais como: data da gravação, idade da criança, com quem se deu a interação, onde ocorreu, qual expressividade emocional, o minuto da ocorrência da expressividade, dentre outros.

Inicialmente, a planilha contou com a relação das expressividades de sorriso e choro dos bebês focais dirigidas a todos os diferentes parceiros possíveis de interação, como já mencionamos. Em seguida, foram criadas outras tabelas separando as expressividades estudadas de acordo com os parceiros de interação, a quem se dirigiam no seu início: parceiros adultos (educadoras e pesquisadora), ausência de parceiros e, finalmente, as expressividades emitidas pelos bebês focais às demais crianças. Os dados referentes à tabulação das expressividades serão apresentados graficamente na parte dos resultados da pesquisa.

Apesar de apresentarmos, neste trabalho, através de gráficos, todas as expressividades de sorriso e choro emitidas por Bruno e Tiago, devido à questão da pesquisa, daremos foco central apenas àquelas expressividades dos bebês focais emitidas na relação com pares.

Com este propósito, preocupando-nos com a qualidade dos choros e sorrisos emitidos pelos bebês focais nos episódios, ocorreu um retorno às videograções por observarmos sorrisos e choros com características e tempos de duração diferentes, o que nos levou à criação de novas categorias.

3.9.1 Criando novas categorias *à posteriori*

Conforme mencionado anteriormente, não coube na análise simplesmente mapear sorrisos e choros, pois, à medida que foram sendo revistas as qualidades daquelas expressões, observamos variações que definiam as sequências das interações entre os pares de bebês. Por isso, levando em conta tais variações, no decorrer da análise, optou-se pela criação de categorias novas.

De acordo com Kreppner (2001), “a escolha de categorias pode ser postergada e adaptada às condições específicas encontradas durante as próprias observações, quando a situação total é conservada em filme ou em fita de vídeo” (p. 99).

Portanto, como aponta o autor citado, o recurso de videogração favorece a criação de novas categorias e, de fato, na análise dos dados empíricos, a criação das categorias relacionadas ao sorriso e ao choro não poderia ser somente estabelecida *a priori*, uma vez que expressões emocionais se apresentaram como constructos imprevisíveis, complexos e por vezes fugazes.

Ao classificarmos as expressões dos bebês em categorias, consideramos lacunas apontadas na revisão bibliográfica deste trabalho, onde discutíamos que diversas pesquisas reconhecem as expressividades emocionais exclusivamente através da face do bebê, desconsiderando o conjunto da corporeidade do mesmo. Como exemplo, pode-se citar Mendes e Seidl-de-Moura (2009a), que afirmam:

O interesse crescente pelas expressões emocionais de bebês parece ser reflexo da importância atribuída às suas habilidades para lidar com emoções e afetos. Essas manifestações, considerando-se as limitações do repertório de comportamentos de um bebê ocorrem, especialmente, através das expressões faciais. (p. 309).

Esse limite nos levou à necessidade de avançarmos na compreensão que vem sendo adotada pela literatura. Desse modo, em concordância com as formulações de Wallon (1986) e de Ferreira (2013), nesta pesquisa as expressividades emocionais foram consideradas de forma integrada, para além da face, envolvendo todo o corpo do bebê que se expressa.

Partindo desta visão integrada do bebê, a construção das categorias para o reconhecimento das expressividades investigadas (sorriso e choro) foi *inspirada* no material empírico, que evidenciou uma diferenciação das expressões mapeadas, e em estudos relacionados (Cheyne, 1976, p. 13, citado por Otta, 1990; Sullivan & Lewis, 2003; Ferreira, 2013), sendo integrados novos elementos aos conceitos, de acordo com a faixa etária dos bebês.

Deste modo, consideradas as expressões emocionais dos bebês, apresentamos abaixo as categorias: sorriso e riso.

ILUSTRAÇÃO	DESCRIÇÃO
<p data-bbox="161 1809 523 1906">Figura 5. Expressão de sorriso (Foto³)</p>	<p>SORISSO: Esticar os lábios com cantos da boca levantados ou não, abrindo a boca com ou sem exposição da dentição inferior; aprofundar a curvatura nasolabial; comprimir os olhos, (variação com o grau de intensidade das características de acordo com a intensidade do sorriso). Tais expressões podem vir acompanhadas de vocalizações (gritos e balbucios, por exemplo) ou não, com presença ou ausências de movimentos corporais. Os movimentos corporais podem consistir em aproximações ou retrações do corpo, balanço de braços e/ou das mãos (bater palmas e agitar as mãozinhas, por exemplo), movimentos da cabeça (abaixando ou levantando o olhar), dentre outros que envolvem o corpo todo ou partes dele.</p>

³ Imagem de Bruno, retirada do material empírico desta pesquisa (Dentz, 2014/2015).

Figura 6. Expressão de Riso

(Foto 6)⁴

RISO: ato ou efeito de rir, risada, gargalhada⁵. Sons emitidos do fundo da garganta com força rítmica e sem duração definida, envolvendo maior abertura da boca, contração dos músculos faciais, compressão dos olhos e exposição da dentição. O riso contém as características faciais apresentadas no sorriso, porém são mais intensas e acompanhadas da vocalização característica. Também pode acompanhar o riso as expressões corporais de movimentos rítmicos do corpo, agitação das mãozinhas, movimentos da cabeça, dentre outros movimentos que envolvem o corpo.

Quadro 1. Categorias de expressividade emocional de sorriso

Embora comumente não diferenciadas no senso comum, as expressividades de sorriso e riso possuem características distintas, mas também se entrecruzam, por ser a primeira considerada como que uma incipiência da segunda.

De acordo com as proposições de Darwin (2004), em humanos, o sorriso se constitui como uma gradação da risada, “o primeiro estágio do aparecimento de uma risada” (p.197). Mas, também, o autor afirma que podemos observá-lo como o último traço do hábito expressivo da alegria, do riso.

Darwin (2004), ao relatar que acompanhou o desenvolvimento de tal expressão em seus próprios filhos, descreve como é difícil observar em bebês os primeiros sorrisos. Através das observações, constatou que o sorriso aparece primeiro, e o riso um pouco mais tarde, sendo que ambas as expressões foram observadas nos três bebês antes dos cinco meses de idade.

Tendo apresentado as categorias de riso e sorriso, expomos agora aquelas relacionadas ao choro, como sendo: choramingo, choro e choro prolongado.

⁴Fonte: https://www.google.com.br/search?q=riso+de+beb%C3%AA&newwindow=1&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjcvbPbt8rJAhWMIZAKHYb4DUQ_AUIBygB&biw=1600&bih=775#imgsrc=6bh9kS1eb63X2M%3A

⁵ Dicionário online de português.

ILUSTRAÇÃO ⁶	DESCRIÇÃO
<p data-bbox="137 698 472 786">Figura 7. Expressão de choramingo</p>	<p>CHORAMINGO: Contém as mesmas características do choro, porém são mais amenas. Manifestado pelo bebê como se fosse uma caricatura do choro ou um choro forçado⁷, sem a presença de fluído lacrimal. A vocalização é variável, podendo acompanhar a expressão da face ou não. Quando há expressão vocal, esta se apresenta semelhante àquela manifesta no choro, porém com altura e ritmo menos intensos. Movimentos corporais diversos podem acompanhar tal expressão, como aqueles que envolvem a locomoção direcionada a outrem, retenção de brinquedo, etc. Tal expressão, nas ocorrências encontradas no material empírico, possui uma duração inferior a 10 segundos.</p>
<p data-bbox="137 1261 472 1440">Figura 8. Expressão de choro</p>	<p>CHORO: Consiste em juntar e abaixar as sobrancelhas, usualmente criando uma protuberância no meio delas; aprofundamento da dobra nasolabial; compressão do globo ocular, resultando no quase fechamento dos olhos, com presença ou não de fluído lacrimal. Os movimentos da boca incluem alongamento lateral dos lábios, abrindo e retraindo a boca, o que lhe dá uma forma quase quadrada; a língua permanece tensa em forma de concha. A vocalização que acompanha o choro consiste em sons rítmicos e de alta frequência, normalmente produzidos do fundo da garganta, que, no material empírico, possuem uma duração superior a 10 segundos e inferior a 1 minuto. Acompanham o choro os movimentos corporais que envolvem o ritmo do choro e a locomoção durante o choro (engatinhar ou andar enquanto chora, bater as mãos no brinquedo ou agitá-las, encostar o rosto no chão, dentre outros).</p>
<p data-bbox="137 1771 472 1839">Figura 9. Expressão de choro prolongado</p>	<p>CHORO PROLONGADO: Possui as mesmas características do choro, no entanto, se apresentam de forma mais intensa e prolongada, e são acompanhadas de fluído lacrimal. Os choros prolongados do material empírico tiveram duração superior a 1 minuto. Os movimentos do corpo possuem as mesmas características daqueles do choro, porém há grande variação quanto à velocidade dos movimentos, sendo que alguns são mais bruscos, outros mais lentos, etc. Mas, no material empírico, os movimentos corporais acompanham todas as expressões de choro.</p>

Quadro 2. Categorias de expressividade emocional de choro

⁶ Imagens de Bruno, retiradas do material empírico desta pesquisa (Dentz, 2014/2015).

⁷ Ferreira, L. D. I. P. M (2013). Expressões emocionais de desprazer no primeiro ano de vida: manifestações e processos de transformação. Dissertação de Mestrado, apresentado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

As expressividades de choramingo, choro e choro prolongado, assim como no caso do sorriso e do riso, podem se apresentar como sendo uma a gradação da outra quando a situação vai provocando no bebê uma intensificação da manifestação. Mas também foram encontradas muitas ocorrências onde o bebê apenas choraminga, ou então diretamente chora, ou ainda, prolonga um choro. Assim, choros prolongados podem conter gradações de choramingos e de choros, mas, choramingos não necessariamente evoluem para choros e choros prolongados.

Conforme observamos no quadro, dois foram os elementos fundamentais para a diferenciação dos choros nas três categorias, as suas qualidades efetivadas nas formas de expressão e o tempo de duração, ambos os aspectos já detalhados no quadro acima.

Darwin (2004), ao se referir ao choro no início da vida humana, diz que “bebês, quando sentem dor, mesmo que não muito intensa, fome moderada, ou algum desconforto, soltam longos e violentos gritos” (p. 141). As proposições do autor vão ao encontro com as características do choro, e principalmente aquelas que caracterizamos como choro prolongado.

As proposições de Darwin (2004) contêm densas descrições da expressão do choro, como o aparecimento do soluço e das lágrimas acompanhando as expressividades ao longo do primeiro ano de vida. Tais elementos se tornam importantes neste trabalho na medida em que nos ajudam a identificar as diferentes expressões de choro nos bebês. Entretanto, para além da categorização das expressividades, aqui nos interessa investigar como tais expressões se dão nos episódios interativos de bebês com pares no ambiente da creche. Para isso, discutimos na sequência o que são episódios interativos e como foram selecionados do conjunto de dados desta pesquisa.

3.9.2 A seleção de episódios

A forma como consideramos os episódios nesta pesquisa está em acordo com as afirmações de Pedrosa e Carvalho (2005): “um episódio é uma sequência interativa clara e conspícua, ou trechos do registro em que se pode circunscrever um grupo de crianças a partir do arranjo que formam, e/ou da atividade que realizam em conjunto” (p. 432). Ainda segundo

as autoras, a demarcação do início e do fim de um episódio pode ser claramente identificado a partir da articulação da sequência interativa.

Isso leva à necessidade de explicitar como os processos interativos foram considerados neste estudo. Especificamente, adotamos para esta pesquisa o conceito de interação proposto por Carvalho, Império-Hamburger e Pedrosa (1996). Para as autoras, a interação é definida como algo mais do que fazer alguma coisa juntos, sendo “compreendida como um potencial de regulação entre os componentes de um campo” (p.4). As autoras descrevem como campo de interações a “natureza das partes que interagem, ao mesmo tempo que as constitui” (p. 4). As propriedades que definem um campo de interações como social consistem na capacidade de regular e ser regulado por seus parceiros.

Assim, importa ressaltar que a regulação e a correção entre os participantes da pesquisa podem não ocorrer de forma recíproca, sendo possível que um bebê seja regulado por outros parceiros sem que estes estejam efetivamente integrando alguma tarefa conjunta e no mesmo espaço de tempo.

Considerando tais proposições, os episódios descritos neste trabalho foram selecionados observando o objetivo da pesquisa. Assim, a princípio, foram descritos todos os episódios onde identificamos ocorrências das expressividades relacionadas ao sorriso e ao choro.

Dentre os episódios descritos, a partir de nossa sensibilidade, reflexividade e mergulho no material observado, elegemos para análise aqueles que envolviam interação e regulação do comportamento e que, nessa condição, melhor evidenciaram as expressividades entre os pares (Pedrosa & Carvalho, 2005). Nossa decisão foi orientada também no sentido de mostrar episódios que garantissem as características das categorias expressivas, mas que também permitissem mostrar possíveis diferenças entre as expressões ou mudanças ao longo do tempo. Desta forma, selecionamos dois episódios de sorriso, um de choramingo, um de choro e um de choro prolongado de cada bebê focal, sendo que, em alguns dos episódios selecionados, aparecem mais de uma das expressividades categorizadas.

4 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os resultados, a análise e a discussão serão apresentados separadamente em relação a cada bebê, iniciando por Tiago, que é o bebê mais novo (5 a 10 meses de idade), e depois Bruno (8 meses a 1 ano e 1 mês de idade). Quando tratado de cada bebê, serão apresentadas separadamente as expressões relacionadas aos sorrisos e aos choros. Antes, porém, de adentrarmos nos resultados, faremos uma breve exposição da dinâmica do bebê e seu desenvolvimento, no período das gravações.

4.1 O BEBÊ TIAGO: RESUMO DAS GRAVAÇÕES

A frequência de Tiago à creche iniciou na semana em que teve início a presente coleta dados, com as videograções do bebê começando na segunda semana do mês de setembro de 2014 e encerrando na primeira semana de fevereiro de 2015.

No primeiro mês de gravação (setembro), Tiago (5/6 meses de idade) se mostrou muito atento aos movimentos e acontecimentos do ambiente, direcionando rapidamente a atenção frente a ruídos. Ele se sentava apenas com apoio, e a posição em que permanecia durante a maior parte do tempo era deitado, de barriga para baixo e cabeça levantada, direcionada a algum brinquedo ou pessoa. Tiago se mostrou fortemente atraído por brinquedos coloridos e que, ao serem manuseados, produziam sons. Ele ficava vários minutos observando parceiros manusearem brinquedos com essas características. Tiago se esforçava constantemente para se locomover em direção a objetos, mas, por causa de sua imaturidade motora, permanecia por longo tempo de barriga para baixo no mesmo lugar e, por vezes, mais distante do fluxo interativo dos demais bebês. Apesar disso, já apresentava interações com pares. Ele chorou e sorriu poucas vezes, apesar de que, neste primeiro mês, já foi possível identificar sorriso e choro na interação com pares.

No mês de outubro, Tiago (6/7 meses de idade) demonstrou progressos na forma de se locomover, fazendo grande esforço para se deslocar em direção a objetos coloridos que estavam no chão. No entanto, por ainda estar adquirindo as habilidades locomotoras de deslocamento, ele permanecia mais isolado das demais crianças por longo tempo, empenhando-se nas tentativas e ensaios de movimentos de deslocamento, levantando as

pernas e apoiando os braços no chão para empurrar o corpo para frente. Quando outras crianças tiravam os brinquedos de Tiago, ele geralmente olhava para a criança, buscava no ambiente outro objeto, e ficava na tentativa de locomover-se para alcançá-lo. Ele já se colocava na posição de engatinhar, esforçando-se para conseguir deslocamento. Tiago interagia com outras crianças quando elas se aproximavam dele, mas também as observava por longo tempo.

No terceiro mês de gravação (novembro), Tiago (7/8 meses de idade) progressivamente desenvolveu a habilidade de engatinhar e, ao final do mês, já o fazia com agilidade e velocidade, a ponto de competir com outros bebês em direção a carrinhos e outros brinquedos. Ele se mostrava atento a tudo o que ocorria no ambiente e observava os objetos em seus detalhes.

Também foi possível perceber que, diante de atividade de circuito, Tiago iniciava a posição de escalar os degraus de uma escada que sobe a rampa, enquanto interagia com os colegas e com as educadoras. Nesta atividade, expressava sorrisos aos pares e às educadoras.

No mês de dezembro, Tiago (8/9 meses de idade) sorriu bastante, ou pelo menos bem mais do que nas gravações dos meses anteriores. Em alguns momentos, observou-se que ele sorriu mesmo sozinho, sem parceiros adultos ou infantis. Parece-nos que ele se alegrava com a brincadeira da sala, com o que acontecia no ambiente. Ele olhava para a pesquisadora em alguns momentos e sorria, e também para as educadoras e para os colegas.

Observamos, ainda, comportamentos imitativos em Tiago neste mês. Com relação à competição por brinquedos, Tiago reagia mais passivamente. Como nos meses anteriores, ele olhava a criança que levava o brinquedo e rapidamente se locomovia em direção a outro. Eram raros os episódios em que ele chorava quando lhe tiravam o brinquedo.

No retorno das férias, em janeiro de 2015, Tiago (10 meses) já ficava em pé, apoiado em objetos, dando alguns passinhos de forma independente. Ele se expressava com maior frequência e chorava por motivos que, no ano anterior, não chorava, como pelo fato de outras crianças esbarrarem nele. Parecia se mostrar mais sensível.

As informações gerais sobre o desenvolvimento de Tiago nos servem de apoio para, então, focarmos nas expressividades de sorriso e choro ocorridas nas interações entre os pares. Antes, porém, apresentaremos os dados referentes a todas as expressividades de sorriso e de choro emitidas por Tiago aos diferentes parceiros potenciais de interação daquele ambiente.

4.1.1 As expressões emocionais de Tiago (entre 5 meses e 10 meses de idade)

As expressões emocionais relacionadas aos sorrisos e aos choros, emitidas por Tiago e apreendidas nas videogravações, serão apresentadas em suas frequências de ocorrências e nas formas como se deram e se modificaram ao longo do tempo. Antes, porém, a fim de termos uma visão ampla das expressividades do bebê nas interações com os diferentes parceiros, apresentamos um mapeamento geral, classificando as expressividades de acordo com as pessoas/ausência de pessoas, com quem o bebê interagiu ao iniciar a expressão. Assim, discriminamos as ocorrências de sorrisos e choros de Tiago, expressos sem parceiro imediato, e na sua interação com a pesquisadora, as educadoras e os pares.

Gráfico 6. Ocorrências de sorrisos e choros emitidos por Tiago

Do conjunto do material coletado, foram registradas 72 manifestações de expressividades de Tiago, sendo 40 relacionadas ao sorriso e 32 ao choro. Deste modo, observamos de antemão que, nos momentos das gravações, o bebê sorriu mais do que chorou. Seria Tiago um bebê de personalidade mais alegre? Há situações que (des)favorecem a maior frequência de sorrisos/choros? O que faz com que um bebê sorria ou chore mais a determinados parceiros em ambientes coletivos, inclusive aos pares?

Do total das manifestações expressivas (72), 68 tiveram início em interações de Tiago com pessoas do ambiente, e apenas quatro foram emitidas sem que o bebê estivesse de imediato interagindo com alguém. Ainda, ao contrário do ocorrido nas interações com

adultos, nas interações com os pares Tiago mais chorou (15) do que sorriu (11). Entretanto, ambas as expressões foram manifestadas regularmente pelo bebê. O fato de Tiago, por exemplo, sorrir mais aos adultos do que aos pares, teria relação com o modo dialógico com que o parceiro adulto responde ao sorriso dos bebês, diferentemente do modo como os pares reagem a essa expressividade?

Outro dado se refere à relação do bebê com a pesquisadora. Tiago havia começado a frequentar a creche na mesma semana do início da coleta de dados. E, após as primeiras semanas de frequência, Tiago parou de chorar em direção à pesquisadora, resultando em poucos registros de choro na relação com ela. Teria o bebê discriminado que a pesquisadora, apesar de ser um adulto imerso no ambiente, não se tratava de uma pessoa de referência, a quem ele pudesse recorrer em situações agonísticas?

Essas e outras interrogações podem ser levantadas frente aos resultados das ocorrências de expressividades de Tiago em suas relações no ambiente do berçário da creche, apontando caminho para novas pesquisas relacionadas. Deter-nos-emos aqui, no entanto, em trabalhar uma análise e discussão relacionadas a algumas dessas manifestações entre os pares, de modo a explicitar como ocorrem tais expressões entre crianças tão pequenas e se há transformações ao longo do tempo. Como referido anteriormente, para a apresentação dos resultados e da discussão, optamos por trazer separadamente as expressividades de sorriso e choro, iniciando por aquelas relacionadas aos sorrisos do bebê.

4.1.2 As expressões emocionais de Tiago relacionadas ao sorriso

Conforme supracitado, em suas interações com pares, Tiago aparece sorrindo onze vezes nas videograções. Estes sorrisos foram sendo vistos e revistos primeiramente nas suas formas e características expressivas. Sabemos que, para pessoas adultas, desde muito cedo o bebê sorri, mas também ri, a depender do tipo de estímulo e situação.

Por isso, ao contato com as imagens, interrogamo-nos sobre a presença de RISOS e SORRISOS. Estes representam duas formas de expressão, possuindo características distintas (conforme conceituado na metodologia deste estudo). Assim, discriminamos tais categorias no gráfico 7, de modo a evidenciar se, nesse ambiente coletivo, com relação a essa criança, ocorreram risos e sorrisos. O gráfico 7 apresenta os resultados dessas expressividades, nas datas em que ocorreram as gravações.

Gráfico 7. Ocorrências de sorrisos e risos na relação de Tiago com pares

Através do gráfico, relacionado aos risos do bebê, é interessante observar que não se registrou nenhuma ocorrência. Vale acrescentar que, nas demais expressividades para parceiros adultos, e mesmo na ausência de parceiros, Tiago também não ri nos momentos da coleta de dados, apenas sorri. O que observamos em alguns episódios foi que o bebê sorriu e ao mesmo tempo emitiu gritos, mas que tal expressividade não se confundia com o riso, caracterizado pelo acompanhamento de sons rítmicos provenientes do fundo da garganta, conforme conceituado na metodologia deste trabalho. A constatação é intrigante. Que tipo de relações e situações se estabelecem em um ambiente coletivo de crianças pequenas e que favorecem expressões mais amenas como o sorriso, em detrimento daquelas mais expansivas, como o riso? O bebê necessitaria de parceiros especiais, mais próximos e/ou competentes do que os pares da creche para rir? Ou seria uma particularidade de expressão dessa criança?

Ainda pelo gráfico é possível observar que o número máximo de sorrisos emitidos por dia são dois, e em alguns dos dias dos dois primeiros meses o bebê até mesmo não chegou a sorrir durante o tempo das gravações. Tal resultado teria a ver com as atividades propostas pelas educadoras? Ou com o período de adaptação, em que estaria mais presente um estranhamento com o novo ambiente? Ou, em função da adaptação, pelo fato de não reconhecer os parceiros presentes no ambiente?

Ainda observamos que, a partir do terceiro mês de gravação (8 meses de idade), Tiago passou a expressar sorrisos com maior frequência e regularmente. O fato teria relação com mudanças na forma de interagir naquele ambiente? Ou com a possibilidade de vir a se utilizar dessas expressividades nas relações sociais, apontando para um desenvolvimento nas formas de interagir com pares?

Vários dos questionamentos levantados serão melhor explorados no decorrer da análise qualitativa e discussão dos dados referentes a Tiago, e também através dos dois episódios de expressividades de sorrisos apresentados e discutidos a seguir.

4.1.3 Descrição do episódio de sorriso de Tiago: *Isis, Tiago e o Cogumelo!*

Data: 24/09/2014 (Primeiro mês de videogravação)

Tempo: 6'50" - 9'05" **Duração:** 2'15"

Participantes: Tiago – 6 meses / Isis: 1 ano David: 8 meses

Figura 10. Cena 1

Figura 11. Cena 2

Figura 12. Cena 3

Figura 13. Cena 4

Figura 14. Cena 5

Figura 15. Cena 5

Figura 16. Cena 6

Tiago está deitado de barriga para baixo, olhando para Isis, que manuseia um cogumelo giratório. Isis está à frente de Tiago, com o corpo de lado em relação a ele. Ela fricciona a parte superior do cogumelo que faz girar o seu interior, produzindo um ruído

(Figura 10. Cena 1). David se aproxima, engatinhando. Isis o empurra para o lado, pressionando sua mão direita no rosto de David (Figura 11. Cena 2). David cai, depois senta e logo se afasta dali. Tiago, por sua vez, segue olhando para Isis que, na sequência, retira a chupeta da sua própria boca, batendo-a no cogumelo. Depois, ela recoloca a chupeta em sua boca e segue batendo no cogumelo. Após alguns instantes, Isis, que estava de lado em relação

a Tiago e com o olhar voltado para o objeto, levanta o cogumelo com as duas mãos, posicionando-o na frente de Tiago (Figura 12. Cena 3). Após firmar o objeto no chão, Isis olha para Tiago, que também está olhando para ela, mas logo Tiago direciona a atenção ao objeto e impulsiona o corpo adiante, tentando se deslocar em direção a outra criança/cogumelo. Isis segue batendo na parte superior do mesmo, e Tiago intercala olhares para ela e para o brinquedo em movimento. Isis passa a tentar morder o cogumelo e a chupeta cai de sua boca. Tiago olha para a chupeta e se lança em direção a ela.

Antes que Tiago toque na chupeta, Isis a pega e a coloca na boca. Tiago cessa os movimentos, levanta a cabeça, e olha fixamente para Isis, que também olha para ele (Figura 13. Cena 4). Isis volta a bater na parte superior do cogumelo. Tiago olha para o centro da sala, onde uma das educadoras fala com outra criança. Logo, Tiago volta o olhar para o cogumelo e **sorri**, impulsionando seu corpo em direção ao objeto (Figuras 14 e 15. Cena 5). Quando Tiago sorri, Isis está com a cabeça abaixada, olhando dentro do cogumelo, e não vê que Tiago sorri. Isis, então, coloca uma das mãos dentro do brinquedo, através de uma abertura contida na parte superior, e Tiago observa atentamente o interior do cogumelo. Isis levanta o objeto com as duas mãos. Tiago acompanha o movimento do brinquedo, que é afastado dele. Ele adquire, então, uma expressão em que abre a boca, enquanto fricciona músculos da testa, apoiando uma das mãos no chão para levantar a cabeça (Figura 16. Cena 6). Tiago olha fixamente para Isis, que solta o cogumelo das mãos, caindo longe dele. Tiago passa a olhar para o centro da sala, e Isis sai de cena, engatinhando.

4.1.4 Análise e discussão do episódio de sorriso de Tiago: Isis, Tiago e o Cogumelo!

Para a análise deste episódio, importa retomar alguns acontecimentos anteriores ao recorte, que nos ajudam a dar sentido à sequência dos comportamentos. Anteriormente, Isis permaneceu por longo tempo sentada no mesmo lugar e brincando com o cogumelo. Nesse período, três crianças diferentes se aproximaram dela e ela agiu, empurrando-as para afastá-las de seu brinquedo, como fez com David. Seria para evitar a ameaça de perda do brinquedo que estava em suas mãos?

No entanto, com Tiago Isis não teve a mesma atitude, no sentido de afastá-lo. Ao contrário, inicialmente moveu o cogumelo, de modo que ficasse mais próximo de Tiago,

atitude esta que não parece ter sido ocasional, já que, ao afastar as outras crianças, Isis olhava para Tiago, que estava ali perto, portanto, percebendo sua presença. Surgem questões: Tiago não seria visto por Isis como um parceiro que representava uma ameaça de disputa sobre o brinquedo que ela manuseava? Seria a forma de Tiago se aproximar mais gradativa e pacífica, o que permitiu uma interação prolongada e sem agressões?

É possível que a atitude diferenciada de Isis se deva à forma com que Tiago interagiu com ela, já que, pela própria dificuldade motora, ele se mostrou mais lento na sua aproximação da criança e do brinquedo que manuseava. Ele passou muito tempo observando Isis e, aos poucos, foi se aproximando, enquanto olhava para ela e para o brinquedo, conforme Isis batia no cogumelo.

O cogumelo colocado mais próximo de Tiago, mas ainda fora de seu alcance, parece ter gerado nele, que ainda não engatinhava e somente conseguia arrastar o corpo com dificuldade, um atrativo desencadeador de locomoção dirigida ao objeto e, consequentemente, ao parceiro de interação. A ação de Isis de morder o cogumelo, deixando cair a chupeta no chão, parece ter motivado Tiago a se aproximar para pegar a chupeta. Mas, como ela pegou a chupeta e recolocou na boca, Tiago cessou os movimentos e olhou para ela fixamente.

A expressividade do sorriso aparece na sequência. Tiago olhou rapidamente para o centro da sala e retornou o olhar dirigido ao brinquedo e à Isis, e o fez com um **sorriso**. O sorriso de Tiago seria resultado da voz da educadora, da reciprocidade interativa com Isis, ou da satisfação pelo movimento do objeto que estava mais próximo? Ele sorriu sozinho?

O sorriso de Tiago se manifestou de forma rápida e sutil, a ponto de necessitar de grande atenção para captá-lo. A própria condição de locomoção do bebê (não engatinhava ainda) e postura (de barriga para baixo), ainda que ele tentasse levantar a cabeça ao sorrir, a (des)coordenação dos movimentos do corpo fizeram com que a expressão de sorriso não fosse percebida por Isis. Assim, Tiago sorriu com o corpo direcionado a Isis, mas, pelo limite da postura e pelo olhar que se voltava para o objeto, ela não viu o sorriso dele, expressão que, portanto, não repercutiu no parceiro.

O sorriso analisado neste episódio aconteceu aos seis meses de idade do bebê, o que constata a capacidade de bebês desta idade sorrirem em um ambiente coletivo alheio àquele domiciliar. Entretanto, permanecem as questões: em decorrência do que o bebê sorriu? O que vemos é que, no momento em que ele sorri, seu olhar está voltado para o objeto, deixando dúvidas sobre para quem seria o sorriso. Surge ainda a pergunta: sorrisos para outrem, nesta faixa etária, pressupõe necessariamente que o bebê esteja com o rosto voltado para essa pessoa?

Resultados de experimentos desenvolvidos por René Spitz e Wolf (1946, citado por Spitz, 2004), relacionados à reação do sorriso em bebês, mostraram que, em uma população de 145 crianças estudadas, o sorriso apareceu como uma manifestação comportamental a depender de etapa específica da vida do bebê. Crianças entre dois e seis meses de idade, em sua grande maioria, foram capazes de sorrir indiscriminadamente em reação ao rosto de qualquer indivíduo, conhecido ou estranho, independente do sexo e da cor, frente às seguintes condições: “o rosto apresentado de frente, de maneira que o bebê possa ver os dois olhos, e deve mover-se” (p.88). Entretanto, “após a idade de seis meses, a grande maioria de nossa população não sorria mais quando o estímulo que provocara sorrisos entre dois e seis meses lhes era apresentado por um *estranho*” (p. 89).

Neste sentido, Spitz (2004) aponta que, a partir dos seis meses de idade, bebês reservam sorrisos para a mãe ou rostos familiares conhecidos, não sorrindo para estranhos. Ademais, em suas proposições, o autor salienta que o bebê nasce com um equipamento inato que tende a ser ativado “através de trocas com outro ser humano, com um parceiro, com a mãe. Só uma relação recíproca é capaz disso” (p.96). Mas, o quer dizer da expressividade de sorriso de Tiago (seis meses de idade) neste episódio em análise, onde o bebê, estando na creche, sorri interagindo com outro bebê, mas também com a educadora, e ao manifestar o sorriso se volta ao objeto?

A presente pesquisa vai além das expressividades de sorrisos emitidos quando o bebê se relaciona com a mãe em domicílio, mostrando em ambiente naturalístico como acontecem os sorrisos dos bebês que convivem em creche, a partir dos quatro ou cinco meses de idade. Portanto, ocorrem na relação com adultos diferentes, ambiente estranho, e outras crianças da mesma faixa etária circulando livremente em uma sala de berçário. No caso de Tiago, neste episódio, fazia menos de um mês que estava frequentando a creche e ele sorriu ao interagir com Isis dentro de uma interação prolongada, embora não saibamos para quem foi o sorriso, e nem se esse foi para alguém.

Assim, o episódio nos mostra Tiago aos seis meses sorrindo na interação com Isis, sendo que não só nisso está imerso o sorriso do bebê, mas também numa interação complexa que envolve também as educadoras, o corpo todo de ambos os bebês e um objeto.

Esta triangulação, Tiago – Objeto – Isis, inclusive, é um aspecto notável no conjunto do episódio. Tiago observa e se aproxima do objeto que era manuseado por Isis, e tais comportamentos incluem olhares dirigidos não só ao brinquedo, mas também para Isis. Da mesma forma que Isis, estando a manusear o cogumelo, olhou várias vezes para Tiago, mostrando perceber suas aproximações quando retirou a chupeta do alcance dele e mesmo o

cogumelo, à medida que Tiago chegava mais perto. Assim, observamos na interação elementos que podem identificar presença de atenção conjunta, através de algumas das ações que circunscrevem tal fenômeno, como sendo: a atenção do olhar na direção em que o outro está olhando e a observação da face do outro (Aquino & Salomão, 2009).

Entretanto, Tomasello, Carpenter, Call, Behne e Moll, (2005), ao tratar da atenção conjunta, apontam que somente a partir dos nove meses de idade os bebês passam a participar de envolvimento triádicos; antes disso, basicamente participam de envolvimento diádicos. Ademais, tais envolvimento são propostos pelos autores na relação do bebê com pessoas adultas. Para Tomasello (Aquino & Salomão, 2009), a atenção conjunta se caracteriza por aquela ação social onde adulto e criança prestam atenção a uma terceira coisa, por um razoável período de tempo.

Assim, seguindo as proposições dos autores, Isis (1 ano de idade) já possuía capacidade de estabelecer atenção conjunta em envolvimento triádico. Mas, o que dizer de Tiago, bebê que, aos seis meses de idade, intercala olhares entre Isis e o objeto que ela manuseava, se deslocando em direção a tal objeto? E ainda, em se tratando do contexto de creche, e de relação entre bebês, seria possível a atenção conjunta, já que tal fenômeno tem sido reconhecido na relação do bebê com adultos?

Ao final do episódio, quando Tiago fica bem perto do cogumelo, Isis afasta o brinquedo dele. Essa atitude de Isis gera uma expressividade em Tiago que parece de frustração na medida em que ele abre a boca e enrijece a testa, tentando acompanhar o brinquedo que é elevado do chão por Isis. A partir deste momento, quando Isis muda de lugar o objeto, novos sentidos foram postos na relação, sendo que Isis se distancia e Tiago direciona a atenção para o centro da sala.

Tais constatações nos levam a destacar que ambientes diferentes e realidades diversas como a creche, no caso estudado, possibilitam que, entre parceiros de idade, o sorriso se manifeste, embora em processo e com características próprias que envolvem nível de maturidade motora, posição do bebê, o corpo das crianças na relação, participação de objetos no ambiente, disponibilidade de espaço livre para que os bebês interajam, dentre outros. Elementos que, inclusive, nos permitem interrogar se o sorriso de Tiago teria sido dirigido a alguém e/ou a quem teria sido dirigido. Tantos aspectos interligados denotam um processo de desenvolvimento, o sorriso se dando como expressividade imersa neste processo, considerando a rede de relações deste bebê com o ambiente, objetos e pessoas (Rossetti-Ferreira et al., 2004).

4.1.5 Descrição do episódio de sorriso de Tiago: *Aos arredores de um carrinho!*

Data: 10/12/2014 (Quarto mês de videogravação)

Tempo: 2' 30" - 3' 25" **Duração:** 55"

Participantes: Tiago – 8 meses / Bruno: 11 meses

Figura 17. Cena 1

Figura 18. Cena 2

Figura 19. Cena 3

Figura 20. Cena 4

Há um carrinho grande de espuma colocado sobre o tatame, no qual Bruno está apoiado, olhando para a educadora. Tiago se aproxima do carrinho e se apoia nele para se levantar. Tiago fica próximo a Bruno e ambos olham para a educadora que está falando com outra criança. Logo, Tiago direciona o olhar para o rosto de Bruno, que está de lado em relação a Tiago, e olha adiante (Figura 17. Cena 1). Bruno se locomove apoiado no carrinho, passando na frente de Tiago, colocando por um instante uma de suas mãos sobre a mão de Tiago (Figura 18. Cena 2). Não é possível observar se Bruno olha para Tiago, devido ao foco da câmera e aos seus movimentos de cabeça mais abaixada. Tiago olha para as educadoras que falam, mas logo volta a se direcionar para Bruno. Tiago olha para a pesquisadora, e depois volta a olhar para Bruno, que se afasta dele apoiando-se no carrinho. Conforme Bruno se afasta, Tiago se desloca em direção a ele, e, olhando no rosto de Bruno, vocaliza e sorri (Figura 19. Cena 3). Bruno, por sua vez, está de lado em relação a Tiago, e não olha para ele. Bruno deixa de se apoiar no carrinho e fica na posição de engatinhar. Tiago estica a mão em direção a Bruno e lança o corpo sobre o carrinho para alcançar o colega com a mão, mas não consegue. Bruno olha em outra direção e se afasta mais de Tiago que, então, deita a cabeça sobre o carrinho, semelhante à atitude de descanso. Logo Tiago se lança sobre o carrinho, esticando mais o braço em direção a Bruno, quando esbarra a mão em seu rosto (Figura 20. Cena 4). Bruno não dirige o olhar ao colega. Tiago retrai o corpo, ficando sentado ao lado do carrinho de espuma, faz uma expressão de

desagrado, coloca-se na posição de engatinhar e sai dali. Quando Tiago se afasta, Bruno se reaproxima dele, mas Tiago não olha para ele e sai, engatinhando.

4.1.6 Análise e discussão do episódio de sorriso de Tiago: *Aos arredores de um carrinho!*

Desde o início deste episódio, Tiago indica, com seu comportamento, várias tentativas de contato com Bruno. Primeiramente, Tiago volta-se para Bruno, olhando para ele fixamente, e não é correspondido. À medida que Bruno se afasta, Tiago estica o braço, como que comunicando uma tentativa de contato, mas Bruno também não lhe dirige a atenção. Tiago segue movimentando o corpo na direção de Bruno com os braços esticados, e acrescenta a esses movimentos a expressão do sorriso e também a vocalização em forma de gritinhos amenos. Após a expressividade de sorriso, Tiago ainda estica seu corpo por sobre o carrinho de espuma e chega a tocar no rosto de Bruno, esticando uma das mãos, mas Bruno se afasta. Assim como no episódio anterior, aqui Tiago emite o sorriso como um recurso comunicativo adicional, após emitir vários outros, como de movimentos e direção do olhar.

No entanto, não é possível observar a correspondência da atenção de Bruno, nem mesmo com o olhar. Apesar disso, Bruno, ao se deslocar, coloca a sua mão sobre a mão de Tiago, e no final do episódio seu rosto é tocado por Tiago, o que nos leva a supor que Bruno percebia, de algum modo, a presença de Tiago, mas não se dispunha a corresponder.

Assim, se no episódio anterior Tiago se mostrou mais passivo diante do par, preferencialmente olhando-o, com dificuldade de aproximação e um sorriso que deixa dúvida se era mesmo dirigido ao parceiro, neste episódio vê-se que Tiago não só é regulado pelo parceiro como se utiliza de vários recursos para o estabelecimento da interação direta com o outro, recursos estes que incluem, inclusive, um esforço por contato físico, sem a presença e/ou interesse por qualquer objeto.

Essa riqueza de recursos comunicativos do bebê no ambiente da creche não só dirigido aos pares, mas também aos diversos interlocutores deste local, já foram evidenciados por Elmôr (2009). Mas o que destacamos na presente análise - e em comparação ao episódio anterior (ocorrido cerca de 46 dias antes) - é que houve não só uma participação mais ativa de Tiago como uma progressiva articulação de recursos diversos com maior possibilidade de deslocamento dentro do espaço, levando-o a buscar o parceiro.

Neste sentido, a expressão emocional do sorriso aparece como um recurso a mais utilizado por Tiago, que pode ser interpretado ou como um indicativo de interesse ou um modo de chamar a atenção do outro, já que o sorriso foi acompanhado de outros movimentos e formas de expressão corporal adicionados a Bruno. Tiago, um bebê de oito meses, demonstra a habilidade de articular recursos comunicativos de forma integrada e coerente através do corpo, sendo o sorriso parte integrante neste processo, embora, em ambos os episódios, tal expressão não tenha sido vista pelo parceiro.

Assim como no episódio anterior, o sorriso se dá de maneira fugaz, talvez contribuindo para ser mais dificilmente percebido pelo parceiro. Seriam os sorrisos uma expressão de mais difícil visibilidade e repercussão na convivência entre pares? Que elementos dessa expressão impedem o recorte pelos pares e, portanto, impedem ou dificultam sua repercussão?

Tais inquietações nos abrem caminho para pensar em possibilidades de mudanças ao longo do tempo no que diz respeito às expressividades de sorriso. Deste modo, na sequência, relatamos brevemente como aconteceram os demais sorrisos de Tiago ao longo do período da coleta de dados, e como, a partir dos episódios apresentados, podemos identificar transformações ao longo do tempo no que diz respeito à repercussão ou não dos sorrisos nos parceiros de idade e quais elementos influenciam no processo de recorte ou não dos sorrisos pelos pares.

4.1.7 Os sorrisos de Tiago nas interações com pares: transformações ao longo do tempo

Figura 21

Figura 22

Figuras 23

Figuras 24

Figuras 25

Figura 26

Além dos episódios apresentados, a partir de uma observação cuidadosa de todos os sorrisos de Tiago, observamos que eles se dão de diferentes maneiras na interação com os pares, permitindo-nos explorar tais eventos de modo a sinalizar mudanças no modo como estas expressões repercutem ou não nos pares com os quais o bebê se relaciona ao sorrir, ao longo do tempo.

Os dois primeiros registros dos sorrisos de Tiago aconteceram aos seis meses de vida do bebê e no segundo mês da coleta de dados. Nestes episódios, Tiago sorriu diante de situações e parceiros diferentes, mas com objetos característicos envolvidos (Figura 21 e 22). Os objetos eram coloridos e produziam sons ao serem movimentados.

Assim, num dos episódios já descrito (*Isis, Tiago e o Cogumelo*), Tiago observa a outra criança (Isis, um ano de idade) manusear o brinquedo com as características citadas e, em determinado momento, sorri, tendo a atenção voltada para o objeto e para o parceiro. No outro episódio (não descrito anteriormente), Tiago sorri para o parceiro (João, um ano e dois meses de idade) após escutar o ruído da queda de um objeto. Tiago permanecia longo tempo na posição de barriga para baixo (Figura 21 e 22), fazendo constante esforço para se movimentar e para manter levantada a cabeça para ver ao redor. Nos dois episódios citados, os parceiros não veem os sorrisos emitidos por Tiago.

Aos sete meses de idade (segundo mês da coleta de dados), Tiago sorri na interação com outros bebês. Um dos sorrisos aconteceu na interação com Isabela (um ano e

sete meses de idade), em que Tiago sorri e bate as suas mãos no brinquedo (bola) ao mesmo tempo em que grita, o que chamou a atenção de Isabela, que olhou rapidamente para Tiago sorrindo (Figura 23). Apesar desse movimento de atenção a Tiago, Isabela logo direciona a atenção para outro objeto, deixando de ser regulada por Tiago.

Como podemos observar na Figura 23, Tiago já fica sentado, o que possibilita uma nova forma de visão e percepção do ambiente e também dos parceiros de idade em relação a ele. A posição de sentar-se permite uma equivalência de altura com outros parceiros, permitindo à outra criança maior visibilidade de suas expressões, inclusive aquelas mais amenas, como a do sorriso. No caso citado, Tiago sorri estando sentado próximo a Isabela, e seu sorriso é acompanhado de movimentos e vocalizações, o que possivelmente fez com que ela observasse as manifestações de Tiago. Apesar de Isabela ver Tiago sorrindo, este lhe capta brevemente a atenção, não promovendo nenhum tipo de compartilhamento ou co-regulação. Este foi o primeiro sorriso registrado no banco de dados que se mostrou como sendo apreendido pelo parceiro de idade.

Já aos oito meses de idade, Tiago se expressa um maior número de vezes, em comparação aos demais meses de gravação, emitindo cinco sorrisos. Na forma como Tiago expressa quatro desses sorrisos, há elementos comuns, já citados, que os acompanham, tais como bater as mãos (seja em superfícies planas ou através de palmas ou de objetos), gestos estes acompanhados por movimentos do corpo. Tiago parece ter aprendido a bater palmas e a movimentar o corpo de forma rítmica, ao mesmo tempo em que sorri.

Os dois primeiros sorrisos registrados no oitavo mês foram expressos com as características citadas. Num deles Tiago está apoiado no *play ground*, e Isis (um ano e dois meses de idade) se aproxima. Tiago olha para ela e sorri, enquanto bate as suas mãos na superfície do brinquedo. Mas Isis não vê o sorriso de Tiago. No outro episódio, Tiago está sentado perto de Laíz (um ano e quatro meses de idade), quando começa a bater palmas e balançar o corpo ritmicamente (há música infantil tocando). Tiago olha para Laíz e adiciona aos movimentos do corpo a expressão do sorriso. Laíz não vê o sorriso de Tiago, pois neste momento ela está se levantando para sair dali.

Assim, ao contrário daquele sorriso emitido no final do sétimo mês na interação com Isabela, nestes dois últimos citados, as características de bater no objeto ritmicamente ao sorrir não foram suficientes para captar a atenção dos parceiros. Mas observamos que, nestes últimos, Tiago não vocaliza.

Desse modo, apesar de observarmos mudanças na forma como a expressividade acontece, apontamos para uma não linearidade, ou seja, se em determinado episódio certas características facilitam que o sorriso seja visto pelos parceiros, em outros não procede.

Outros dois episódios do oitavo mês de vida da criança também marcam diferenças em relação aos anteriores. Num deles Tiago, estando frente a frente com Estela (um ano e cinco meses de idade), sorri para ela (entre eles havia um bloco do *play ground*), e ela corresponde ao sorriso (Figura 24). Observa-se que Tiago vê o sorriso de Estela e intensifica a própria expressão ao mesmo tempo em que bate suas mãos no brinquedo e se vira de lado em relação à Estela. Ambos redirecionam a atenção para outros parceiros.

No outro episódio, Junior (um ano e dois meses de idade) começa a bater na superfície do brinquedo, e Tiago passa a bater também, e sorri ao olhar para Junior (Figura 25). Junior parece ter visto o sorriso de Tiago (limite do foco da câmera), no entanto, Junior para de bater na superfície e se afasta dali, sendo que o sorriso não foi um elemento que teve uma maior repercussão no parceiro.

Aos oito meses de idade, Tiago já ficava em pé com apoio. E foi nesta posição, que o levou a uma equivalência de estatura com parceiros, que ele teve ao menos dois de seus sorrisos vistos e, inclusive, um episódio em que seu sorriso se intensificou diante da correspondência do par (Estela), ambos imersos em uma brincadeira compartilhada de bater as mãos sobre uma superfície.

Os nove meses do bebê coincidiram com o período de férias da creche, por isso não há registro de ocorrências. Na volta das férias, no início de 2015, Tiago estava com 10 meses de idade e, na primeira semana, não registramos sorrisos, o que pode estar relacionado ao período de readaptação. Mas, na segunda semana, Tiago apresentou dois sorrisos. Um deles é expresso a outras crianças conjuntamente, sem que seja possível ver repercussão, pelo limite do foco da filmagem. O outro acontece na interação de Tiago com Rafael (um ano e um mês de idade), que é um parceiro com quem Tiago já convivera no ano anterior.

É interessante notar que Tiago resgata elementos de seus sorrisos do ano anterior. Tiago está sentando na parte mais alta do *play ground*, batendo na superfície e sorrindo para a pesquisadora. Logo Tiago olha para Rafael, que estava no pé da rampa, e sorri, enquanto bate na superfície do brinquedo. Rafael bate as suas mãos na rampa, sorri, grita e sobe a rampa engatinhando. Assim, Rafael corresponde aos gestos e sorrisos de Tiago, compartilhando brevemente a brincadeira de bater no brinquedo (Figura 26).

Conforme viemos acompanhando, nos sorrisos expressos por Tiago na interação com pares de idade, os parceiros foram aleatórios, não sendo possível identificar um parceiro

preferencial. Entretanto, torna-se premente ressaltar que, dentro os episódios em que os sorrisos de Tiago não foram vistos, e naqueles em que foram vistos pelos parceiros e, de alguma forma, repercutiram neles, os parceiros eram crianças um pouco maiores do que Tiago.

Ademais, observamos que as expressões de sorriso de Tiago foram se modificando e adquirindo novas características. No início, os sorrisos direcionados aos pares eram sutis, sendo até difícil detectá-los. Nos episódios subsequentes, além de se tornarem mais evidentes, foram sendo manifestos acompanhados de diferentes movimentos corporais (bater palmas, bater as mãos em superfícies) e vocalizações (gritos), através de mudanças inclusive na postura (deitado de barriga para baixo, sentado e em pé).

No processo, houve tanto sorrisos não observados pelos pares como sorrisos vistos, sem que tenham gerado reações de compartilhamento como outros poucos em que os sorrisos foram correspondidos ainda que de maneira breve na brincadeira.

Apesar da não linearidade no processo, é possível apontar marcadores de mudanças que possivelmente irão se efetivar com maior intensidade com o passar do tempo. Por isso, a necessidade de novos estudos que verifiquem tais processos no segundo ano de vida dos bebês, dada a importância das manifestações de expressividades emocionais entre pares em ambiente coletivo e a escassez de trabalhos relacionados a este assunto, como vimos na revisão de literatura desta pesquisa.

4.1.8 Expressividades emocionais de Tiago relacionadas ao choro

Assim como nas expressividades relacionadas ao sorriso, o contato com as expressividades de choro iniciadas por Tiago na interação com pares nos levaram à criação de categorias (Kreppner, 2001). O que definiu a divisão por categorias foram a qualidade dos choros e o tempo de duração, conforme supracitado na metodologia deste trabalho. Assim, no gráfico abaixo, apresentamos a disposição dos CHORAMINGOS, CHOROS e CHOROS PROLONGADOS, no decorrer do período da coleta do material empírico.

Gráfico 8. Ocorrências de choramingos, choros e choros prolongados na relação de Tiago com pares

Das 15 expressões de choro emitidas por Bruno e divididas em categorias, é possível observar, através do gráfico, que o choramingo é a expressividade mais frequentemente emitida por Tiago nas interações com os pares, com sete ocorrências, seguido do choro, com cinco ocorrências, e do choro prolongado, onde registramos apenas duas ocorrências.

A distribuição desses choros ao longo do tempo conta com um número maior de ocorrências no oitavo mês de idade do bebê, apresentando-se em número menor nos outros meses. Surgem algumas questões a partir destes resultados: Poderíamos supor que Tiago é uma criança mais calma e passiva, e por isso chora pouco? Ou seria por reagir menos aos parceiros? Por ser uma criança menor e observar bastante, estaria menos envolvido em conflitos? Seria Tiago uma criança mais vigiada pelas educadoras e que, por isso, era mais protegido de agressões e conflitos na relação com os pares? E, ainda, que tipo de situações são vivenciadas neste ambiente coletivo que levam o bebê a choramingar mais do que chorar ou chorar de maneira prolongada?

A divisão dos choros por categorias obviamente se deu por haverem semelhanças nas formas como o bebê expressa tais emoções. Entretanto, ressaltamos que há uma singularidade no que diz respeito aos parceiros, às situações, aos objetos envolvidos, à intervenção dos adultos e outras possíveis influências do ambiente e do momento. Esses elementos serão evidenciados nos três episódios explorados qualitativamente a seguir, através da descrição e da análise por categorias.

As possíveis transformações nas expressões de choro ao longo do tempo também serão exploradas. No entanto, nestas expressividades, houve a intervenção rápida e direta dos

adultos em grande parte dos episódios, o que impediu ou dificultou a verificação de como se desdobrava o fluxo interacional nessa condição entre pares.

4.1.9 Descrição do episódio de choro prolongado de Tiago: *Apoiado sobre a mão!*

Data: 17/09/2014 (Primeiro mês de videogravação)

Tempo: 11'35" - 13'50" **Duração:** 2'15"

Participantes: Tiago – 6 meses / Junior: 11 meses

Figura 27. Cena 1

Figura 28. Cena 2

Figura 29. Cena 3

Figura 30. Cena 4

Figura 31. Cena 5

Figura 32. Cena 6

Tiago está deitado de barriga para baixo, manuseando a etiqueta do tapete colorido estendido sobre o chão. Junior chega engatinhando (Figura 27. Cena 1), e passa na frente de Tiago. Ao sentar-se, apoia-se sobre uma das mãos de Tiago (Figura 28. Cena 2). Junior aparentemente não percebe a mão do colega presa sob seu corpo, e começa a manusear uma haste que faz parte do tapete colorido. Tiago se movimenta na tentativa de retirar sua mão, mas não consegue tirá-la. Ele começa a chorar. Ao ouvi-lo chorar (ela parece não ter visto que Junior sentara sobre a mão de Tiago), a educadora Marcela chama Tiago pelo nome. Neste instante, Junior sai engatinhando. Como Tiago estava puxando a mão para tirá-la, quando Junior levanta, a mão e parte do corpo de Tiago são lançados em movimento brusco no sentido contrário em relação a Junior (Figura 29. Cena 3). A educadora oferece brinquedos para Tiago, mas ele não pega, e segue chorando e olhando para os lados e para a educadora, e

se desloca ao redor, incomodado (Figura 30. Cena 4). O choro de Tiago se prolonga até o momento e que a educadora o coloca sentado perto dela, apoiando-o pelas costas. A educadora lhe oferece brinquedos e lhe dá a chupeta. Ao receber a chupeta, Tiago olha fixamente para a educadora, segura em um de seus braços e depois direciona o corpo para ela, indicando querer colo (Figura 31. Cena 5). A educadora diz: “Não, no colo não, vamos brincar! ”, e oferece brinquedos a Tiago, que passa a manuseá-los (Figura 32. Cena 6). A educadora o apoia pelas costas, porque ele ainda não fica sentado sem apoio.

4.1.10 Análise e discussão do episódio de choro prolongado de Tiago: *Sentado sobre a mão!*

A interação entre Tiago e Junior começa a partir do momento em que Junior se senta sobre a mão de Tiago, regulando seu comportamento através dos corpos. É interessante notar que, mesmo Tiago sendo uma criança de apenas seis meses e que ainda se encontrava em período de adaptação à creche, ele não se utiliza primeiramente do choro para resolver a situação. Pelo contrário, ele faz a tentativa de retirada da mão, antes de começar a chorar. Tiago demonstra estar incomodado por ter uma das mãos prendida, e é possível que tenha sentido dor, na medida em que puxava a mão e não conseguia liberá-la.

Quando Junior se levanta e a mão de Tiago é liberada, parte de seu corpo é lançado para o lado, mas tal movimento brusco não altera a intensidade do choro. No entanto, a expressão se mantém constante e Tiago agrega movimentos de deslocamento. Mesmo na posição de barriga para baixo, ele se desloca empurrando o próprio corpo ao redor de si e levantando a cabeça para olhar ao redor enquanto chora, dirigindo o seu olhar não só à educadora, mas ao ambiente e a outras crianças, sem direção fixa.

Sobre a repercussão do choro de Tiago no parceiro de idade, observamos no episódio que a expressão não teve repercussão em Junior. Apesar de o choro ter sido provocado pelo fato dele ter prensado a mão de Tiago sob seu corpo, gerando um contato físico e talvez dor que provocaram forte incômodo em Tiago, quem responde ao choro é a educadora. Portanto, temos um episódio onde a expressividade é gerada pelo parceiro, mas não direcionada a ele, já que, ao chorar, Tiago manifesta estar incomodado e olha para os lados, inclusive para a educadora e pesquisadora, mas também para o ambiente e para as crianças aleatoriamente.

O choro prolongado de Tiago regula a educadora, que lhe chama pelo nome e lhe oferece brinquedos, mas ele só para de chorar quando é colocado sentado. Seria a atitude de contato físico com a educadora que o fizera parar de chorar? Tiago teria se sentido cuidado por ela? Ou o simples fato de colocá-lo em outra posição? Ou, ainda, o conjunto dos fatores?

Observamos, na sequência dos fatos, que a educadora se utilizou de estratégias diferentes para acalmar Tiago: chama-o pelo nome, lhe oferece brinquedos, e por fim o coloca sentado e lhe oferece a chupeta.

O ato de distrair o bebê com objetos já foi destacado por Melchiori e Alves (2004) como uma das estratégias utilizadas quando ocorre o choro em bebês de creche. Mas, no presente caso, tal estratégia só foi aceita pelo bebê ao final do episódio, depois que a educadora muda sua posição (de deitado para sentado) apoiando-o nas costas, dando-lhe a chupeta e permanecendo sentada ao seu lado.

Entretanto, antes disso, quando a educadora coloca Tiago sentado ao seu lado e lhe dá a chupeta, ele a olha fixamente e estica os braços e o corpo para ir no colo da educadora. Ao se aproximar da educadora através do contato físico e receber a chupeta Tiago, pode ter associado estes gestos com o ato de pegar no colo, portanto já estendendo os braços.

Tais elementos nos remetem às ideias de Wallon (1999) sobre a estereotipia e ritualização. De acordo com a teoria do autor, na relação adulto-bebê alguns comportamentos vão sendo valorizados mais do que outros, sendo recortados de modo a tornarem-se reconhecidos em outro momento interativo. No episódio, pela sequência de atitudes, seria possível que Tiago tenha se dado conta de uma sequência de comportamento de sua relação com a mãe? Quando foi para a creche e a educadora o aproxima dela e lhe oferece a chupeta, pode ter sinalizado ao bebê que o comportamento sequencial era o colo? Os comportamentos da mãe em casa, diante do choro do bebê, poderiam agora terem sido associados àqueles da educadora na creche?

Entretanto, a reação da educadora é diferente do comportamento da mãe, porque mesmo vendo que Tiago esticava os braços para ir no colo, ela reacomoda o corpo dele e lhe oferece brinquedos, e Tiago passa a manusear os objetos. Assim, neste novo ambiente, com novos parceiros, Tiago teria que reaprender, e possivelmente mais tarde (re)estabelecer ritualizações com esses novos parceiros.

4.1.11 Descrição do episódio de choramingo de Tiago: *A bexiga e os beliscões!*

Data: 06/11/2014 (Terceiro mês de videogravação)

Tempo: 12'30" - 13'55" **Duração:** 1'25"

Participantes: Tiago – 7 meses / Isis: 1 ano e 2 meses

Figura 33. Cena 1

Figura 34. Cena 2

Figura 35. Cena 3

Figura 36. Cena 4

Figura 37. Cena 5

Figura 38. Cena 6

Figura 39. Cena 7

Tiago está apoiado sobre um carrinho de espuma e se encontra manuseando uma bexiga que está com um pouco de ar. Ele a coloca na boca, morde de um lado e de outro, aperta com as duas mãos, movimenta o corpo e grita excitado enquanto sacode a bexiga, logo voltando a mordê-la. De repente, mesmo antes de aparecer qualquer outra imagem no foco da câmera, Tiago fica parado, olhando fixamente para frente, com uma expressão facial que se assemelha àquela de espanto (enrijece a testa e abre a boca) (Figura 33. Cena 1). Logo vê-se Isis chegar, engatinhando. Isis se coloca diante de Tiago (Figura 34. Cena 2). Ela toma a bexiga das mãos de Tiago e se senta ao lado do carrinho de espuma, batendo a bexiga em uma das mãos, enquanto olha para Tiago. Este, por sua vez, olha para a bexiga e depois para Isis, e logo se lança por sobre o carrinho, estendendo a mão em direção à bexiga para pegá-la, mas não consegue. Tiago retrocede e fica parado, olhando fixamente para o objeto. Tiago logo volta a lançar o corpo sobre o carrinho, e Isis coloca a bexiga em seu alcance, mas, quando Tiago toca na bexiga, Isis a retira, permanecendo sentada no mesmo lugar (Figura 35. Cena 3).

Tiago retrocede, olha para a bexiga e vocaliza: “bá, bá”, manifestando expressão de desagrado. Isis, que manuseava a bexiga, se lança adiante e, apoiada no carrinho, olha para Tiago e aproxima a bexiga junto ao rosto dele, neste instante passando a olhar para o centro da sala. A bexiga cai das mãos de Isis (Figura 36. Cena 4) que fica em pé, olha para a bexiga no chão e depois para a pesquisadora e para Tiago. Enquanto isso, Tiago já se esticava por sobre o carrinho, em direção à bexiga, mas ela fica fora de seu alcance e ele retrocede. Isis então se coloca diante de Tiago, em pé, e levanta uma das mãos, gesto semelhante ao de quem vai bater no outro, apesar de não o fazer. Ela abaixa aquela mão e coloca as duas mãos sobre a cabeça dele, ficando de costas para a câmera (Figura 37. Cena 5). Isis passa a fazer movimentos de pegar no rosto de Tiago e apertar, gesto como o ato de beliscar. Seus dedos tocam os olhos, o nariz e a boca de Tiago (Figura 38. Cena 6). Este começa a choramingar (Figura 39. Cena 7). A pesquisadora chama a atenção de Isis. A educadora escuta e também chama a atenção dela. Isis para por uns instantes, e depois volta a beliscar o rosto de Tiago, que volta a choramingar. A educadora chega correndo, afasta Isis de Tiago e diz: “*Não pode Isis! É carinho! Faz carinho!*” Tiago para de choramingar. A educadora pega uma das mãos de Isis e desliza sobre o rosto de Tiago por várias vezes, enquanto repete a frase: “*É carinho no bebê, carinho no bebê!*” Enquanto isso, Isis olha para Tiago e Tiago intercala olhares para a educadora e para Isis. A educadora Ana Júlia afasta Isis dali, segurando-a pela mão, dizendo: “*Agora vem!*” Tiago acompanha o afastamento de Isis e depois bate com as duas mãos no carrinho e dá gritinhos enquanto bate na superfície do carrinho de espuma, movimentando o corpo, excitado.

4.1.12 Análise e discussão do episódio de choramingo de Tiago: A bexiga e os beliscões!

A expressão facial de Tiago quando percebe que Isis se aproxima nos chama atenção, pois ele fixa o olhar nela e manifesta espanto, encerrando os movimentos. Poderia ele parecer prever que aquela aproximação significava uma ameaça ou para ele ou para o brinquedo que possui em suas mãos? É possível, aos sete meses de idade, já antecipar ações de outras pessoas, já que isso implicaria em ter alguns elementos marcadores de modos das relações? Será que Isis era uma criança com a qual Tiago já possuía uma maior proximidade, o que fazia com que essa criança fosse reconhecida por Tiago como alguém invasivo? Não é

possível ver com clareza, e isso demandaria novas investigações. Mas, o que se verifica no vídeo é que, de fato, Isis se aproxima e lhe tira a bexiga.

No desenrolar deste episódio, Tiago e Isis, apesar de ainda não possuírem o recurso verbal, demonstram habilidade comunicativa ao travarem um diálogo mudo (Scorsolini-Comin & Amorim, 2010), através de expressões, gestos e posturas que corporificam significações (Amorim & Rossetti-Ferreira, 2008) relacionadas ao fato de que ambos querem a bexiga e disputam pela mesma. Mais do que isso, parece haver um gesto de aparente “provocação” por parte de Isis (sete meses mais velha) ao levar a bexiga para tocar a mão de Tiago (que queria recobrá-la), sem deixar que ele a pegue.

Interessante notar que, mesmo ela tendo tirado a bexiga de Tiago e feito o “jogo” de fazer de conta que daria a bexiga para ele, Tiago não chora, e dentro de suas (im)possibilidades motoras se esforça para recuperá-la.

Observamos, portanto, neste primeiro momento, um engajamento triádico (Tomasello et al., 2005) – Isis – bexiga – Tiago, onde ambos os bebês prestam atenção no mesmo objeto. Tais características são definidas por Tomasello como atenção conjunta (Aquino & Salomão, 2009). Conforme discutido no episódio anterior, Tomasello propõe que a atenção conjunta surge no bebê a partir dos nove meses de idade, no entanto Tiago se encontrava com apenas sete meses de idade. Seria o ambiente da creche e as relações com pares facilitadoras de uma nova configuração das interações do bebê, diferentes daquelas observadas pelo autor na relação de bebês com adultos?

Apesar de Isis ter um maior desenvolvimento e uma coordenação motora mais refinada, ela também tem dificuldades, como quando perde a bexiga e quando vai tocá-la no rosto de Tiago. Nesse momento, o foco da interação se modifica. Isis perde o interesse pela bexiga, e passa a exibir vários gestos que indicam querer beliscar o Tiago. A mudança de foco se deu pela mudança postural em que os olhares se cruzaram e novos significados emergiram na relação (Amorim & Costa et al., 2012)? Seria a nova postura de Isis que, em pé, passou a ter uma diferente visão da outra criança, bem mais nova (e mais vulnerável) que ela, propiciando uma nova relação dialógica com o parceiro (Amorim & Rossetti-Ferreira, 2008)?

Quando Isis passa a fazer gestos que indicam beliscar o rosto de Tiago ele choraminga. O choro é manifestado como expressão de incômodo, e talvez de dor, por causa das investidas de Isis sobre seu rosto, seus olhos, boca e nariz. Após alguns gestos que indicavam beliscões, a pesquisadora chama a atenção de Isis e ela faz uma pausa e logo passa a repetir os gestos de beliscar, até que a educadora corre e interfere. Enquanto Isis emite os gestos de beliscar, Tiago desloca a cabeça para trás, e depois levanta seu corpo, mas suas

(im)possibilidades posturais não interferem nas ações de Isis, que está em outro nível postural: em pé diante de Tiago, com maior possibilidade de colocar as mãos sobre ele e, inclusive, permitindo consecutivas investidas sobre seu rosto.

Assim, a incompletude motora de bebês (no caso um pouco maior em Tiago) gera uma relação mais instável, tornando-se um campo fértil para o surgimento do novo (Vasconcelos et al., 2003).

Retomando a expressão de choro de Tiago, observamos que, na sua interação com Isis, a expressividade não o contagia no sentido de cessar as investidas contra ele; ao contrário, antes e depois dos choramingos Isis lhe dedica gestos de beliscar, não tendo o choro qualquer interferência nas ações da colega.

De acordo com as proposições de Wallon (1999), por natureza as emoções possuem um traço essencial que é o elemento da contagiosidade entre indivíduos. No caso deste episódio, como também observamos naquele anteriormente discutido (Isis, Tiago e o cogumelo!), a expressão emocional do choro (tanto o prolongado quanto o choramingo) não causou qualquer atitude nos parceiros de idade. O que nos leva a interrogar-nos: Não é sempre que a emoção contagia? É a partir de certa idade? O que implica o contágio das emoções?

Ainda de acordo com Wallon (1999), é através das emoções que a criança pequena, segundo suas necessidades, desperta a ajuda do outro. Este outro seria necessariamente o adulto? Nos dois episódios de choro já discutidos, os pares não demonstram mudança de atitude frente ao choro de Tiago, no entanto, os adultos do ambiente (educadoras e pesquisadora) se mostram regulados pelo bebê diante do choro, interferindo de alguma forma.

4.1.13 Descrição do episódio de choro de Tiago: *Lara, Tiago e a girafa!*

Data: 19/11/2014 (Terceiro mês de videogravação)

Tempo: 3' 32" - 4'22" **Duração:** 50"

Participantes: Tiago – 8 meses / Lara: 1 ano e 2 meses

Figura 40. Cena 1

Figura 41. Cena 2

Figura 42. Cena 3

Figura 43. Cena 4

Tiago está sentado perto de um carrinho grande de espuma, quando observa a educadora Mikaela levar um cavalinho para perto do espelho. Tiago dirige-se para o local onde foi colocado o cavalinho e engatinha em direção ao brinquedo. Lara (seis meses mais velha) está em pé, mais distante e de lado em relação a Tiago, de costas para a câmera e com uma girafa de brinquedo nas mãos. Tiago passa perto de Lara engatinhando e ela se volta para ele, batendo na cabeça de Tiago com a girafa por quatro vezes consecutivas (Figura 40 – Cena 1). Num primeiro momento não é possível ver a expressão facial de nenhuma das crianças, devido ao foco da câmera. Tiago retrocede com o corpo, se senta e curva a coluna ao abaixar a cabeça, sendo possível escutar sons de choro do fundo da garganta. Ao início do choro de Tiago, Lara cessa as batidas e se posiciona na frente dele para observá-lo chorando. (Figura 41 – Cena 2). Tiago chora com a cabeça abaixada. Ouve-se a educadora falando “*Oh Lara! Lara, dá aqui pra tia! Não pode bater! Dá um abraço nele!*” A educadora se aproxima das duas crianças e retira a girafa das mãos de Lara, pegando as mãos dela e colocando-as sobre a cabeça de Tiago, enquanto diz: “*Carinho! Não pode bater nele*”. Tiago levanta a cabeça em direção a Lara e a educadora, com seus olhos praticamente fechados devido ao choro (Figura 42 – Cena 3), e logo abaixa a cabeça e intensifica o choro. A educadora retira Lara de perto de Tiago. Ele diminui a intensidade do choro enquanto olha para Lara e a educadora e para os lados. Tiago olha para a pesquisadora, une as mãos e depois as levanta para logo soltá-las de uma vez, como que dando um suspiro (Figura 43 – Cena 4). Neste momento Tiago para de chorar, olha adiante e sai engatinhando.

4.1.14 Análise e discussão do episódio de choro de Tiago: *Lara, Tiago e a girafa!*

Durante o período de gravação, chama atenção as atitudes de Lara para com as demais crianças. Ela morde e bate com frequência e, em muitos episódios, ela tem tais

comportamentos aparentemente sem que haja qualquer motivo para isso (seja pela disputa de brinquedo, briga ou outro). Neste episódio mesmo, Tiago está engatinhando sem olhar para Lara e, ao passar por ela, recebe batidas na cabeça através do objeto.

O choro de Tiago se dá como uma forma de manifestar a dor que possivelmente sentira em decorrência das golpeadas, já que a girafa era feita com um plástico duro, maciço. Juntamente com o choro, Tiago muda a postura corporal, passando do movimento de engatinhar adiante para uma retração do corpo para sentar, ao mesmo tempo em que curva a coluna, emitindo os sons do choro do fundo da garganta.

Assim, ao contrário da expressão do sorriso (que pode ser mais sutil e que pelas diferentes posturas entre as crianças, pode não ser mais facilmente observável), é possível identificar a presença de choro não só através da expressão mímica, como de uma vocalização / sonorização rítmica, mesmo que a criança esteja de costas, como acontece no início do choro de Tiago. Tal característica de expressividade e sonoridade é mais facilmente despertadora da atenção do outro, e, no caso, das educadoras que, ao ouvirem o choro, geralmente tomam alguma providência, interferindo na interação. No entanto, o choro da criança não fez com que Lara – no caso a parceira de interação – se sensibilizasse no sentido de acalmar Tiago que chorava.

Neste sentido, novamente levantamos interrogações sobre as proposições de Wallon (1999) relacionadas ao elemento do contágio, próprio das emoções, segundo ele. Nos três episódios descritos, os choros de Tiago nas suas diferentes qualidades e durações (choramingo, choro e choro prolongado) não despertaram nas outras crianças qualquer atitude no sentido de ajudar, fazendo algo pela criança que chorava. Diferentes são as reações dos adultos, que, ao ouvir o choro, prestam socorro ao bebê. Então, o contágio não acontece em qualquer idade? Ou não é sempre que as emoções têm esse efeito sobre os outros? Ou, ainda, as expressões emocionais só contagiam adultos?

Apesar de não tomar nenhuma atitude no sentido de acalmar Tiago diante do seu choro, quando há a expressão e ele muda de posição Lara para de bater nele e passa a contemplá-lo chorando. Essa atitude de observar, e por isso perceber e dar atenção ao choro do outro bebê, poderia ser um indício de contagiosidade que não se efetiva em atitudes, mas que faz o outro cessar as batidas? Poderíamos supor que a contagiosidade das emoções tem, nesse tipo de interação, seus primórdios?

Outro aspecto notável e que está presente em muitos outros episódios é a atitude da educadora de levar a criança - no caso Lara - a fazer carinho em Tiago, após ter batido nele. A atitude da educadora evoca pacificação. Mas parece que Tiago não recebe o afeto com este

sentido, haja vista que intensifica seu choro quando Lara coloca as mãos na cabeça dele. Dessa forma, conforme também observamos em outros episódios, os bebês emitem expressividades atreladas a gestos, seja de sorriso ou de choro, com um sentido, mas o bebê receptor nem sempre demonstra aderir a tal sentido.

No presente episódio em análise há que considerar, entretanto, que a ajuda de Lara diante do choro de Tiago não foi uma reação espontânea da criança, como aquela de parar e olhar o colega chorando, mas consistiu em uma indução da educadora, que pegou em suas mãos para acariciá-lo enquanto falava sobre fazer carinho no colega. Tal interferência dá outro desfecho para a interação, não nos permitindo observar o que Lara faria na sequência diante do choro de Tiago.

Assim, dos três episódios de choro tratados, observamos que Tiago chorou diante de situações invasivas, na medida em que outras crianças o atingiam em sua corporeidade: num deles o colega sentando sobre sua mão; no outro recebendo gestos que indicavam beliscadas; e neste, golpeadas na cabeça com objeto. Na interação com as crianças envolvidas nos episódios observamos que o choro não repercute nos parceiros de modo a contagiá-los e despertar neles alguma reação de solidariedade ou fuga ou outra, independente da intensidade do choro (choramingo, choro e choro prolongado). Entretanto, apesar disso, exploramos a seguir algumas questões relacionadas à possibilidade de mudanças das expressões de choro nas interações do bebê com as demais crianças.

4.1.15. Os choros de Tiago ao longo do tempo

Apesar de termos apresentado um episódio de cada categoria relacionada aos diferentes choros de Tiago, emitidos quando ele interagia com as demais crianças, assim como nas expressões de sorriso, observamos de maneira cuidadosa os demais choros do bebê, a fim de buscarmos possíveis transformações nesta expressão no decorrer do período das gravações.

Os três primeiros choros de Tiago acontecem aos seis meses de idade do bebê (a partir da terceira semana de gravação). A primeira interação onde se verifica choro prolongado ocorre entre Junior (onze meses de idade) e Tiago, descrita no episódio “*Sentado sobre a mão!*”, onde Junior não se mostra afetado pelo choro do colega, e após algum tempo a educadora acalma o bebê. A segunda ocorrência é de choro e acontece quando Lara (um ano

de idade), sem aparente motivo, se aproxima de Tiago (estava de barriga para baixo e sozinho observando o ambiente) e puxa seus cabelos e belisca seu rosto. Tiago chora e olha para a pesquisadora e Lara segue com tais atitudes. Logo a educadora chega e retira Lara. Na sequência, a educadora entrega um carrinho para Tiago e logo chega Lucas (um ano e cinco meses) e toma o carrinho. Tiago choraminga e imediatamente olha para a educadora e depois para o colega. Lucas enxerga a expressão de Tiago, mas não devolve o brinquedo. Quem o faz é a educadora.

Nas três ocorrências de choro, Tiago estava na posição de barriga para baixo, mantendo a cabeça levantada para olhar ao redor. Interessante notar que na primeira ocorrência de choro, Tiago olha em muitas direções enquanto chora, (conforme discutido no episódio “*Sentado sobre a mão!*”). Já no segundo episódio, direciona o olhar à pesquisadora, e no terceiro à educadora, e depois a outra criança. Para os três episódios, os choros de Tiago não causaram qualquer mudança de comportamento nas crianças com quem interagia, ou melhor, que lhe provocaram o choro.

Aos sete meses de idade do bebê, registramos duas ocorrências de choro, uma delas já descrita no episódio “*A bexiga e os beliscões!*”, onde Tiago choraminga direcionado a Isis (um ano de idade), ele sentado e ela em pé, ela beliscando seu rosto até que a educadora interfere. No outro episódio, a educadora dava corda em um carrinho e Tiago e Lucas disputavam alcançá-lo. Tiago, que já engatinhava, e pela sua posição em relação ao carrinho, consegue pegá-lo. Mas a educadora logo retira o brinquedo para dar corda novamente. Mesmo que Tiago já não tenha o carrinho, Lucas bate nele e a educadora retira Lucas. Tiago olha para a educadora e para Lucas enquanto choraminga.

Observamos que nos dois episódios, em relação aos anteriores, Tiago possui outra condição postural (sentado e engatinhando), o que lhe dá diferentes possibilidades, inclusive de competir por brinquedos. Entretanto, a despeito das expressões de choro, assim como nas anteriores, o choro não parece contagiar os parceiros no sentido de acalmar o bebê, cessar ou mudar comportamentos. Não fossem as interferências das educadoras, fica a interrogação: como seria a sequência desses episódios?

Assim como destacado nas expressões de sorriso de Tiago, também as manifestações de choro ocorreram com maior frequência aos oito meses do bebê, se comparadas aos demais meses da coleta de dados (cinco episódios). No episódio já descrito anteriormente “*Lara, Tiago e a girafa!*”, observamos que, diante do choro de Tiago, Lara se coloca na frente dele e o observa (um ano e dois meses), e logo a educadora chega e interfere, fazendo com que Lara acaricie o rosto do colega que chora.

Uma semana depois, ocorre outro episódio de choro envolvendo Lara. Tiago está brincando no *play ground*, quando Lara se aproxima dele e o morde. Tiago chora com intensidade e prolongadamente. Diferentemente do episódio anterior, onde Lara contempla Tiago chorando, neste ela não cessa as tentativas de mordida, mesmo Tiago chorando intensamente.

Em outro episódio, Lucas (um ano e sete meses de idade) brinca com um bambolê que bate na cabeça de Tiago. Lucas parece não ter visto que o bambolê afetou o colega. Tiago chora e olha para Estela (um ano e cinco meses de idade), que está brincando perto dele. Ela corresponde ao olhar, mas segue brincando. Logo a educadora conforta Tiago.

Outro episódio envolve Estela (um ano e seis meses). Tiago está engatinhando pela sala, e Estela se aproxima e, sem motivo aparente, puxa seus cabelos por duas vezes. Tiago abaixa a cabeça, chorando, e Estela fica olhando para ele enquanto a educadora a afasta.

Assim, nas ocorrências de choro de Tiago aos oito meses de idade observamos que, de alguma forma, acontece algum tipo de invasão física relacionada ao bebê. Apesar disso, não observamos que as diferentes expressões de choro do bebê tiveram alguma repercussão nos parceiros, salvo o episódio onde Lara fica olhando Tiago chorar.

Aos nove meses de idade do bebê, devido ao período de férias da creche, houve apenas uma gravação, sem registro de ocorrência de choro.

Ao retornar das férias, Tiago (10 meses) manifesta apenas três expressões de choro. Uma delas na interação com Adolfo (um ano e nove meses). Tiago estava sentado no chão e Adolfo brincava de rolar no chão, quando esbarra em Tiago que chora e olha para a educadora. Adolfo olha rapidamente para Tiago e segue brincando. O outro choro acontece porque Isabela esbarra em Tiago ao descer do escorregador. Tiago choraminga. Isabela olha para ele e segue brincando. E, finalmente, temos um episódio onde Tiago está sentado no chão. Isis se aproxima e, sem motivo aparente, bate na cabeça de Tiago, ela estando em pé ao lado dele. A educadora retira Isis e Tiago olha Isis se distanciar enquanto choraminga.

Assim, observamos que em apenas três episódios Tiago chora pela disputa de brinquedos (bexiga e carrinho), ou por perder o brinquedo (carrinho). Nos demais, Tiago chora porque, na relação com outras crianças, ocorrem atitudes que o afetam fisicamente, partindo das outras crianças, geralmente um pouco mais velhas (mordem / beliscam / puxam os cabelos / batem na cabeça).

Ao contrário das observações sobre as expressões de sorriso, onde não verificamos a presença de parceiros de interação mais constante, nos episódios de choro de Tiago, observamos notavelmente a presença reiterada de algumas crianças. Lucas esteve envolvido

em quatro episódios, Lara em três e Isis em três. Poderíamos supor, a partir dos vários episódios com as mesmas crianças, a possibilidade de pares preferenciais ou não (aqueles que provocam desagrado)?

O contato com o material aponta para uma percepção de comportamentos característicos dessas três crianças em sua relação com o conjunto de parceiros. No caso de Lucas, este se tratava de uma criança maior (11 meses mais velho que Tiago) e que batia com frequência, não só em Tiago como nas demais crianças, em muitas ocasiões devido à disputa por brinquedos. Isis batia nas demais crianças também em situações de competição e pela atenção das educadoras que frequentemente protegiam Tiago e o afastavam dela. No caso de Lara, tratava-se de uma criança que mordida e batia com frequência, não só em Tiago. Lara mordida as crianças que se aproximavam dela ou muitas vezes ela se acercava de outros e acabava por mordê-los.

Outro aspecto que observamos especificamente nas expressividades de choro de Tiago é a presença mais constante das educadoras, quase que na totalidade das expressões emitidas, relacionadas ao choro. O que se pode apontar aqui é que tal atitude – decorrente do temor de que as crianças se machuquem – funciona como um impedimento no desenvolvimento das situações, rompendo efetivamente as interações dos bebês, já que a criança vista como incomodando o outro é retirada ou afastada dos parceiros. A ação de promover o ato de acalmar é feita pelas educadoras, muitas vezes, utilizando-se dos braços e mãos das crianças para abraçar o que chora. Outra atitude é distrair o bebê com objetos para fazê-lo parar de chorar.

Essa atitude pode estar incrementada nas cenas analisadas por alguns fatores. Por um lado, o bebê que estava sob a responsabilidade das educadoras estava sendo filmado, o que poderia gerar constrangimento ou temores nas educadoras com eventuais machucados mais graves. Tais atitudes impediam a sequência das interações, cessando mais brevemente os choros, o que pode ter contribuído para o elevado número de choramingos na medida em que era retirado o bebê que provocava o choro de Tiago.

Nas expressividades de choro de Tiago, não foi possível observar linearidade no sentido de aumentar um tipo de choro e diminuir outro. Ademais, destacamos que, apesar das interferências das educadoras que rompiam as interações frente aos choros do bebê, de um modo geral, o início desta expressividade não contava com a participação dos adultos. Desse modo, é possível apontar que, para este caso (Tiago), inserido nesta instituição (creche), contrariamente às proposições de Wallon (1999) sobre a contagiosidade das emoções, não verificamos entre as crianças a presença de tal elemento, o que permite constatar a

necessidade de maiores investigações com bebês do segundo e terceiro ano de vida que frequentam creche, para verificar a partir de que idade passa a ocorrer o contágio das expressões emocionais de choro.

Assim, não nos foi possível observar transformações das expressividades de choro do bebê ao longo do tempo, apenas diferenciar as categorias pelas características das diferentes expressões encontradas nos dados.

Tendo apresentado a análise e discussão dos dados referentes a Tiago, no próximo ponto tratamos de mapear, analisar e discutir os dados referentes a outro bebê investigado.

4.2. O BEBÊ BRUNO: RESUMO DAS GRAVAÇÕES

Antes de começarmos a apresentar as análises de frequência e qualidade das manifestações expressivas de sorriso e choro de Bruno, expomos alguns elementos gerais que puderam ser observados no processo de coleta de dados e no conjunto das gravações do bebê Bruno.

Como já relatado anteriormente, as videograções de Bruno tiveram início na primeira semana do mês de setembro de 2014 e perduraram até a primeira semana do mês de fevereiro de 2015. Entre dezembro e janeiro, houve uma interrupção nas gravações, a qual durou um mês, ocasionada pelas férias coletivas dos funcionários.

No primeiro mês de gravação, Bruno (8/9 meses de idade) passou parte do tempo sozinho, explorando objetos que ficavam espalhados pelo chão da sala. Ele se deslocava para alcançar brinquedos, e em alguns momentos compartilhava o manuseio daqueles com os colegas. Os brinquedos dispostos eram variados, contendo desde bonecas a carrinhos, telefone de brinquedo, cogumelos, bolas, chocalhos, tapetes com desenhos, dentre outros.

Em muitos momentos, Bruno parava de mexer nos objetos que tinha em mãos ou próximo a ele para olhar ao redor, mirando onde se encontravam outras crianças e/ou educadoras; ou ainda, quando havia música, direcionava o olhar para a origem do som. Tais comportamentos foram observados, de um modo geral, em todas as gravações.

Ao longo deste primeiro mês de gravação, Bruno passou a se locomover pela sala arrastando-se. Também, sentava-se sozinho. Depois, mais ao final deste primeiro mês, Bruno já se levantava, apoiando-se em objetos.

Desde a primeira gravação, verificamos que Bruno emitiu expressões emocionais relacionadas ao sorriso e ao choro, dirigidas às educadoras e aos colegas. Mas Bruno também emitiu sorrisos ao manusear brinquedos sem a presença de quaisquer colegas ou educadoras perto dele.

Diante de situações em que outras crianças retiraram brinquedos das mãos de Bruno, sua reação consistia em deixar levar, logo olhando para os lados e, em seguida, passando a focar em um terceiro objeto.

No segundo mês de coleta de dados (outubro), observamos que Bruno (9/10 meses de idade) já engatinhava com o corpo levantado do chão, movimentando braços e pernas para se locomover, sem se arrastar propriamente.

Neste início do mês de outubro, Bruno demonstrava grande irritação, choro frequente e sinais de sono: encostava-se em objetos e fechava os olhos, firmava-se na cerquinha da sala e chorava, chorava longamente quando algum colega lhe tirava o objeto das mãos, etc. Devido a estes sinais, as educadoras mencionaram que, segundo a mãe de Bruno, ele não vinha dormindo bem à noite, acordando várias vezes e permanecendo em alerta por longo tempo, o que poderia ocasionar mais sono no período em que estava na creche.

Diante das informações, as filmagens que vinham sendo feitas no período da manhã passaram a ser realizadas no período vespertino, quando foi possível perceber que tais sinais de incômodo e sono eram mais amenos.

Da mesma forma que no mês de setembro, Bruno manifestou expressões de sorriso e choro direcionados tanto às demais crianças quanto às educadoras. Mas, quando colegas lhe retiravam brinquedos, por vezes, ele chorava; em outras vezes, ele conseguia reter para si o objeto.

Além de manusear objetos, Bruno interagia, intercalando movimentos de chocalhos com outras crianças, mantendo-se próximo a outros colegas enquanto os observava brincando, e pegando carrinhos dos outros bebês, em diferentes momentos e locais da sala. Também observamos que neste mês (outubro) Bruno passou a brincar no *play ground*, que fica num canto específico da sala. Apoiado neste brinquedo (*play ground*), Bruno se levantava e se aproximava de outras crianças, inclusive possibilitando manusear objetos menores, que estavam próximos.

Destacamos ainda uma sequência de atitudes manifestas no final do mês de outubro e que se repetiram nas semanas seguintes: Bruno olhava para as educadoras e logo passava a retirar lençóis das cubas e jogá-los no chão. As educadoras o repreendiam e ele sorria, seguindo na tarefa, até ser retirado dali.

No mês de novembro, Bruno (10/11 meses de idade) conseguia já dar alguns passinhos, apoiado na cerca que divide a sala. Da mesma forma que nos meses anteriores, apresentou expressões emocionais de sorriso e choro. Também foi possível observar que Bruno bateu palmas e moveu o corpo ao olhar os colegas dançando ao som da música, música esta que era colocada em volume baixo enquanto as crianças brincavam livremente pelo chão. Esses comportamentos se repetiram em gravações posteriores.

Diferentemente de como ocorria nos meses anteriores, diante de situações onde os colegas tomaram brinquedos de Bruno, ele agora já os retinha e fazia expressão de braveza ao franzir a testa e a vocalizar, ao mesmo tempo em que defendia o brinquedo para que não fosse levado pelo colega.

No último mês do ano (dezembro/2014), Bruno (11/12 meses de idade) deu os primeiros passos, tanto de forma independente como com a ajuda da educadora. Também ele apresentou maior agilidade para se locomover dentro da sala, visto que se levantava facilmente apoiado em brinquedos grandes, cerca e berços.

Ainda neste mês, Bruno apresentou expressividades emocionais relacionadas ao sorriso e ao choro, apesar de terem sido feitas apenas duas gravações, devido ao recesso.

No mês de janeiro de 2015, Bruno (um ano/ um ano e um mês de idade) foi filmado apenas na última semana, quando as crianças retornavam das férias coletivas, e também houve gravação na primeira semana de fevereiro, quando foi dado por encerrado o processo da coleta de dados.

Nas duas semanas de gravação de 2015, Bruno apresentou inúmeras expressões emocionais relacionadas ao choro. Este choro foi interpretado como devido ao processo de readaptação, já que ele passou a frequentar outra sala, onde havia alguns colegas e uma educadora diferentes daqueles do ano anterior. Apesar disso, Bruno se aproximou de outras crianças e participou de atividades coletivas dirigidas pelas educadoras, como de descer no escorregador e escalar um *play ground* que foi colocado no centro da sala. Neste período, Bruno já andava independentemente pela sala.

Assim, de um modo geral, através das videograções, observamos várias ocorrências de manifestações expressivas de emoções relacionadas ao sorriso e ao choro no período de coleta de dados, emitidas por Bruno em relação aos diferentes parceiros, através de diferentes situações que envolviam compartilhamento ou disputa de brinquedos, aproximação de colegas e conflitos entre os bebês. Salientamos aqui objetos que frequentemente eram preferidos pelas crianças e em diversas ocasiões eram disputados por Bruno e seus colegas: um telefone de brinquedo pequeno e colorido, um cogumelo de brinquedo, também colorido e

que fazia movimentos ao ser friccionado na parte superior, e um carrinho grande de espuma, frequentemente utilizado como apoio para os bebês sustentarem o corpo levantado.

Além destes brinquedos, havia inúmeros outros que eram dispostos no chão da sala para os bebês manusearem, conforme supracitado. Além disso, eram promovidas atividades de brincadeira, coordenadas pelas educadoras, dentre as quais citamos: brincar de esconde-esconde com lençóis na cabeça, soprar bolinhas de sabão para as crianças pegarem no ar, empurrar carrinho de fricção para os bebês pegarem, jogar bexigas para cima, dançar e fazer gestos com música, dentre outros.

Agora, passamos a apresentar e discutir mais especificamente as expressões emocionais desta criança.

4.2.1 Expressões emocionais de Bruno (entre 8 meses e 1 ano e 1 mês de idade)

Assim como na estrutura de apresentação dos resultados de Tiago, também apresentaremos um mapeamento geral das expressividades relacionadas aos sorrisos e aos choros de Bruno. Deste modo, teremos uma visão geral das expressividades emitidas pelo bebê no período analisado, aos mais diferentes parceiros de interação, ou mesmo na ausência de parceiro imediato. Depois disso, a partir dessa visão mais abrangente, é que focalizaremos na análise qualitativa das expressividades de sorriso e choro emitidas pelo bebê focal em relação aos pares.

No gráfico abaixo, apresentamos separadamente os parceiros com os quais Bruno interagiu nos momentos em que se manifestaram as expressividades emocionais, indicando as quantidades totais de suas ocorrências em relação aos diferentes parceiros (ou em sua ausência).

Gráfico 9. Ocorrências de sorrisos e choros de Bruno na relação com os diferentes parceiros

Os resultados obtidos no gráfico 9 apresentam uma surpreendente diferença entre a frequência de expressividades de choro que tiveram origem na interação de pares (45) e aquelas que tiveram origem na interação com as educadoras (18). Os choros de Bruno iniciados na interação com pares são muito mais frequentes do que aqueles iniciados na interação com as educadoras. No entanto, uma análise prévia nos permite identificar que muitos choros de Bruno são ocasionados por empurrões, disputas, perda de brinquedo, dentre outros. E, em muitos episódios, apesar das expressões de choro serem provocadas pelos pares e direcionadas a eles, elas são, em seguida, redirecionadas às educadoras. Interpreta-se, dessa maneira, que o choro representava um recurso comunicativo para pedir ajuda às educadoras. Mas há também aqueles choros que não foram redirecionados às educadoras, mostrando-se como uma reação de incômodo do bebê frente a ações invasivas dos pares. Essas questões serão mais detalhadamente analisadas e consideradas na análise qualitativa dos episódios, mais adiante.

Já as expressões de sorriso com relação aos pares (10) ocorreram com uma frequência regular entre os diversos parceiros, à exceção da pesquisadora. E, aqueles expressos sem parceiro imediato (9), possuindo número aproximado ao dos pares, levantando interrogações relacionadas aos motivos que levam um bebê que está em ambiente coletivo a sorrir “sozinho”.

Os sorrisos para as educadoras, no entanto, são um pouco mais frequentes (14), ao longo do período. É interessante notar que o bebê sorri para a pesquisadora (3), mas não chora na interação com ela. Assim, podemos supor que, apesar da presença semanal da pesquisadora

no ambiente, esta não se constituiu uma pessoa representativa ou de referência para o bebê, podendo já estar ocorrendo alguma forma de discriminação sobre as pessoas adultas que possibilitam atenção e ajuda ao mesmo, diante de situações conflituosas ou outras quando o bebê solicita a atenção do adulto.

Apesar de o bebê sorrir mais para os adultos que aos pares, os resultados com os parceiros de idade são surpreendentes tanto nos sorrisos quanto nos choros, levando em conta o fato de que a literatura apresenta expressões emocionais em bebês majoritariamente estudadas em suas interações com adultos, sejam estes os pais, cuidadores ou outros, e não com pares, nessa faixa etária do primeiro ano de vida (Amorim, 2012; Costa, 2012).

Os resultados preliminares das expressividades relacionadas ao sorriso e ao choro emitidas por Bruno levantam assim questionamentos: Seria do perfil de Bruno emitir maior quantidade de expressões relacionadas ao choro que ao sorriso? O bebê focal era uma criança triste porque chorava muito mais que sorria na creche? Para quem esse bebê chorava e para quem sorria? Como estão distribuídas as expressões no decorrer do tempo? Quais são as características dessas expressões e de que forma elas se manifestam entre os pares? Tais inquietações serão levantadas e discutidas no decorrer deste trabalho, na busca de hipóteses e apontamentos de lacunas no que concerne ao estudo da expressividade emocional desta criança, no primeiro ano de vida, entre pares, no ambiente da creche.

4.2.2 Expressões emocionais de Bruno relacionadas ao sorriso/riso

As expressões emocionais relacionadas ao sorriso e ao riso de Bruno durante os momentos de coleta de dados são apresentadas no gráfico abaixo, com as quantidades de cada expressividade nas diferentes datas.

Gráfico 10. Ocorrências de sorrisos e risos na relação de Bruno com pares

O primeiro aspecto que chama atenção nestas manifestações de Bruno é a ausência de risos. Apesar de que o gráfico 10 concentra as ocorrências de sorrisos e risos somente entre pares, no registro geral sabe-se que, em relação aos demais parceiros não ocorreram expressões de RISOS. Interrogamo-nos, dessa maneira: O ambiente coletivo poderia favorecer uma forma de expressão em detrimento de outras, já que esse dado também esteve presente no caso de Tiago? Ou, seria da “personalidade” de Bruno (e de Tiago) não rir, mas somente sorrir? Ou, ainda, será que, durante o período das videogravações, não foram possibilitadas situações em que a criança risse? Seria uma questão de oportunidade? Tais questões continuam sem resposta no presente trabalho, ensejando novas pesquisas nesse sentido.

Dos sorrisos emitidos por Bruno aos pares, Laíz é a criança que mais participa de interações com Bruno, para quem ele emite três sorrisos. Em relação às demais crianças, foi videogravado apenas um sorriso para cada uma delas (Estela, Pedro, João, Junior, Rafael e Isis).

A partir dessas interrogações gerais e questões sobre as expressividades de sorrisos e riso do bebê, passamos para a exploração qualitativa dos episódios de sorriso de Bruno, verificando também possíveis transformações ao longo do tempo.

4.2.3 Descrição do episódio de sorriso de Bruno: Expressões e gestos que comunicam!

Data: 17/09/2014 (Primeiro mês de videogravação)

Tempo: 23'20" - 26'45" **Duração:** 3'25"

Participantes: Bruno - 9 meses / Estela - 1 ano e 3 meses

Figura 44. Cena 1

Figura 45. Cena 2

Figura 46. Cena 3

Figura 47. Cena 4

Figura 48. Cena 5

Figura 49. Cena 6

Figura 50. Cena 7

Figura 51. Cena 8

Figura 52. Cena 9

Figura 53- Cena 10

Figura 54 - Cena

Figura 55 - Cena 12

Bruno está em pé, apoiado na tela da piscina de bolinhas, quando Estela se aproxima e se põe em pé ao lado dele. Bruno então dá uns passinhos, chegando mais perto de Estela, que não lhe direciona o olhar. Ela se vira ainda mais de costas para o menino. Bruno lança a mão em direção a Estela e vocaliza “ah!”, tocando no pescoço e no rosto de Estela por três vezes.

Ela não lhe dirige a atenção, mantendo o olhar direcionado ao centro da sala (Figura 44. Cena 1). Bruno se afasta de Estela, apoiado na tela da piscina de bolinhas. Segundos depois, Estela olha para Bruno. Ela agacha e engatinha contornando a piscina de bolinhas, passando por trás de Bruno. Este, por sua vez, acompanha a locomoção de Estela com o olhar e direcionamento do corpo. Estela se levanta rapidamente apoiada na tela da piscina de bolinhas e olha para o rosto de Bruno através da tela. Estela passa a fazer movimento com o corpo de modo a se direcionar e a olhar para Bruno ora através da tela, ora diretamente, fora da direção do pilar da piscina de bolinhas. Faz isso por duas vezes (Figura 45. Cena 2) e Bruno acompanha fazendo movimentos de cabeça. Em seguida, por repetidas vezes, Estela passa a fazer um movimento de aproximação e retração do corpo, de frente para Bruno. Quando se aproxima dele, Estela sorri (Figura 46. Cena 3). A sequência se repete e Bruno mantém o olhar e o corpo dirigidos para Estela e, quando ela se aproxima, ele vocaliza “Ah!” Ao se aproximar, Estela sorri (não é possível visualizar nitidamente a expressão facial de Bruno), (Figura 47. Cena 4). Em seguida, Estela olha para o centro da sala e se afasta de Bruno, apoiando-se na tela da piscina de bolinha e nos berços. Ao afastar-se, Estela emite um balbúcio semelhante à palavra de despedida “tchau!” (Figura 48. Cena 5). Ela acena olhando para Bruno, depois põe a mão na boca, fazendo ruído de estralo com os lábios e lança a mão em direção ao colega (Figura 49. Cena 6). Neste instante, a voz da educadora é identificada no comentário: *“Mandando beijo! Ahh! Estela tá mandando beijo pra ele!”* Estela olha para o centro da sala e se afasta de Bruno, que a acompanha com o olhar. Estela, já mais distante de Bruno, volta-se para ele e por diversas vezes, repete os gestos de por a mão na boca estalando os lábios, lançando-a depois em direção a Bruno. Por alguns segundos, Bruno olha para a piscina de bolinhas e Estela para os berços. Logo em seguida, Estela se volta novamente com o corpo para Bruno, emite gritinhos, sorri e estende os dois braços na direção dele (Figura 50. Cena 7). Neste momento, Bruno também sorri para Estela (Figura 51. Cena 8). Ela se aproxima apoiada na tela da piscina de bolinhas, parando de frente para Bruno, estando a sorrir para ele (Figura 52. Cena 9). Bruno está com a atenção dirigida a Estela, quando um ruído proveniente das educadoras atrai o olhar de ambos para o centro da sala. Após alguns segundos, dispersam das educadoras e Estela se aproxima novamente de Bruno. Ela estica a mão em direção ao corpo dele. Ela faz novamente o gesto de colocar a mão na boca, estalar lábios e lançá-la na direção de Bruno, que vai se aproximando. Bruno chega bem perto dela. Estela estando posicionada em um canto, entre o berço e a piscina de bolinhas, de frente para Bruno. Ela bate a mão na própria barriga e Bruno põe a mão no peito dela. Ela o olha seriamente e sobrepõe a sua mão à de Bruno (Figura 53. Cena 10). Bruno então retira a mão e novamente a estica em direção

ao braço de Estela, que contém uma argola azul. Estela retrai o braço. Bruno se aproxima mais de Estela e lhe toca na altura do ombro e na gola da roupa. Estela o olha e depois olha para o centro da sala, tocando em sua própria barriga. Bruno volta a tocar Estela e as mãos de ambos se encontram (Figura 54. Cena 11). Estela alça as mãos para o lado e tenta sair dali. Antes, ela se retrai acenando (gesto de tchau) e olhando para o rosto de Bruno ao sorrir (Figura 55. Cena 12). Ela se locomove para o lado, como quem quer sair dali. Bruno ainda lhe toca o rosto. Estela toca o rosto de Bruno neste movimento de saída. Ela tem o espaço reduzido naquele canto para sair, tendo Bruno à sua frente. E se abaixa até o chão e sai engatinhando.

4.2.4 Análise e discussão do episódio de sorriso de Bruno: Expressões e gestos que comunicam!

No início do episódio, observamos que a interação de Bruno e Estela passou por momentos onde primeiramente Bruno era regulado por Estela e, depois, Estela passou a ser regulada por Bruno. Em ambos os casos, a regulação era de atenção dirigida ao outro, apesar de eles ainda não fazerem nada juntos (Carvalho et al. 1996).

Desta forma, no princípio da interação de Bruno e Estela, identificamos elementos já apontados por Carvalho et al. (1996), tais como o elemento temporal, em que a regulação e a correção podem não ocorrerem ao mesmo tempo, e o elemento perceptivo, já que Estela está com o olhar voltado para o centro da sala quando Bruno se aproxima, vocaliza e lhe toca. Apesar da postura indiferente de Estela, que inclusive leva ao afastamento de Bruno, ela, em seguida, se locomove e se coloca diante dele. Assim, ambos se locomovem, com vários movimentos de aproximação e afastamento, ainda sem se estabelecer uma correção.

Um segundo momento que pode ser observado no episódio é quando Estela se põe em pé e inicia uma brincadeira (esconde-esconde), em que, alternadamente, ela mostra o rosto de um lado e do outro da piscina de bolinhas e Bruno acompanha com o olhar. Agora, ambos se mostram sendo regulados reciprocamente ou co-regulados (Carvalho et al., 1996).

É interessante notar as várias expressões emocionais que acompanham a interação de ambos. Estela, ao iniciar a brincadeira, quando se põe a movimentar o corpo num “mostra de um lado e depois de outro”, sorri para Bruno, que mantém o olhar direcionado a ela, passando a vocalizar “háa!”. Em seguida, Estela se aproxima e se afasta, estabelecendo uma sequência

recíproca. Entretanto, uma simples retirada do olhar de Estela em direção ao centro da sala, muda radicalmente a expressão facial de Bruno, que fica sério a observá-la. O sorriso / ações de Estela que contagiavam Bruno se desfazem, quando a expressão da outra criança, além da direção do corpo e olhar se modificam.

Assim, destacamos que, diferentemente dos episódios analisados anteriormente, relativos ao outro bebê (Tiago), aqui, o sorriso de Estela contagia Bruno, confirmando as proposições de Wallon (1999) relativas à característica de contagiosidades, segundo o autor, inerente às expressões emocionais. O que os sorrisos deste episódio possuem de diferente dos sorrisos dos episódios onde não houve contágio? Seria pelo parceiro? Pelo tipo de brincadeira proposta por Estela? Ou pela idade de Bruno (nove meses)? Que elementos permitem que sorrisos contagiem ou não os pares em ambiente coletivo?

Num terceiro momento do episódio em discussão, observamos que, após se dissiparem brevemente os olhares e a atenção entre Bruno e Estela, esta última passa a fazer um sinal de despedida ao acenar para Bruno e a jogar-lhe beijos, atitude essa que é reconhecida na fala das educadoras como sendo de despedida. Mas, ao que nos parece, não só as educadoras identificaram os gestos de Estela. Bruno apreende o significado que contêm os gestos da Estela, na medida em que também passa a olhar intercaladamente para ela e afastar-se ligeiramente na direção contrária.

Outro gesto de Estela observado na interação é aquele em que a criança, emitindo um gritinho, abre os braços e se aproxima de Bruno, gesto esse que se assemelha àquele culturalmente conhecido de “uma pessoa abrir os braços para a outra para uma aproximação afetuosa”. Bruno, ao olhar para Estela de braços abertos, sorri para ela, e seu sorriso é correspondido. Mas o sorriso de Bruno é rápido, e tão logo dissipa-se. Entretanto, o fato de ambos estarem de frente um para o outro parece ter feito com que a emoção contagiasse o parceiro e ensejasse ações na relação com o outro.

Resgatando os episódios de sorrisos de Tiago, que em sua grande maioria não contagiavam o parceiro, no caso de Bruno, observamos que o sorriso dele contagia Estela e a interação possui uma sequência que dá à expressão um sentido de aproximação dentro da relação. Seriam a posição de ambos, os gestos associados e a atividade lúdica anterior (esconde-esconde) elementos que contribuem para isso?

No caso de Tiago, vale ressaltar que os únicos dois sorrisos que contagiaram os pares aconteceram ao final do oitavo mês de vida do bebê e depois no décimo mês de idade. Nos registros de Bruno, aos nove meses de idade foi registrado o primeiro episódio de sorriso. Portanto, apontamos que, em ambos os casos dos bebês estudados, as expressões de sorriso

começaram a contagiar e de alguma forma causar reações no final do oitavo (Tiago) e início do nono mês de idade (Bruno).

Um quarto e último momento contido no recorte apresenta uma aproximação mais tátil entre Estela e Bruno. Este momento possui movimentos específicos perpassados pelo contato físico e pelos movimentos de aproximação e retração dos bebês. No entanto, Bruno se aproxima demasiadamente de Estela, esta parecendo sentir-se encurralada e incomodada pelo contato descoordenado que se estabelece entre ambos. Assim, as ações que ela desempenha parecem indicar em tentativas sucessivas de se retirar dali, saída esta que não se efetivou inicialmente. A articulação de saída se efetiva, no entanto, conjuntamente com o gesto de acenar (despedida) e sorrir, saída que se faz com ela se abaixando e se afastando engatinhando.

Os gestos de Estela, identificados ao final do episódio e que perpassaram a interação dos bebês, como aqueles de acenar, jogar beijos, brincar e mostrar o rosto de um lado a outro para Bruno, sorrir e vocalizar nos remetem não só a uma comunicação não verbal entre as crianças, como a processos de significação construídos com e entre os bebês, carregados de gestos culturalmente estabelecidos no grupo social de que participam (Amorim & Costa et al., 2012).

Jogar beijos na despedida, acenar com uma das mãos, estender os braços quando se encontra alguma pessoa próxima ou mesmo diante de uma criança, sorrir diante de gestos afetuosos, vocalizar com um “béee” quando se brinca com uma criança da tradicional brincadeira de mostrar algo ou alguém e depois sumir, ou, ainda, mostrar de um lado e depois de outro, são gestos ou comportamentos comuns em nossa cultura no que diz respeito ao comportamento entre crianças ou de adultos. Aqui, de forma bastante interessante, tais comportamentos culturalmente carregados podem ser vistos na interação de bebês com seus parceiros.

De acordo com Bussab e Ribeiro (1998), a forma de vida cultural altamente especializada distingue o ser humano dos outros seres vivos, permitindo o acúmulo e transmissão de informações dentro do grupo, que se manifestam através de atitudes, crenças e rituais.

Ao referirem-se à iniciação cultural em bebês, as autoras defendem que os mesmos já nascem com uma pré-disposição para:

adaptações naturais para a interação social e a formação de vinculações afetivas. As habilidades precoces de regulação social ficam ainda mais sugestivas da importância das relações sociais na evolução e no desenvolvimento, quando contrastadas à imaturidade geral dos comportamentos do recém-nascido. Os bebês nascem com uma forte tendência para a vinculação afetiva. Em primeiro lugar

chama a atenção a capacidade de responder preferencialmente ao contato afetivo do adulto. (Bussab & Ribeiro, p. 179)

Os autores destacam a existência de uma predisposição do bebê para inserção na cultura através da sociabilidade, sendo esta uma característica de ordem filogenética. Esse outro social é trazido pelos autores como sendo preferencialmente o adulto que se relaciona com a criança. Mas, como discutem Amorim e Rossetti-Ferreira (2012), como se dá o uso e atribuições de elementos da cultura no caso de bebês que interagem sem a presença momentânea do adulto? Como se dá, se os bebês ainda não adquiriram a linguagem verbal e o pensamento com suas representações, estes últimos considerados como centrais à aquisição da cultura? Como se dá, se não se apresentou – como no caso – comportamentos como resultados de processos de imitação? E, ainda, qual a relevância das expressividades emocionais neste processo?

O episódio apresentado responde a algumas das questões levantadas no sentido de que não só na interação com adultos, e tampouco através da imitação, os bebês expressaram elementos da cultura. Mas, também, como verificamos neste episódio, entre pares já no primeiro ano de vida, bebês interagem e atualizam elementos culturais atrelados a um repertório rico em gestos e expressividades emocionais, sendo utilizados como recursos comunicativos do bebê, sendo que é em função do conjunto do corpo e dos gestos que as expressividades se manifestam e constituem sentidos.

Mais ainda, através de uma observação cuidadosa e específica das expressividades emocionais de sorriso no episódio, todo o conjunto de gestos e expressões são utilizados pelos bebês para comunicar sentidos diferentes (e até mesmo opostos) na interação. Assim, o primeiro sorriso de Estela para Bruno, quando esta propõe a brincadeira de “esconder e mostrar o rosto”, parece ter tido um sentido motivador ou provocador da participação do outro (Bruno). Também os sorrisos emitidos juntamente com os gestos de “tchau” e de estender os braços sugerem sentidos diferentes: um de reprodução do gesto por Estela conforme se afastava de Bruno, capaz de ter um comportamento de reprodução cultural – afastamento/gesto de tchau/sorriso, e o outro de reaproximação, quando Estela sorri ao abrir os braços na direção de Bruno. O sorriso de Bruno também indicando acolhimento e receptividade ao outro.

Finalmente, verificamos sentidos opostos aos sorrisos e gestos anteriores naqueles manifestados ao final do episódio, quando parecia que Estela buscava se esquivar de uma situação incômoda. Pareceu-nos um estereótipo do gesto de despedida, não mais porque estava satisfeita, mas porque se utilizara de um subterfúgio (gesto de tchau) que indica que ela

queria sair dali. Assim, os braços gesticulam, dando sentido oposto, o sorriso sendo um acompanhante que garante que o significado oposto seja percebido pelo outro.

Desde modo, sorrisos emitidos em diferentes momentos dentro da interação demonstram sentidos distintos atrelados aos gestos e contextos, ora para possibilitar aproximação, ora para comunicar afastamento e ora para sair de uma situação incômoda.

Pelas evidências de expressividade de sorriso por ambos os bebês, pelos diferentes sentidos que os sorrisos podem apresentar dentro da interação como forma de comunicação entre os pares e pela complexidade dos elementos envolvidos, é que este episódio foi selecionado dentro do conjunto, para análise.

Na sequência apresentamos outro episódio de sorriso de Bruno, explicitando como acontece a manifestação da expressividade na interação com outra criança.

4.2.5 Descrição do episódio de sorriso de Bruno: Brincando de esconder e mostrar!

Data: 18/12/2014 (Quarto mês de videogravação – três meses após o episódio anterior)

Tempo: 16'30" – 17'40' **Duração:** 1'10"

Participantes: Bruno - 12 meses / João - 1 ano e 4 meses

Figura 56. Cena 1

Figura 57. Cena 2

Bruno está montado em uma motoca sem rodas, que balança para trás e para frente ao ser movimentada.

Algumas outras

crianças estão brincando com lençóis infantis, em uma brincadeira que consiste em tampar a cabeça e depois retirar o lençol para mostrá-la. Quem motivou a brincadeira foi a educadora Ana Júlia, minutos antes do episódio em questão. João está andando pela sala com um lençol infantil colocado por ele mesmo sobre sua cabeça, e o retira diante das crianças que encontra. Em um desses momentos, João se aproxima de Bruno com a cabeça tampada. Bruno coloca a mão no rosto coberto dele e sorri (Figura 56. Cena 1). João se aproxima mais, e encosta a cabeça em Bruno e depois se retrai para retirar o lençol da cabeça. Quando João descobre o rosto, Bruno sorri, olhando diretamente para ele (Figura 57. Cena 2). Segundos depois, João

se afasta e Bruno acompanha João com o olhar, enquanto olha também para as educadoras e balança a motoca. João novamente cobre o rosto e volta a se aproximar de Bruno. Quando chega perto de Bruno, João retira o lençol da cabeça. Desta vez Bruno olha, mas não sorri. João sai dali e entrega o lençol para a educadora Ana Júlia, que passa a esconder a cabeça dela com o lençol e que, quando a descobre, vocaliza “achoo!”. A brincadeira segue. Bruno choraminga, mas logo volta a atenção à educadora e para de chorar.

4.2.6 Análise e discussão do episódio de sorriso de Bruno: *Brincando de esconder e mostrar!*

Neste episódio, é interessante ressaltar que a disponibilidade dos lençóis pelo chão da sala fez com que algumas crianças pegassem esses lençóis e os disputassem entre si. Momentos antes do início do episódio, a educadora Ana Júlia pegou um lençol e apenas por uma vez o colocou na cabeça de Junior. E, ao retirá-lo, disse: “achoooo!”. A partir de então, várias crianças fizeram a brincadeira, dentre elas João. Em filmagens anteriores, também foi registrada essa brincadeira, que era motivada pelas educadoras e repetida pelas crianças. A sequência consistia em esconder a cabeça embaixo do lençol e depois mostrá-la.

Na interação em análise, João reproduzia o ato de esconder e mostrar a cabeça, e Bruno ficava atento ao movimento de descobrir o rosto de João e sorrir, sendo que ambos estavam brincando sem ter o modelo da educadora presente naquele momento. Isso mostra que ambos os bebês (Bruno com 12 meses e João com 1 ano e 4 meses de idade) atualizaram comportamentos do adulto, sem ter o modelo no tempo presente, o que caracteriza o ato de imitar.

Assim, entende-se que a expressividade de sorriso de Bruno se deu em um episódio de imitação. Autores clássicos como Wallon (1879-1962) e Piaget (1896-1980) discutem o surgimento da imitação na criança acordando que tal fenômeno surge mais tarde, além de apontar fases do ato de imitar que vão desde os simples gestos e expressões faciais até situações mais complexas, que requerem representação e imagens simbólicas. Para Wallon (1945), é possível identificar imitação em crianças não antes da segunda metade do segundo ano de vida, consolidando-se como um recurso que permite novas aquisições apenas após os seis anos de idade. Já para Piaget, o tipo de imitação que personaliza o que foi apreendido do modelo surge depois dos 18 meses de vida (Duarte, 2008).

Assim, interrogamo-nos sobre a possibilidade de o contexto da creche, com a interação mais frequente de pares de crianças, poderia de alguma forma favorecer que a imitação aparecesse em idade mais precoce entre os bebês, isto é, já no final do primeiro / início do segundo anos de vida. Interroga-se sobre tal questão já que a imitação tem sido mais estudada através da observação de interação do bebê com adultos, em ambientes domésticos e de laboratório. A presença de imitação na interação bebê-bebê parece assim um tema premente de novas investigações.

Na reprodução da sequência de esconde-esconde, a expressividade de sorriso de Bruno é emitida justamente naquele momento em que, na brincadeira, o parceiro mostra a parte escondida da cabeça e vocaliza. Mas somente Bruno sorri quando o lençol é retirado da cabeça, sendo que João apenas olha para Bruno, sem lhe corresponder ao sorriso. Possivelmente por isso Bruno cessa sua expressão rapidamente. Na sequência dos acontecimentos do episódio, vemos que, na segunda vez que João tampa a cabeça e se aproxima de Bruno, este não mais sorri, como na primeira vez, possivelmente sendo o elemento motor que faz com que João se afaste dele, levando o lençol para a educadora.

Assim, uma das possíveis interpretações para o acontecimento é a de que o sorriso de Bruno fazia com que a brincadeira tivesse prosseguimento. Portanto, na segunda vez em que Bruno não sorri, João perde o interesse e entrega o lençol para a educadora. Por outro lado, o fato de Bruno não sorrir na segunda vez que João descobre a cabeça diante dele, pode ser consequência da não correspondência de João ao sorriso dele, da primeira vez. Essas são hipóteses em função da possibilidade de contágio da não emoção de um ao outro na atividade.

Tais interpretações nos levam a considerar que algumas expressividades, como no caso o sorriso, fazem parte inerente de certas brincadeiras com as características de mostrar e esconder parte do corpo ou objeto. Quando o sorriso deixa de ser emitido pelo parceiro, a brincadeira perde a graça ou o sentido, fazendo com que se termine ou siga com outro desfecho e/ou parceiro que mostre interesse. Portanto, o sorriso seria uma expressividade que sinalizaria ao parceiro a sequência e o desdobrar da brincadeira. E, ao contrário, a não expressão do sorriso seria um indicador de que a brincadeira não teve o sentido esperado, sendo encerrada na relação com este parceiro.

Importa ressaltar que, no episódio de sorriso de Bruno primeiramente analisado – em “Expressões e gestos que comunicam” - a brincadeira do esconder e mostrar também procedeu tendo o sorriso de Estela como uma das expressões observadas.

Para Bruner (2007), fazem parte da estrutura profunda da brincadeira do esconde-esconde o “desaparecimento e o reaparecimento controlados de um objeto ou pessoa” (p.39).

Entretanto, nos parece pertinente apontar que, a partir dos episódios analisados onde tal brincadeira se fez presente, além desses elementos (desaparecimento / reaparecimento), a expressão do sorriso mostrou-se como um recurso importante, que ajuda a dar continuidade à brincadeira.

Nas proposições de Bruner (2007), a brincadeira de esconde-esconde, dentre outros jogos, possui em sua constituição a linguagem e não podem existir sem ela. Como observamos no episódio em análise, os bebês se comunicam através de expressões não verbais como o sorriso e os gestos, por exemplo, sem, no entanto, se utilizarem da linguagem falada. Porém, a relação estudada pelo autor não se trata daquela dada entre pares, e sim da relação adulto – bebê. Mas, como aqui tratamos do contexto de creche e da interação de pares, o episódio nos dá pistas interessantes sobre a presença desta estrutura de brincadeira sem a presença momentânea do adulto e sem a linguagem verbal, já no primeiro ano de vida do bebê.

A partir das discussões relacionadas às manifestações de sorriso de Bruno nos dois episódios descritos, passamos para uma cuidadosa e breve exploração dos demais episódios de sorriso, a fim de verificarmos possíveis transformações ao longo do tempo.

4.2.7 Os diversos sorrisos de Bruno

Figura 58

Figura 59

Figura 60

Figura 61

Além dos episódios apresentados, as ocorrências dos sorrisos de Bruno na interação com os pares foram observadas cuidadosamente na forma como ocorreram, a fim de termos uma visão

abrangente dessas expressividades do bebê, e mesmo para buscar observar suas mudanças ao longo do tempo.

Conforme citado anteriormente, a coleta de dados do bebê Bruno iniciou quando este estava com oito meses de idade. Nas duas gravações daquele primeiro mês de coleta, no entanto, não houve registro da expressividade de sorriso em suas interações com pares.

Já aos nove meses do bebê, registramos a ocorrência de três sorrisos, sendo que o primeiro foi o primeiro episódio analisado desta criança, em *“Expressões e gestos que comunicam!”*. Neste, Bruno participou ativamente da interação com correção com a outra criança (Estela – um ano e três meses de idade), e seu sorriso foi visto pelo parceiro de idade, nele repercutindo de modo a facilitar aproximações e o desdobrar de uma sequência na interação. O sorriso foi ali também utilizado para indicar despedida e encerramento da mesma interação, atrelado a gestos culturalmente reconhecidos, como já discutido.

O segundo sorriso de Bruno, que aconteceu aos nove meses de idade, teve no caso a presença de uma bola. Bruno engatinhava em direção a uma bola e, quando estava perto dela, parou, levantou a cabeça, olhou para Junior, sorriu e deu um gritinho para depois seguir engatinhando em direção ao objeto. Junior (um ano de idade), que estava sentado perto da bola e observava as expressões e movimentos de Bruno, também se direciona para o objeto. Ambos se deslocaram para pegar a bola, e Junior a reteve primeiro. Bruno, então, passou a brincar com outra bola que estava próxima a ele, e Junior se afastou.

Assim, observamos que foi a partir de um conjunto de movimentos (engatinhar, parar e engatinhar novamente) e expressões (olhar direcionado, gritinho e sorriso) de Bruno, aparentemente percebido pelo parceiro, que a interação aconteceu. O parceiro da interação (Junior) não correspondeu sorrindo, apesar de reagir ao sorriso de Bruno pegando a bola primeiro. Portanto, o sorriso sendo percebido pelo colega, em conjunto às demais expressividades e aos movimentos descritos, não foi correspondido, mas causou uma repercussão no parceiro, na medida em que ambos investiram em direção ao objeto.

Já o terceiro sorriso, que aconteceu aos nove meses do bebê Bruno, foi registrado no início do episódio de choro que será analisado mais adiante (*“Choramingos em evidência!”*). Bruno engatinha em direção a um carrinho grande de espuma, onde João (um ano e um mês de idade) estava brincando. Quando Bruno chega perto do brinquedo, ao estender uma das mãos para alcançá-lo, sorri. Mas, ao tocar no brinquedo, João vira o carrinho e Bruno não o alcança. Então, Bruno tenta novamente tocar no carrinho e não consegue, choramingando e apoiando a cabeça no chão.

Neste episódio, o parceiro não vê o sorriso de Bruno, o que nos sugere um sentido de alegria porque ele vai alcançar o carrinho. Porém, quando o parceiro (João) empurra o brinquedo para fora do alcance de Bruno, ele choraminga. Observamos, assim, um elemento

novo nos episódios de sorriso Bruno, que é a articulação do sorriso com a expressividade de choramingo. Em curto espaço de tempo, Bruno expressa sorriso e choro com sentidos identificáveis: o sorriso quando vai alcançar o brinquedo almejado, e o choro quando o parceiro afasta o brinquedo dele. Tal articulação de expressão de sorriso e de choro não foi observada no material do bebê Tiago, o que levanta interrogações acerca dos motivos que (im)possibilitam que tão rapidamente o bebê se utilize de sorriso e choro para se manifestar em uma sequência interativa.

Aos dez meses de idade do bebê também registramos manifestação de expressividade de sorriso. Num dos episódios, Bruno está sentado brincando com alguns objetos. Laíz (um ano e dois meses de idade) chega correndo e lhe estende a mão para entregar um brinquedo (Figura 58). Bruno inicialmente sorri ao olhar para o brinquedo e para Laíz. Mas, como Bruno não pega o brinquedo, Laíz vai encostando-o em seu rosto. Nisso, Bruno parece expressar medo no próprio sorriso, logo passando a choramingar. Laíz estava em pé e Bruno sentado, sendo ela uma criança maior/ mais velha e que estava em posição superior, aproximando um objeto do rosto de Bruno. Aqui o sorriso de Bruno é percebido por Laíz, mas ela não corresponde, e segue aproximando o objeto do rosto de Bruno. Como no episódio anterior, Bruno articula sorriso e choro e, mais que isso, parece manifestar também medo, com sentidos identificáveis: sorri diante do brinquedo que lhe é oferecido, tal sorriso parecendo ser de medo à medida que o brinquedo se aproxima de seu rosto, passando a manifestar choro quando Laíz encosta o brinquedo no seu rosto.

Num outro sorriso de Bruno, aos nove meses de idade, observa-se que o bebê sorri porque a educadora chama a atenção de um parceiro de idade (Isis – um ano e dois meses de idade) pelo mesmo motivo que anteriormente chamara a atenção de Bruno: tirar lençóis das cubas organizadoras que ficavam num canto da sala. Bruno fazia isso com frequência, e as educadoras chamavam a atenção dele, que sorria, excitado. O elemento novo aqui é a possibilidade de o bebê ter emitido o sorriso que não foi visto pelo outro, e que de fato não parece ter o sentido de ser *para* o parceiro, mas sorri *do* parceiro, a partir de uma experiência semelhante a dele.

Em outro sorriso que ocorreu na mesma data. Bruno observa Lucas (um ano e seis meses de idade) tentando abrir a portinha da cerquinha. Quando Bruno vê que o colega abre, primeiro olha para a educadora (porque ela o repreende) e, depois, lança-se na direção da porta e de Lucas, mostrando-se excitado, sorrindo (Figura - 59). Tudo se encerra quando a educadora chama a atenção, e Lucas fecha a portinha e sai.

O episódio aponta para um sentido concreto da percepção que Bruno tem da presença dos “outros” no ambiente. Durante o período da coleta de dados, algumas crianças aprenderam a abrir a cerquinha que divide a sala, sendo Lucas uma dessas crianças. Quando isso acontecia, as educadoras chamavam a atenção em tom de repreensão. Neste sentido, Bruno parece já ter a capacidade de prever a ação do adulto que vai chamar a atenção, aparentemente chegando a se certificar primeiro que o adulto não está olhando para depois ir adiante; ou se “divertindo” com o fato de que isso gera respostas ou verbalizações das educadoras.

É interessante notar como Bruno, aos dez meses de idade, percebe e se dá conta do que pode acontecer a partir de um comportamento “proibido” na sala. Ele olha para o adulto, aparentemente rastreando se o adulto está vendo e se vai repreender. Como o adulto não está olhando, há a possibilidade de compartilhar a ação de abrir a porta com o parceiro. Deste modo, o bebê demonstra discriminar comportamentos e possibilidades que têm frente ao adulto. Aqui, o sorriso de Bruno não é visto pelo parceiro de idade e, portanto, não tem qualquer repercussão diretamente nele. Porém, ele é comunicativo, independente de alguém estar olhando, pelas suas ações e com a locomoção.

Aos onze meses de idade do bebê Bruno, há uma ocorrência de sorriso, num episódio intermediado por uma das educadoras, que motiva Laíz (um ano e três meses de idade) a abraçar Bruno, que sorri. Laíz vê o sorriso de Bruno e segue abraçando-o (Figura 60). Aqui observamos uma interação afetiva e de contato físico que gera sorrisos, mas que, à medida que se repete, Bruno passa a se esquivar dos abraços e não mais sorri, denotando que o bebê pode ter gostado do afeto, mas até certo ponto. Assim, o sorriso contagia o parceiro, mas há um limite, podendo o seu encerramento (sorriso) indicar que o bebê não quer seguir recebendo os abraços da colega.

Aos doze meses de idade do bebê, há dois registros videogravados de Bruno sorrindo. Na primeira das cenas, Bruno sorri porque Pedro (um ano e quatro meses de idade) lhe joga uma bola. No entanto, ele rapidamente choraminga, quando perde a bola. Novamente, observamos a alternância próxima de sorriso e choramingo sendo emitidos num mesmo episódio, o que não acontecia no início da coleta de dados de Bruno e nem mesmo em nenhum momento dos registros de Tiago.

No outro episódio *“Brincado de esconder e mostrar!”* (Figura 61), já analisado, Bruno sorri porque João (um ano e quatro meses de idade) descobre o rosto na frente dele, brincadeira vista também em episódio de sorriso aos nove meses de Bruno *“Expressões e*

gestos que comunicam!”. Assim, o sorriso de Bruno é visto por João que dá sequência à brincadeira, apesar de não corresponder respondendo com um sorriso.

É interessante notar que, nos episódios, raramente o parceiro corresponde ao sorriso também sorrindo ao par, como acontece com frequência quando um bebê sorri para adultos. Surgem questões intrigantes: Precisaria o bebê ter parceiros mais competentes para ter a correspondência de sorrisos com os sorrisos dos outros? Ou, dadas às modificações nas formas de se expressar e pelas modificações e complexificações das interações vistas até aqui, o bebê, já nos próximos meses de idade, teria maior correspondência de sorrisos dos parceiros? Tais questões mostram-se interessantes para pesquisas futuras.

Assim, no que se refere ao conjunto de sorrisos emitidos por Bruno, vemos um enriquecimento e robustez nas formas de se expressar, com sentidos melhor identificáveis e diversos nas interações, particularmente quando comparados às expressividades do bebê Tiago, de menor idade que ele. Inclusive sorrisos que denotam não só alegrias, mas também medo, por exemplo, assim como aparece satisfação ao alcance de brinquedos, ao contato físico afetivo, dentre outros.

Outra informação relevante é que Bruno não sorriu no último mês de coleta de dados, com um ano e um mês de idade. Quando o bebê estava com um ano, entrou de férias e, ao retornar, não se teve nenhum registro de sorriso, diferentemente de Tiago, que foi possível registrar sorrindo regularmente no retorno das atividades.

Bruno é dois meses mais velho que Tiago, e uma interpretação para o fato é de que, além de vivenciar o processo de adaptação, é possível que ele já discriminasse melhor a mudança do ambiente, com a presença dos novos parceiros e da educadora diferente. Para Bruno, este seria outro processo onde precisaria adaptar-se para, então, manifestar a expressão de sorriso com aquelas novas configurações?

Tendo explicitado as diferentes manifestações de expressões de sorriso do bebê Bruno, passamos para o estudo das expressões relacionadas ao choro, manifestas na interação de Bruno com outras crianças.

4.2.8 Expressividades de Bruno relacionadas ao choro

Na sequência, apresentamos graficamente as ocorrências de expressividades de choro, choramingo e choro prolongado de Bruno com os diferentes parceiros nas interações ou na ausência desses.

Gráfico 11. Ocorrências de choramingos, choros e choros prolongados na relação de Bruno com pares

Dos diferentes modos de manifestação dos choros de Bruno na interação com pares (45), apontamos que, em vários dos episódios de choro, apesar de o bebê estar em relação com pares, as expressões foram redirecionadas às educadoras, logo em seguida ao seu início.

Através do gráfico 11, podemos observar ainda que, dentre as categorias, a expressão mais frequente é o choramingo (28) em datas pontuais, seguida do choro (13) em menor frequência, e mais evidente na primeira semana de readaptação das crianças em 2015; e o choro prolongado (4), com poucas ocorrências. Essa distribuição é semelhante a da outra criança analisada, apesar de que houve mais registros de ocorrências de choro nesta criança do que em Tiago.

Observando os objetivos desta pesquisa, a partir daqui daremos destaque às formas como se dão os choros de Bruno iniciados na interação com pares. Três episódios – um de choramingo, um de choro e um de choro prolongado – são descritos e, na sequência, realizada a análise geral dos mesmos.

4.2.9 Descrição do episódio de choramingo de Bruno: Choramingos em evidência!

Data: 24/09/2014 (Primeiro mês de videogravação)

Tempo: 29'05" – 32' **Duração:** 2'55"

Participantes: Bruno - 9 meses / João - 1 ano e 1 mês

Figura 62. Cena 1

Figura 63. Cena 2

Figura 64. Cena 3

Figura 65. Cena 4

Figura 66. Cena 5

Figura 67. Cena 6

Figura 68. Cena 7

Figura 69. Cena 8

Figura 70. Cena 9

Figura 71. Cena 10

Bruno está deitado de barriga para baixo, manuseando uma bola. Ele larga a bola e se arrasta até um carrinho grande, feito de espuma. Ao chegar próximo ao carrinho, Bruno sorri (Figura 62. Cena 1). Bruno vai se apoiar no carrinho quando simultaneamente João, que também manuseava o carrinho, vira-o, afastando-o do alcance de Bruno, que passa a choramingar olhando para o brinquedo. João, ao mover o carrinho, deita-o sobre uma das mãos do colega (Figura 63. Cena 2). Bruno rapidamente retira a mão que ficou debaixo do carrinho e cessa o choramingo. Bruno levanta a cabeça para olhar

João por cima do carrinho, ao mesmo tempo em que se desloca, apoiando-se no objeto para levantar o corpo. João, por sua vez, corresponde ao olhar de Bruno, e logo em seguida dirige a atenção para as educadoras. Neste momento, chega Laíz, e puxa uma das pontas do carrinho sobre o qual Bruno está debruçado. Laíz choraminga enquanto puxa, e olha para os lados. Com a chegada de Laíz, João se afasta um pouco e fica de pé, olhando para Bruno e Laíz. Bruno olha para Laíz e apoia as mãos sobre o carrinho (Figura 64. Cena 3). A educadora Marcela se aproxima e fala: “*Deixa ele. Ele quer subir... ele quer subir*”. Laíz dá um tapa na cabeça de Bruno e a educadora a levanta, colocando-a sentada na outra ponta do carrinho, mas ela volta a se aproximar de Bruno. Laíz olha para a pesquisadora e sorri (Figura 65. Cena 4). Laíz se aproxima de Bruno, mas logo senta de costas para ele, saindo de cena. Bruno se apoia sobre o carrinho e bate as mãos nele, vocalizando. João retorna, senta-se no chão e, apoiado no carrinho, estica seu corpo e encosta sua cabeça na cabeça de Bruno. Depois, empurra Bruno para trás, com uma das mãos na cabeça dele. Bruno choraminga enquanto seu corpo é empurrado (Figura 66. Cena 5). Bruno volta a se levantar apoiado no carrinho. João volta a empurrá-lo para trás, através do rosto, e Bruno choraminga novamente (Figura 67. Cena 6). A educadora Marcela chama João pelo nome. João olha rapidamente na direção da educadora, e Bruno olha para João. Imediatamente as duas crianças vão ao encontro do outro. Bruno faz o movimento para levantar-se, e João faz novamente o gesto de empurrá-lo para trás. Bruno choraminga (Figura 68. Cena 7). A educadora volta a chamar João pelo nome, em voz alta. Bruno vocaliza e, voltando-se para o brinquedo, faz nova tentativa de se levantar. João repete a atitude, empurrando o colega para trás. Desta vez, a educadora Marcela segura o corpo de João, evitando o empurrão, apesar de que a mão dele chega a tocar na cabeça de Bruno, que novamente choraminga (Figura 69. Cena 8). Mesmo segurado pela educadora, que puxa a fralda de João, ele estica os braços olhando para Bruno. Bruno se senta no chão e depois empurra o carrinho com os pés. João é solto das mãos da educadora e se volta diretamente para Bruno, colocando uma das mãos no olho dele (Figura 70. Cena 9). Enquanto isso a educadora Mikaela fala: “*Não, João! Nossa!*” Bruno choraminga, mas logo lança o corpo sobre o carrinho. João é retirado de cena pela educadora. Laíz, que está perto e olha para Bruno, vai até ele e puxa o carrinho. Bruno choraminga (Figura 71. Cena 10) retraindo-se. Porém, logo alça o corpo sobre o carrinho e o puxa para o outro lado. Laíz choraminga e bate na cabeça de Bruno com a mão, enquanto chora (Laíz), olhando para a pesquisadora. A educadora Marcela retira Laíz dali, e Bruno fica sozinho, apoiado no brinquedo de espuma.

4.2.10 Análise e discussão do episódio de choramingo de Bruno: Choramingos em evidência!

No início deste recorte, Bruno estava manuseando uma bola e, ao olhar para o carrinho grande de espuma, ele se direciona diretamente ao brinquedo. Outras cenas do conjunto de imagens indicam que há uma preferência de Bruno por alguns objetos presentes na sala, sendo este um dos objetos de seu maior interesse, ao redor do qual se dá a presente interação.

Esta preferência conflui com o estudo de Garcia, Almeida e Alcântara Gil (2013), que discutem a preferência das crianças por objetos grandes e o quanto eles favorecem diferentes interações. No episódio, não é só Bruno que manifesta interesse pelo carrinho, mas também outras crianças.

A presente interação acontece na disputa por manipular esse carrinho e, já no início, duas expressões emocionais são emitidas por Bruno: a primeira é o sorriso, quando ele chega diante do carrinho e levanta o braço para tocá-lo. Porém, na sequência, quando João vira o carrinho, que então escapa das mãos de Bruno, este choraminga e faz um movimento pondo as mãos sobrepostas no chão e abaixa a cabeça repousando sobre elas. Tal expressão poderia indicar um sentimento de frustração da criança, já que estava prestes a alcançar o brinquedo e, de repente, o perde. Ao que parece, quando Bruno se depara com o objeto fora do alcance de suas mãos, utiliza-se do choramingo e de movimentos corporais que socialmente significam tristeza para manifestar seu desconforto pela perda. Tais expressões se dão acompanhadas de movimentos do corpo todo e não somente na face, como discutido por Ferreira (2013).

Em um segundo momento, Laíz passa a fazer parte do episódio, também tentando puxar o carrinho para si. Ao final, a educadora interfere no comportamento de Laíz, afastando-a dali, deixando Bruno manusear sozinho o carro. Mas logo João retorna, estabelecendo com Bruno uma repetição do comportamento de empurrar Bruno para longe do carrinho, quando este se lançava por sobre ele. O choramingo é a expressão emocional mais utilizada por Bruno, a cada empurrão, como que manifestando incômodo pelas ações do colega. Após algumas repetições desses comportamentos – buscar levantar-se – empurrar – choramingar – tentar levantar-se – empurrar – a educadora interfere, também retirando a outra criança (João).

É interessante observar como, na sequência dos empurrões, criou-se uma sessão de turnos, e chama atenção a rapidez com que Bruno participa da mesma (com choramingos). Aparentemente, durante o episódio, o que acontece entre as três crianças (Bruno, João e Laíz)

é uma disputa pelo brinquedo, com a intervenção da educadora, dando alguma proteção para Bruno seguir tentando. Observamos ainda que a presença de Laíz coincide com os afastamentos de João (na primeira vez ele se afasta espontaneamente), o que nos leva a pensar na possibilidade de João discriminar parceiros com quem poderia disputar ou não o brinquedo.

Desta forma, poderíamos supor que os choramingos de Bruno não estivessem repercutindo em João, que não cessava os empurrões, após as manifestações da expressividade de Bruno. Mas também podemos hipotetizar que tais expressões de Bruno poderiam ter sim uma repercussão em João, com um sentido motivador de continuidade de seu comportamento, podendo representar indícios de que Bruno iria desistir de ficar junto ao carro. Assim, este episódio poderia nos dar pistas de que o choramingo de Bruno não teria contagiado João como algo ruim, e sim como um estímulo para seguir empurrando? E Bruno, por sua vez, podia lançar-se de modo confiante sempre de novo, porque a proteção da educadora o motivava a investir junto ao colega? Caso sim, o choramingo de Bruno parece funcionar como um recurso que acaba por levar a educadora a interceder na relação, como que indicando inferioridade de capacidade de enfrentamento. A atitude da educadora em retirar tanto João quando Laíz da cena, por ocasionarem o choramingo de Bruno, apontam também para uma defesa de Bruno diante dos pares de interação.

Entretanto, faz-se premente resgatar que, se há pouco levantávamos questionamentos sobre como seria o contágio causado pelo choro sobre pares, e mesmo se as reações de João seriam consequência de um contágio dos choramingos de Bruno, na interação com os adultos o contágio é evidente. O simples fato das educadoras ouvirem o choro de Bruno faz com que elas, sendo reguladas pela expressão do bebê, tomem alguma providência no sentido de sanar o choro ou a causa do mesmo, como afastando as demais crianças.

Sendo contagiada pelo choro do bebê, as providências da educadora Marcela são direcionadas a uma certa defesa de Bruno. Possíveis interpretações para este comportamento são de que ela toma as atitudes dos demais como risco; ou uma atitude como sendo de defesa de uma criança com menor idade e menores habilidades em relação aos outros; ou, ainda, a crença de que o bebê seria incapaz de resolver sozinho a situação de disputa e conflito. Mas também as ações da educadora podem estar relacionadas ao fato de Bruno estar sendo filmado, o que resultaria em maior cuidado das educadoras com o que acontece em torno do bebê. Entretanto, independente do motivo que leva as educadoras a prestarem cuidados a Bruno quando ele choraminga, observamos que nos adultos o choro do bebê desperta ações de cuidado e intervenção, ainda que seja para a educadora simplesmente checar o que acontece.

A fim de seguirmos discutindo as expressões de choro do bebê Bruno, passamos à apresentação, análise e discussão de outro episódio.

4. 2.11 Descrição do episódio de choro prolongado de Bruno: O choro que se prolonga!

Data: 10/12/2014 (Quarto mês de videogravação – três meses após o primeiro episódio)

Tempo: 3'20"- 5'45" **Duração:** 2'25"

Participantes: Bruno - 1 ano / Laíz - 1 ano e 3 meses / Tiago - 8 meses

Figura 72. Cena 1

Figura 73. Cena 2

Figura 74. Cena 3

Bruno

Figura 75. Cena 4

está subindo a rampa no sentido do topo do *play ground*. Como está subindo na beirada, uma de suas pernas fica para fora, e ele se desequilibra, escorregando para o lado, e chega a cair em pé. No momento do desequilíbrio de Bruno, Estela

também estava subindo a rampa. Ela passa ao lado dele, senta-

se no topo do brinquedo, e olha a queda de Bruno. Ele choraminga ao cair, e com tal expressão vira o rosto em direção ao centro da sala, onde estão as educadoras. Bruno logo se volta para o *play ground*, parando de choramingar. Laíz se aproxima e sobe nos degraus do *play ground*. Ela olha para Estela, que está em pé, no topo do brinquedo. Bruno se agacha e engatinha até a parte em que tem os degraus do brinquedo, onde está Laíz. Ali, ele se levanta com apoio. Neste instante, Laíz, que está recebendo tapas de Estela, desce de costas, e seus pés esbarram em Bruno. Ouve-se o choro de Bruno, que se locomove para o lado e, apoiado no armário, se levanta. Laíz vem andando por detrás e coloca as duas mãos nas costas de Bruno, empurrando-o para frente. Bruno chora_ (Figura 72. Cena 1). Laíz rapidamente sai olhando para o centro da sala e bate levemente as mãos em forma de uma palma. A educadora

fala: “*Laíz!*” Bruno olha chorando para a educadora e Laíz também olha para a educadora que se aproxima. Rapidamente, Laíz se volta para Bruno, agacha na altura dele (ela é mais alta) e vocaliza “*oi*” (Figura 73. Cena 2). A educadora atende Estela, que quer descer do *play ground*, enquanto Laíz coloca a mão na cabeça de Bruno, agora dando-lhe um tapa. Ele intensifica o choro. Ela passa a mão no ombro de Bruno e depois na cabeça dele por várias vezes, agora de modo mais ameno. Enquanto ela faz esses gestos, Bruno chora (Figura 74. Cena 3). A educadora Marcela chama: “*Laíz, Laíz! O que você está fazendo? Ai, que feio! Vai lá pegar seu bico!*” A educadora segura Laíz pelo braço e a coloca na direção contrária da que estava, longe de Bruno, para que ela busque a chupeta. Depois, a educadora Marcela coloca Bruno (que ainda chorava) em pé, e o segura em um de seus braços. Bruno dá uns passinhos até o centro da sala, apoiado pela mão da educadora, que o coloca sentado no chão. Bruno intensifica o choro. Neste instante, Tiago chega engatinhando e passa a mão e pega no rosto de Bruno, colocando a mão nos olhos e dentro da boca do colega. Intensifica-se ainda mais o choro, que se mantém por longo tempo (Figura 75. Cena 4). Bruno chora e olha na direção das educadoras. Tiago puxa a blusa de Bruno e a pesquisadora o chama pelo nome: “*Tiago!*” As educadoras ouvem, olham e chamam Tiago para junto delas. Ele vai engatinhando, saindo do foco da câmera. Bruno segue chorando e engatinha até um colchão que estava no centro da sala. Ele repousa a cabeça sobre o colchão e a educadora Mikaela comenta que ele deve estar com sono. Ela faz barulho com um pedaço de bexiga na direção do Bruno, que para de chorar.

4.2.12 Análise e discussão do episódio de choro prolongado de Bruno: O choro que se prolonga!

Na primeira parte deste episódio, Bruno choraminga duas vezes: uma quando cai da rampa e outra quando Laíz esbarra nele. O choro emitido por Bruno parece apontar, no primeiro caso, para uma expressão proveniente do susto ou dor por escorregar e cair; e no segundo, por ser afetado fisicamente pelos pés de Laíz.

Em um segundo momento, Bruno se levanta apoiado no armário e Laíz, ao olhar para Bruno, locomove-se diretamente até ele e lhe empurra com as duas mãos para frente e ele chora. O choro de Bruno é alto e parece estar relacionado ao susto do empurrão, e também ao toque mais enérgico da outra criança. Bruno se reequilibra apoiado no armário e olha para a educadora, chorando. Laíz, ao perceber que a educadora se aproxima, põe-se diante de Bruno, agacha-se em posição como um adulto e fala “*oi*”, emitindo uma expressão de simpatia. Será

que Laíz poderia, com essa atitude, querer amenizar o choro de Bruno, para que a educadora não lhe chamasse a atenção, já que a educadora se aproximava?

No entanto, a educadora, que foi na direção deles, acabou por cuidar de Estela, que estava no topo do *playground*, apenas advertindo Laíz pelo nome. Aparentemente sem a presença da educadora, Laíz retoma o comportamento anterior: reaproxima-se de Bruno, dando-lhe um tapa na cabeça. A educadora percebe e chama a atenção de Laíz que, imediatamente, muda a forma de tocar em Bruno, passando delicadamente a mão no ombro e depois na cabeça dele. Esta cena revela o modo como Laíz bate em Bruno, já tendo apreendido sentidos culturais quanto a isso, tanto que lidou com o choro de Bruno (após a educadora lhe chamar a atenção) através da utilização de recursos carregados de elementos de ordem cultural – não se deve bater ou machucar o “amiguinho” –, agindo de acordo com as regras transmitidas pelas próprias educadoras nas situações cotidianas da sala (ser simpática e fazer carinho).

Desse modo, na sequência interativa, os choros de Bruno poderiam ter causado algum tipo de contágio em Laíz? O fato de Laíz seguir agindo de forma a intensificar o choro de Bruno seria uma forma de contágio? O contágio das emoções discutidos por Wallon (1999), poderia acontecer no sentido de motivar Laíz a seguir investindo contra o colega, para que ele chorasse mais?

Porém, Laíz lança mão dos gestos de acariciar, sendo que tais atitudes aconteceram somente diante do olhar das educadoras. Esses gestos mais amenos de Laíz foram observados em outras situações e com outras crianças da sala. Eles parecem estar diretamente relacionados à forma das educadoras lidarem com o que elas denominam de comportamento agressivo dos bebês. Assim, eram recorrentes as atitudes das educadoras desta sala, quando um bebê batia em outro, no sentido de pegar a mão do bebê agressor, para passá-la na cabeça do colega, enquanto falava: “*Carinho... carinho no nenê...!*”. A ideia era mostrar, através da mão da criança, como se faz carinho ao invés de bater. As educadoras mostram o gesto de carinho como sendo o de passar a mão no outro, devagar, do modo como foi visto no episódio, o que evidencia assim que a criança - no caso, Laíz - compreende os gestos permitidos sob o olhar das educadoras, enquanto outros se fazem somente na ausência do olhar destas.

Em um terceiro momento, a educadora Marcela interfere frente ao choro de Bruno, tirando Laíz de perto e levando-o para o centro da sala, colocando-o sentado no chão. Porém, nesse novo local, Tiago se aproxima e passa a colocar as mãos no rosto, nos olhos e na boca de Bruno, que chora fortemente enquanto olha na direção das educadoras. Estas, a princípio,

não interferem na situação. Somente depois que a pesquisadora chama Tiago pelo nome, no intuito de conter a atitude dele para com Bruno, é que as educadoras ouvem e chamam Tiago, que vai até elas, afastando-se de Bruno.

É interessante observar que, exceto aqueles dois primeiros choramingos de Bruno, os choros manifestados neste episódio foram emitidos por causa dos pares. Porém, o que se verifica novamente é que os choros são logo em seguida direcionados para as educadoras. Assim, de acordo com o comportamento do bebê, pode-se inferir que ele já reconhece as educadoras como as pessoas a quem recorrer diante das situações de dificuldade ou constrangimento, ou onde o afetam fisicamente, como neste episódio. Tais comportamentos do bebê nos levam a discutir sobre a possibilidade de Bruno se direcionar às educadoras como figuras de referência de apego.

De acordo com Bowlby (1989), a principal figura de apego é a mãe, mas também podem haver outros apegos estabelecidos por crianças com outras pessoas de modo especial. No caso deste episódio, a educadora demonstra ser esta figura de referência, que o bebê demonstra identificar claramente ao buscar manter proximidade, o que caracterizam presença de apego.

Assim, quando Bruno chora, ele busca proximidade com as educadoras, seja através do olhar ou de movimentos de deslocamento. Melchiori e Alves (2004) apontam algumas questões sobre a forma como educadores lidam com o choro dos bebês em uma creche. Primeiramente, as educadoras preocupam-se em identificar os motivos que levam os bebês a chorarem, se primários (fome, necessidade de troca, sono, dentre outros) ou diversos (agressão, retirada de brinquedos, dentre outros). Ao identificar a causa do choro, os comportamentos das educadoras são no sentido de eliminar a causa do choro, eliminar o choro, ou não se preocupar com o choro, apenas observando e intervindo se necessário. Identificamos nas educadoras atitudes como aquelas elencadas por Melchiori e Alves (2004).

Retomando a aproximação de Tiago em relação a Bruno quando este último já estava chorando, poderíamos dizer que, aparentemente, o choro de Bruno em nada contagiou a Tiago, já que ele se aproxima e sem pausa investe com as mãos no rosto de Bruno até a educadora intervir. Desse modo, assim como no episódio anterior (Choramingos em evidência!), Bruno chora porque outras crianças (Laíz e Tiago) investem fisicamente contra ele, mas neste episódio não havia nenhum objeto envolvido e nem motivo aparente para as crianças investirem contra ele. Diante de seu choro, as crianças não demonstram atitudes no sentido de buscar acalmar o outro, o que nos leva a novamente nos perguntar sobre a questão

de contágio das emoções, ou pensar em formas de contágio diferentes daquelas de acalmar e cessar a causa do choro, comum nas atitudes dos adultos.

Na sequência, apresentamos mais um episódio de choro, estabelecendo relação com aqueles já discutidos, sobre o bebê Bruno.

4.2.13 Descrição do episódio de choro de Bruno: Não toque em mim!

Data: 29/01/2015 (Quinto mês de videogravação - um mês e meio após o episódio anterior)

Tempo: 24'10" – 25'10" **Duração:** 1'

Participantes: Bruno - 1 ano e 1 mês / Isabela - 1 ano e 9 meses

Figura 76. Cena 1

Figura 77. Cena 2

Figura 78. Cena 3

Figura 79. Cena 4

As educadoras colocam as crianças sentadas com apoio na parede da sala, onde possui um espelho grande (Figura 76. Cena 1).

Bruno é colocado entre Nícolas e Isabela. Bruno faz movimentos com o corpo batendo as costas no espelho e vira a cabeça para olhar no espelho. Neste movimento, um dos braços esbarra levemente nas costas de Isabela, que se volta para ele rapidamente e empurra-o pelas pernas, no sentido contrário a ela (Figura 77. Cena 2). Bruno choraminga e toca uma das mãos no cotovelo de Isabela, que olha para Bruno, sorri, e passa suavemente a mão na cabeça dele (Figura 78. Cena 3). Bruno coloca a mão sobre a dela e faz expressão de choro. Isabela põe o braço sobre o pescoço de Bruno e depois estica o braço envolvendo os ombros de Bruno (como se o abraçasse) e ele intensifica o choro (Figura 79 – Cena 4). A educadora Marcela

fala: “*Deixa ele Isabela. Ele não quer abraçar!* ”. Isabela olha para a educadora e logo retira o braço que estava sobre os ombros de Bruno, fazendo uma expressão semelhante a de quem fica sem graça. Ele também olha para a educadora diante da fala dela e, em seguida, para de chorar. Ele se põe na posição de engatinhar e se locomove, saindo de perto de Isabela.

4.2.14 Análise e discussão do episódio de choro de Bruno: *Não toque em mim!*

Num primeiro momento do episódio, observamos uma situação que faz parte da rotina do berçário, em que as crianças são postas sentadas no chão e encostadas na parede, para as educadoras cantarem para elas, enquanto elas aguardam pela ida para o refeitório para o almoço.

Neste local, aparentemente, por mover-se de modo a olhar atrás dele, que refletia no espelho, e pelo fato de que havia pouco espaço entre as crianças, Bruno esbarra em Isabela, ela reagindo prontamente, empurrando com seus pés o colega e Bruno choraminga.

O choramingo de Bruno atrai a atenção dela, e é a partir do direcionamento do olhar que Isabela muda a expressão do rosto, passando a sorrir levemente para Bruno, ao mesmo tempo em que passa a mão esquerda na cabeça dele (em gesto de carinho).

Importa mencionar que Isabela convivera com Bruno no ano anterior (2014), na sala do berçário 1, e agora (2015) também faz parte da sala do berçário 2. Isabela, ainda, já possuía um ano e nove meses de idade, sendo oito meses mais velha do que ele. Supomos, por isso, que algumas regras já trabalhadas pelas famílias e pelas educadoras (mediadoras da cultura e modo de relação social, naquele espaço), como aquela de acariciar ao invés de bater, já haviam sido apreendidas pela criança. Dessa forma, ao perceber que ele choraminga após o gesto de empurrar com os pés, Isabela muda o gesto e a expressão, passando a acariciá-lo e a manifestar afeto de carinho.

O choramingo inicial de Bruno, que se converte em choro, não cessa com a mudança de comportamento da colega. Ao contrário, intensifica-se. Importa considerar que, em nenhum momento, após iniciar o choro, Bruno olha para o rosto de Isabela. Portanto, pela história pregressa com os outros colegas (como vimos em episódios anteriores), Bruno pode não ter percebido a mudança da expressão e papel da colega, seguindo chorando. Ainda, é possível que, para Bruno, tanto as expressões de afeto negativo (empurrar as pernas) como

aquelas de afeto positivo (carícia) teriam sido percebidas com um sentido invasivo, pois ele não demonstra reagir às mudanças de Isabela.

Bruno mostra-se incomodado com as atitudes da colega e chora até a educadora intervir e cessar o comportamento de Isabela. A própria educadora interpreta o gesto de carinho de Isabela, ao dizer para Isabela que Bruno não queria ser abraçado. A fala da educadora atrai a atenção de ambos, e Isabela imediatamente retira a mão de Bruno, retraindo-se.

Assim, neste episódio, temos um elemento não encontrado nos demais analisados. Usualmente, a criança chora por causa da outra criança, a outra criança só interrompendo o comportamento quando a educadora intervém, para depois voltar a investir negativamente sobre o par. No presente episódio, observamos a criança (Isabela) buscando acalmar o outro, independentemente da intervenção da educadora, apesar de Isabela não ser um par com quem Bruno interagia com frequência. Ademais, a mudança nos gestos de Isabela caracteriza uma regra da sala: quando a criança bate, a educadora lhe mostra como fazer carinho no outro. Mas a fala da educadora, neste episódio, também gera mudança de comportamento em Bruno e Isabela que, ao falar com ambos, faz cessar o comportamento de acariciar de Isabela e também o choro de Bruno.

Assim, destacamos que, considerando os outros dois episódios analisados sobre o bebê Bruno (Choramingos em evidência! / O choro que se prolonga!), em se tratando da contagiosidade das emoções, se naqueles interrogávamos sobre a (im)possibilidade de contagiosidade dos choros, neste fica evidente que a expressão de Bruno contagia Isabela e causa nela reações de solidariedade, de acordo com as proposições de Wallon (1999). Novamente levantamos questões relacionadas aos fatores envolvidos na contagiosidade ou não das emoções, haja vista a constatação de que, para os dois casos estudados (Bruno e Tiago), o contágio das emoções ao outro nem sempre acontece, ou melhor, acontece com pouco frequência.

Entretanto, para melhor nos apropriarmos do conjunto maior das expressividades de choro de Bruno, exploramos, a seguir, as demais expressividades de choro do bebê ao longo das videogravações.

4.2.15 Os choros de Bruno ao longo do tempo

Os choros de Bruno ocorreram em alta frequência na sua interação com pares, sendo registradas quarenta e cinco expressões ao longo da coleta de dados.

Já no primeiro mês da coleta de dados, Bruno (oito meses de idade) choramingou por diversas vezes (sete). Um dos episódios aconteceu quando Bruno brincava com algumas bolinhas. Próximo a ele estava Pedro (um ano de idade), que sem aparente motivo puxa a gola da blusa de Bruno e ele choraminga. Imediatamente as educadoras chamam a atenção de Pedro, que para de puxar, e Bruno cessa o choramingo. Em outra ocasião, Bruno tenta pegar um telefone de brinquedo das mãos de Estela (um ano e três meses de idade), e ela bate com o brinquedo na cabeça de Bruno. Ele choraminga e a educadora retira Estela de perto e entrega o telefone a Bruno. David (oito meses de idade) se aproxima para pegar o telefone do colega. Bruno antecipa a atitude de David e larga o telefone, choramingando. David, com o telefone em mãos, sorri para Bruno e ele não corresponde e, parando de choramingar, passa a brincar com outro objeto.

Em outro episódio, Bruno brinca com um carrinho. Laíz (um ano e um mês de idade) chega e toma o carrinho dele. Bruno choraminga e olha para a educadora que, imediatamente, entrega-lhe outro carinho. Bruno para de choramingar e manuseia o objeto. Dentro de alguns segundos chega Lara, tentando tirar o carrinho de Bruno, que começa a choramingar, retendo para si o objeto. Por fim, Lara consegue levar o carinho, mas a educadora retira Lara de cena e devolve o carrinho a Bruno, que para de choramingar.

No final do oitavo mês de vida do bebê Bruno, quando este brincava com um cogumelo de brinquedo, David (oito meses de idade) chega e tenta tirar o brinquedo de Bruno, que o segura firme, olha para o colega e choraminga. David puxa o objeto. Bruno olha para as educadoras e o solta, parando de choramingar.

Observamos neste oitavo mês de vida do bebê Bruno que seus choramingos acontecem em sua grande maioria durante a disputa por objetos, a expressão de choro sendo utilizada pelo bebê para reclamar a perda de brinquedos ou para antecipar uma ameaça de perda de objeto. Os pares que interagiram com Bruno não pareciam ser contagiados pelos choramingos dele, mesmo quando ele antecipava a expressão diante de uma criança que se aproximava para tirar o brinquedo. Em contrapartida, rapidamente, as educadoras tomavam alguma providência para cessar o choramingo do bebê.

Destacamos ainda que, nessa idade, Bruno ficava muito tempo sentado, e às vezes se deslocava arrastando o corpo. As outras crianças se aproximavam engatinhando ou andando para lhe tomar objetos, denotando uma disparidade no que diz respeito às (in)habilidades motoras e de locomoção de Bruno em relação as demais crianças. Entretanto, Bruno se mostra ativo e modifica suas reações frente à tomada de brinquedos. Primeiramente, deixava levar, depois passou a reter os objetos, e mesmo chorar antes que lhe os tomassem.

Aos nove meses de vida do bebê Bruno, registramos vários choros, mas em sua maioria de curta duração (sete choramingos / um choro / um choro prolongado).

Vários dos choramingos registrados foram emitidos durante o episódio já discutido “Choramingos em evidência!”, no qual Bruno compete pelo carro de espuma na interação com João (um ano e um mês de idade) e Laíz (um ano e dois meses de idade), o choramingo emergindo em situações de incômodo pelas atitudes dos pares.

Em outro episódio, Bruno está sentado no chão, manuseando uns óculos. Nícolas (um ano e cinco meses de idade) chega perto de Bruno, que estende a mão, oferecendo os óculos ao colega. Nícolas pega o objeto e sai andando. Bruno começa a chorar, apoiando a cabeça no chão. Após alguns instantes ele para sozinho de chorar. Nesta mesma data, mais ao final da gravação, Bruno chorava sozinho, engatinhando pela sala, quando fez uma pausa no choro ao encontrar uma bexiga. Ele manuseia o objeto na posição de barriga para baixo. Nícolas chega andando e lhe toma a bexiga. Bruno volta a chorar por longo tempo, apoiando a cabeça no chão, enquanto Nícolas brinca, com ar satisfeito, ao seu lado. A educadora coloca Bruno sentado e ele segue chorando intensamente, olhando para ela. O choro de Bruno cessa quando a educadora lhe entrega a bexiga e afasta Nícolas dali.

Ainda nessa mesma data, outro choramingo de Bruno acontece na interação com Lucas (um ano e cinco meses de idade). Bruno estava na posição de barriga para baixo, manuseando uma bexiga. Lucas chega andando e, sem motivo aparente, passa a puxar os cabelos de Bruno com as duas mãos. Bruno chora fortemente e encosta a cabeça no chão. A educadora rapidamente afasta Lucas, que fica olhando para Bruno ao se distanciar. Bruno para de chorar sozinho, senta-se e volta a brincar com a bexiga.

Notamos que, nas interações em que Bruno chorou aos nove meses de idade, assim como naquelas do oitavo mês, em sua maioria há objetos envolvidos nas interações. Os choros de Bruno ocorreram por causa da perda desses objetos, ou, como observamos no episódio “Choramingos em evidência”, pela disputa do objeto. Se no oitavo mês Bruno deixava levar brinquedos mesmo chorando, e depois passou a tentar reter os objetos, agora ele se apresenta disputando, o que denota mudança na forma de o bebê interagir com pares

quando há objetos envolvidos. Interessante destacar que, para todas as formas das quais Bruno se utiliza para lidar com os pares na disputa por objetos, o choro está presente, ao que nos parece entristecer-se pelo incômodo da perda ou pela disputa.

Ao décimo mês de vida de Bruno registramos apenas uma expressividade relacionada ao choro do bebê, ocorrendo na sua interação com Laíz (um ano e dois meses de idade). Bruno está sentado no chão, manuseando objetos de plástico. Laíz chega correndo e lhe estende a mão, como que lhe oferecendo um brinquedo. Inicialmente Bruno sorri, logo parecendo demonstrar medo ao olhar para o brinquedo e para Laíz. Ela encosta o brinquedo no rosto de Bruno, parecendo ter pressa que ele pegue o objeto. Ele choraminga, mas pega o brinquedo. Ela oferece outro maior e o episódio é interrompido por um corte na gravação.

Neste episódio, conforme já discutido nas expressões de sorriso de Bruno, ele sorri para Laíz e logo demonstra medo e em seguida chora. Os sentidos de cada expressão parecem estar atrelados à forma com que Laíz lhe impunha o brinquedo, Bruno estando sentado e Laíz em pé, com disparidade postural. O sorriso de Bruno não foi correspondido por Laíz e o choro dele também parece não a ter contagiado, na medida em que ela, em seguida, lhe oferece outro brinquedo.

Aos onze meses, o bebê Bruno manifestou três choramingos, dois choros e um choro prolongado. Um choro e um choramingo de Bruno foram manifestados em sua interação com Isabela (um ano e sete meses de idade). Acontecia na sala uma brincadeira em que as crianças perseguiam bolinhas de sabão emitidas pela educadora. Isabela corre em direção a uma bolinha olhando para cima, e atropela Bruno, que chora. Imediatamente a educadora pega Bruno no colo e o acalma. Minutos depois, novamente Isabela esbarra em Bruno, que choraminga. A educadora retira Isabela do local e Bruno para de chorar. Nas duas situações, diante do choro de Bruno, Isabela para e olha para ele com expressão de admiração, até que a educadora interfere.

Em outra situação, Bruno está sentado no chão, brincando com um carrinho. Rodrigo (um ano de idade) tenta pegar o carrinho de Bruno, mas ele puxa para si e choraminga. Rodrigo também choraminga. Ambos olham para o carrinho e puxam para sentidos opostos. A educadora chega e retira Rodrigo, deixando Bruno com o carrinho. Bruno para de chorar e olha para o carrinho. Rodrigo sai chorando.

Em data subsequente, Bruno está sentado no chão, sacudindo uma girafa pequena de plástico. Rafael, que está próximo, lhe toma a girafa e passa a fazer o mesmo gesto que Bruno fazia (sacudir a girafa). Bruno chora enquanto observa o colega. Rafael sorri olhando o objeto, e movimenta o corpo com o barulho que faz o brinquedo. Bruno olha para Rafael e para de

chorar. Diferentemente de vários outros episódios, neste, Bruno para de chorar sozinho enquanto olha para o colega que sorri e se movimenta. O conjunto de expressões de Rafael teria contagiado Bruno, que parou de chorar? Ou lhe pareceu interessante ver o brinquedo que tinha em mãos em movimento nas mãos do colega?

Quando Bruno completa um ano de idade, ocorre o episódio já discutido “O choro que se prolonga!”, no qual Bruno chora por causa de invasões físicas por parte de Laíz (um ano e três meses de idade) e Tiago (oito meses de idade), em que ambos os pares interagem com Bruno e não demonstram terem sido contagiados pelo choro do colega.

Outro episódio acontece na relação entre Bruno e Pedro (um ano e quatro meses de idade). Bruno está de pé, apoiado nos degraus do *play ground*, tentando pegar algumas bexigas que estão sobre a superfície mais alta do brinquedo. Pedro, que está sentando no topo de *play ground*, fricciona uma bexiga no rosto de Bruno, que choraminga e grita. Pedro passa a bater uma das bexigas no rosto dele. Bruno, que olhava para baixo, afasta-se para o lado, saindo do alcance de Pedro e parando de choramingar. Aqui, notamos que Bruno se afasta de Pedro sem recorrer ao adulto de alguma maneira. Bruno já andava apoiado nos objetos, o que lhe permitiu o afastamento do par. Assim, apontamos que as possibilidades de locomoção do bebê, neste caso, favoreceram que ele escapasse das ações de Pedro.

Em data subsequente, ocorreu um episódio em que Bruno está sentado no chão olhando para o centro da sala. Pedro passa e aponta para uma bola que estava próxima de Bruno e vocaliza “gol? ”. Bruno olha para Pedro e choraminga. Pedro joga a bola em direção a Bruno e balbucia “gool!” Bruno cessa o choramingo e, ao pegar a bola, sorri. Ele joga a bola para frente. Bruno passa, então, a engatinhar em direção à educadora e chora, apesar de que Pedro já havia passado a brincar com outro objeto.

Já em outro episódio, Bruno (um ano de idade) choraminga em interação com Rodrigo (um ano e um mês). Bruno está sentado em uma motoca sem rodas que, ao ser movimentada, balança. Rodrigo se aproxima para balançar Bruno, que choraminga, incomodado, ao olhar para o colega. Rodrigo, diante do choramingo de Bruno, olha para as educadoras e se afasta dali. O fato de Rodrigo olhar para as educadoras diante do choro de Bruno poderia significar que, caso elas estivessem vendo, haveria uma repreensão, e por isso ele não enfrenta a disputa pelo brinquedo?

Em outra situação, Laíz (um ano e três meses) faz a brincadeira de esconder a cabeça debaixo do lençol e depois mostrar para as crianças. Bruno segue sentado na motoca. Laíz põe o lençol sobre a cabeça e anda sem rumo definido, chocando-se com Bruno. Ele se assusta e chora, olhando para as educadoras. Laíz tira o lençol da cabeça com a ajuda das educadoras e

sorri. Bruno segue chorando por longo tempo e Laíz volta a brincar com outras crianças. Observamos que Laíz, mesmo sendo três meses mais velha do que Bruno, sorri diante do ocorrido, enquanto o colega chora.

No último mês da coleta de dados, Bruno (um ano e um mês de idade) também chora na interação com algumas crianças. Em um dos episódios, Bruno, sentado no chão, manuseava um carrinho pequeno. Isabela empurrava outro carrinho pelo chão e esbarra levemente nas costas de Bruno, que chora e olha para a educadora. Isabela para e olha para Bruno, para depois seguir brincando atrás dele. Bruno cessa o choro e segue brincando. Isabela, ao brincar, esbarra nele novamente. Bruno volta a chorar e olha para a educadora, que repreende Isabela e a retira de perto de Bruno, ele parando de chorar.

Outro episódio acontece na interação de Bruno com João (um ano e seis meses de idade). Bruno brinca de empurrar um carrinho pelo chão, quando no caminho encontra João (deitado, com um carrinho nas mãos). Bruno empurra o carrinho contra João, afetando o pescoço do colega. João se volta para Bruno e empurra o carrinho, e Bruno chora. A educadora chama a atenção de João, mas ele não olha. Depois de afastar o carrinho de Bruno, volta a se deitar. Bruno para de chorar e fica sentado ali perto, brincando. Bruno levanta seu carrinho e bate na cabeça de João, que chora. Bruno ainda bate novamente no pescoço de João. A educadora se aproxima e diz “Levanta João!”, e ele diminui o choro e sai de cena. Bruno fica sozinho brincando com o seu carrinho. Observamos, portanto, neste episódio, que os papéis de quem bate e quem chora se inverteram.

Neste mês, as crianças estavam retornando das férias e, na sala, havia crianças novas que foram incorporadas à turma do ano anterior. Algumas dessas crianças choravam muito e rodeavam as educadoras. Em um episódio, a educadora pega um telefone de brinquedo e faz de conta que está ligando para a mãe da criança (Kauan) ir buscá-la. Bruno se aproxima da educadora e fica em pé, apoiado nas pernas dela. A educadora coloca o telefone no seu ouvido ao dizer-lhe para chamara sua mamãe. Isis (um ano e quatro meses de idade), que está ao lado, puxa o telefone, e Bruno se desequilibra e chora. A educadora repreende Isis e devolve o telefone para Bruno, que olha para a colega chorando, logo parando de chorar. A educadora retira Isis dali. Kauan segue a educadora chorando e esbarra em Bruno, que volta a chorar. Bruno para de chorar e brinca com o telefone, sentado no chão. Mas, dentro de poucos minutos, Pedro (um ano e cinco meses) passa e leva o telefone de Bruno, que chora. A educadora escuta e faz com que Pedro devolva o telefone para Bruno, que para de chorar.

Assim, neste último mês de coleta de dados, ocorreram ainda outros choros que seguem uma sequência semelhante aos já descritos, onde outras crianças tomam brinquedos

de Bruno e ele chora e olha para as educadoras, que lhe devolvem o brinquedo, afastando a outra criança de perto de Bruno; ou, quando outra criança esbarra em Bruno, ainda que levemente, ele chora, e as educadoras novamente interferem.

Após o retorno das férias, observamos que Bruno chorava mais por causa de contatos físicos de outras crianças, ainda que fossem bastante amenos (esbarrar, por exemplo). O bebê parecia mais sensível diante dos parceiros.

Ressaltamos, finalmente, que neste período ocorreu o episódio “Não toque em mim!”. Neste, pela primeira vez Bruno teve sua expressão contagiando um parceiro de idade (Isabela), no sentido de despertar no outro um gesto de solidariedade.

É interessante destacar que, neste mesmo mês, descrevemos outros episódios em que Isabela esbarra em Bruno e ele chora, mas ela simplesmente olha para ele. O que haveria de diferente neste episódio, que teria levado Isabela a tentar acalmar Bruno? Seria um indicador de que a criança já percebia a emoção do outro e atuava com empatia, com gestos afáveis? Mas, se assim o fosse, por que ela não teria reagido dessa forma quando esbarrou em Bruno e ele chorou?

Durante a grande maioria dos episódios, novamente, fica evidente a presença das educadoras a interferir nas interações em que o bebê chorava. Assim como nos dados de Tiago, também com Bruno, as manifestações de choro tiveram início na interação com os pares. Mas, de um modo geral, a presença do adulto rapidamente interfere e, na maioria das vezes, interrompe a interação dos bebês. Desse modo, Bruno começava a chorar e logo olhava para as educadoras, que logo tomavam alguma atitude. Em alguns episódios, Bruno não chega nem a olhar para as educadoras, mas elas, através da atenção à vocalização do bebê, característica do choro, já se aproximavam, interrompendo a interação.

Observamos claramente comportamentos dos adultos do ambiente no sentido de proteger a criança de qualquer situação que lhe causasse expressão de choro. Algumas questões surgem: As educadoras estariam protegendo Bruno porque estava sendo filmado? Ou elas o consideravam incapaz de resolver problemas de disputa de brinquedos, esbarrões, perda de brinquedos, etc? O caso é que as atitudes das educadoras, no sentido de interromper as interações onde houve expressão de choro, nos impediram de ver a continuidade nos processos interativos e consequentemente de observar mudanças no modo como esse bebê se utiliza de tais expressões na sequência interacional.

No conjunto das manifestações de choro, observamos que, em sua grande maioria, não provocam reações de solidariedade nos pares. Diante da disputa por brinquedos principalmente, os bebês tinham o objetivo de pegar para si o brinquedo, não demonstrando

importar-se com a expressão emocional do colega. O contrário acontece com as educadoras, que talvez pela responsabilidade de cuidar dos bebês e de evitar choros, ou mesmo pelo contágio que o choro parecia provocar nelas, reagiam de modo a proteger o bebê.

Os objetos/brinquedos foram o motivo da maioria das expressões de choramingo e choros, sendo que os choros que se prolongaram se mostraram como resultado de invasões físicas aplicadas ao bebê pelos pares.

Acrescentamos ainda que, desde o início das gravações, Bruno parecia discriminar parceiros, tanto adultos como crianças, pois, dependendo de quem se aproximava, ele antecipava o choramingo ou chorava, direcionando a expressão para as educadoras. Bruno utilizava-se do choro como um recurso por meio do qual chamava a atenção dos adultos e, raras vezes, dos próprios pares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com o material empírico desta pesquisa, os resultados da revisão bibliográfica e o acesso a elementos teóricos concernentes às emoções em bebês no primeiro ano de vida nos levaram a destacar alguns aspectos nessas considerações finais da dissertação do mestrado.

Começamos com os dados da contagem relativa à expressão emocional dos bebês. Apesar de não termos encontrado na literatura trabalhos que abordassem a expressividade nas relações entre pares de bebês, como discutido, foram surpreendentes os resultados no que diz respeito à sua ocorrência.

Especificamente em relação às expressões de choro, verificamos que, nos casos estudados, os bebês iniciaram maior número de choros entre pares do que na interação com adultos, embora tais expressões fossem, logo em seguida, redirecionadas aos adultos. No ambiente da creche, os parceiros de idade são em maior número, e certamente aqueles que estão por mais tempo disponíveis para interagir. Esta coletividade de crianças, nos casos estudados, favoreceu as interações entre pares, através da (in)habilidade motora dos bebês, menor capacidade de lidarem com conflitos, disputa por objetos, encontros onde acabavam por se machucarem, dentre outros.

Os choros ocorreram em maior parte na interação com os pares, mas já os sorrisos prevaleceram na interação dos bebês com adultos. Que elementos deste ambiente e dessas relações podem favorecer que o bebê dirija mais sorrisos a adultos do que aos pares e mais choros se originem na interação com pares do que na interação com adultos?

Sobre as expressões de riso, importa mencionar que estas não tiveram ocorrências (nem na interação com adultos), o que nos permite sugerir que esta expressão exige condições específicas, que não foram registradas nos dias e horários de filmagem na creche. Ou, ainda, que o riso se manifeste entre os pares de idade um pouco mais tarde, como no segundo ano de vida, ou em situações particulares. Tal diversidade de hipóteses faz com que tal questão permaneça em aberto a novas explorações.

A análise dos dados nos permitiu constatar que, apesar de sorrisos e choros se tratarem de comportamentos expressivos nos bebês, manifestaram-se com características diferentes. Os sorrisos só foram detectados pelos parceiros dos bebês estudados quando aqueles estavam ou passavam a olhar no rosto do bebê que expressava a emoção. Nossa hipótese é de que, nas crianças mais novas, pelo fato dos sorrisos se manifestarem de maneira mais silenciosa

(menor presença de vocalização), serem mais sutis e fugidios (rapidamente desapareciam), o parceiro precisava estar voltado para o bebê a fim de ver a expressão. E, mesmo quando o parceiro estava voltado para o rosto do bebê que sorria, observamos ser mais difícil dele detectar a expressão, ser contagiado e reagir a ela.

Apesar da maior sutileza nas manifestações de sorriso, quando conduzida a análise dos casos estudados, verificamos que as suas manifestações se deram atreladas a diversos outros recursos comunicativos, tais como: balbuciar, mover a cabeça, as pernas e os braços, se deslocar em direção ao par, tocar nas mãos e no rosto do par e lançar o corpo na direção da outra criança.

Já nas manifestações de choro, a posição do par não se mostrava como necessariamente significativa, porque o choro muitas vezes vinha acompanhado por vocalizações e com mais intensa expressividade corporal (gestos, movimentos de cabeça que se abaixam abruptamente). Por isso, através dos dados analisados, os choros tiveram mais alcance dos parceiros em sentido amplo, por poderem ser vistos e ouvidos, repercutindo no outro mais facilmente. Além disso, os choros se apresentaram com uma durabilidade maior, perdurando enquanto o bebê sentia dor ou enquanto um adulto não lhe acalmava.

Tais expressividades emocionais, que têm sido reconhecidas tradicionalmente na face do bebê e preferencialmente na relação com o adulto (particularmente a mãe) ganham um novo foco. E o presente trabalho, assim como o de Ferreira (2013), enfatiza a importância de se olhar ao bebê que se expressa em toda a sua corporeidade, considerando o contexto em que se encontra, convive e compartilha, e onde se constitui o processo de desenvolvimento.

O conjunto destes recursos comunicativos foi registrado e discutido em diferentes episódios como contendo uma situação de envolvimento triádico dos bebês (bebê – objeto – bebê), com comportamentos característicos da atenção conjunta, proposta por Tomasello (Aquino & Salomão, 2009). Vale lembrar que esta proposição destaca a emergência da atenção conjunta basicamente a partir dos nove meses de idade e, na literatura, tendo sido identificada e discutida na relação do bebê com o adulto. Entretanto, nos dados, identificamos sua ocorrência bem antes, como na interação em que Tiago contava com apenas seis meses de idade. Tal manifestação precoce levanta questões relacionadas às possibilidades de sua ocorrência em função da organização deste ambiente e do modo como as relações se dão no mesmo, essa questão demandando novas investigações.

Especificamente em relação aos casos, na análise de Tiago, verificamos que, a partir dos seis meses, ele já manifestava sorrisos na interação com pares de idade, apesar de que aquele ambiente era novo, pois as gravações acompanharam seu processo e relações desde o

momento em que ele começou a frequentar a creche. Do mesmo modo que o ambiente, também eram novos os parceiros de interação. Assim, os dados indicam acordo com as proposições de Spitz (2004), que discute que, a partir dos seis meses de idade, o bebê discrimina parceiros a quem sorrir. Mas questionamos a ideia levantada pelo autor de que os sorrisos nesta idade sejam reservados àqueles indivíduos familiares e conhecidos. No caso do bebê Tiago, nas condições descritas, houve registro de sorrisos na interação não só com adultos, como com crianças, ambos não familiares.

No que diz respeito ao conjunto das expressividades de sorriso de Tiago manifestadas ao longo do tempo, nos foi possível verificar que, apesar de ocorrerem pequenas variações na sua intensidade, houve mudanças na forma como tais expressões se deram nas relações com os pares. Aos seis meses de idade do bebê Tiago registramos sorriso, mas os parceiros não pareceram captar tal expressividade. Ao final dos sete meses, foi-nos possível registrar que o bebê sorria movimentando partes do corpo e vocalizando (não gargalhando), atraindo a atenção dos parceiros, apesar de que aqueles não reagiram aos sorrisos. Aos oito meses do bebê, registramos sorrisos observados pelos pares, e inclusive brevemente correspondidos, ao compartilharem uma brincadeira. Finalmente, aos dez meses de idade, Tiago troca um sorriso com um parceiro em situação lúdica.

Mesmo considerando essas transformações na receptividade ao sorriso ao longo do tempo em todo o período de coleta de dados, foram registrados sorrisos que não foram observados ou não foram correspondidos pelos pares. Isso parece denotar que há transformações nas formas como se dão os sorrisos nas interações, mas não há linearidade no seu desenvolvimento; ainda, faz com que emergja novamente a pergunta sobre quais as condições para que o sorriso seja apreendido e correspondido pelo parceiro de idade.

No caso de Bruno, as expressões de sorrisos discutidas nos episódios se deram em interações mais longas e carregadas de elementos culturais. Num dos episódios, Bruno se mostrou ativo ao corresponder aos gestos de Estela, compartilhando diferentes sentidos manifestos nos sorrisos expressos por ambos os bebês. Em outro episódio, o sorriso de Bruno se mostrou como parte fundamental na brincadeira de esconde-esconde que um parceiro estabeleceu com ele. Esta estrutura de brincadeira, observamo-la como se dando em todas as suas características através de um diálogo mudo (Scorsolini-Comin & Amorim, 2010) entre as crianças, tendo o sorriso sido um recurso fundamental neste diálogo.

Quanto às transformações dos sorrisos nas interações, o processo de Bruno em alguns aspectos coincidiu com os dados de Tiago. A partir dos nove meses de Bruno, tivemos ocorrências de sorrisos que foram vistos pelos parceiros, assim como no processo de Tiago.

Mas nos sorrisos de Bruno (criança três meses mais velha), observamos transformações no sentido de terem sido emitidos em situações mais complexas, em que o bebê progressivamente emitiu sorrisos com sentidos diferentes, o que denotou uma discriminação de parceiros, objetos, tipos de brincadeira e (im)possibilidades frente a parceiro e/ou situação. Tal processo nos permitiu identificar que um sorriso não necessariamente indica alegria, mas, como vimos nos episódios de Bruno, pode indicar medo do parceiro que lhe ameaça, pode indicar que o bebê sorri *do* par e *da situação onde o par* está envolvido, e não somente sorriso *para* o par.

Mas sorrisos *do/para o/à causa do* par foram sorrisos que envolveram igualmente outros bebês nos processos interativos, o que aponta para uma capacidade destes bebês, a partir dos sete meses e mais precisamente oito meses de idade, terem se utilizado de sorrisos como recurso comunicativo que apresentam repercussões diferentes nas trocas sociais com outros bebês.

Apesar dessa evolução, vista em ambos os bebês, quanto ao papel do sorriso nas interações entre os pares, ressaltamos que alguns sorrisos, apesar de observados pelos pares, não surtiram efeitos de contágio neles. Isso pode nos sugerir que o elemento da contagiosidade das emoções proposto por Wallon (1999), por si só não se efetiva em todas as idades e para todos os contextos. Seria essa contagiosidade favorecida por elementos culturais mediadores de ações específicas?

Já nas expressividades de choro identificadas nas interações dos pares, não nos foi possível identificar mudanças ao longo do tempo, como naquelas relacionadas ao sorriso. Entretanto, no caso de Tiago, por se tratar de um bebê que havia acabado de ingressar na creche quando iniciamos as videograções, observamos mudança no que diz respeito à relação dele com as educadoras. Se no início ele chorava sem um direcionamento da atenção a nenhum parceiro específico (fosse criança ou adulto – educadora ou pesquisadora), com o passar do tempo, gradativamente, o bebê passou a dirigir os choros diretamente às educadoras. Tal processo pode representar indícios de uma construção de relação de apego da criança com as educadoras, no processo de frequência à creche. Vale lembrar que, para Bowlby (1989), a relação de apego se dá prioritariamente com a figura da mãe. Além de Bowlby, vários pesquisadores (como Belsky, 2009) indicam não haver a possibilidade de construção dessa relação de apego em ambientes de educação coletiva. No entanto, os dados se mostraram significativos, ensejando novos estudos em relação a isso.

Nos choros de Tiago na interação com pares, a grande maioria se deu devido a invasões físicas por parte das outras crianças, o bebê emitindo choramingo nos encontros mais

amenos, choros naqueles mais intensos e choro prolongado em raros casos de agressão grave, como mordida, por exemplo.

Já em Bruno, as expressões relacionadas ao choro foram as mais diversificadas em suas causas na interação de pares. Dentre os fatores que levavam o bebê a chorar estavam principalmente a disputa por objetos, a perda de brinquedos e, em menor frequência do que no caso de Tiago ações dos pares que podiam resultar em dor.

Ainda, da mesma forma que no caso do bebê Tiago, observamos também em Bruno um redirecionamento da atenção para as educadoras após o início dos choros na interação com pares, o que aponta também para aquelas como possíveis figuras de referência de apego para o bebê, naquele ambiente (Bowlby, 1989).

Mesmo o choro possuindo características que aparentemente melhor facilitam a sua identificação (vocalização, lágrimas, maiores movimentos corporais até com dramaticidade – deitar no chão e colocar a cabeça escondida entre as mãos), somente as educadoras se mostraram solidárias às expressões dos bebês. Foram raros os episódios onde o choro parecia ter causado contágio e ação reversa na outra criança. Em sua maioria, o choro em si comunicava incomodo ou outro, mas tal expressão não era apreendida pelo outro bebê de modo a despertar nele gestos de solidariedade. Tais elementos nos levaram a apontar que as emoções de fato contagiam o outro, mas aparentemente não em todas as idades e nem em todas as interações; e não “positivamente”, no sentido de haver modificação do comportamento (já que algumas crianças persistiam no comportamento que incomodava o outro, olhando e ficando atento à reação de choro do mesmo).

Desse modo, levantamos algumas questões: A partir de que situações e de que idade os bebês passariam a contagiar pares de interação com a expressão de choro? Haveria a necessidade da mediação pelo adulto para haver alteração do comportamento? É isso que está sendo construído quando as educadoras intervêm em situação de aparente conflito, sugerindo cuidado e carinho, inclusive através da manipulação do corpo/mão da criança? E a expressão do riso, em que momento surge na interação de pares, já que não nos foi possível registrar tal expressão? E o sorriso, segue modificando-se no decorrer do segundo ano de vida dos bebês?

Conforme supracitado, nossa amostra não nos permite generalizações estatísticas, mas apontamos para a relevância dos resultados obtidos frente à invisibilidade do assunto na literatura, quando se trata de discutir a expressividade emocional entre pares de bebês. Tal estudo pode, assim, contribuir com desdobramentos em outros estudos, num adensamento da construção teórica relacionado à expressividade emocional nessa faixa etária e nestas condições. Ainda, sua importância pode vir a se dar através da contribuição com as práticas

dos profissionais da educação infantil, através da forma de organizar o ambiente em que ficam os bebês, de modo a facilitar espaços livres e que promovam as interações; através de brincadeiras coletivas, mesmo no primeiro ano de vida, que podem favorecer as expressões emocionais entre os pares como meio de comunicação; pela disponibilização de brinquedos que favoreçam a aproximação dos pares; e pela valorização do repertório expressivo da criança através de uma mediação que promova a construção de significados naquele ambiente, mesmo sem a presença das educadoras durante o tempo todo.

Ademais, os resultados dessa pesquisa podem servir de suporte para as escolhas das famílias frente à educação e opção das creches como lugar alternativo às crianças pequenas, haja vista a riqueza de possibilidades interativas entre os pares, onde todo o repertório expressivo dos bebês se manifesta de maneira específica, desde bem tenra idade; as crianças compartilhando sentidos e se comunicando através das emoções, gestos e movimentos, inclusive demonstrando neste ambiente habilidades mais tardiamente observadas em domicílio e na relação com familiares, como a atenção conjunta, por exemplo.

Ainda, frente às constatações desta pesquisa e às tantas interrogações que ela desperta, apontamos para a relevância de investigações que deem continuidade aos estudos sobre as emoções dos bebês de creche, já que esta é uma realidade emergente em nosso tempo.

REFERÊNCIAS⁸

- Amorim, K. S. (2012). Processos de significação no primeiro ano de vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28, 45-53.
- Amorim, K. S. (2010). Proximidade/distanciamento: A intercorporeidade e a mútua constituição eu-outro-ambiente. In M. I. Leme & P. S. Oliveira (Orgs.), *Proximidade e distanciamento: Superando dicotomias* (pp. 91-118). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Amorim, K. S., Anjos, A. M., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2012). Processos interativos de bebês em creche. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25, 378-389.
- Amorim, K. S., Costa, C. A., Rodrigues, L. A., Moura, G. G., & Ferreira, L. D. I. P. M. (2012). O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos. *Temas em Psicologia*, 20, 309-326.
- Amorim, K. S., & Rossetti-Ferreira, M. C. R. (2008). Corporeidade, significação e o primeiro ano de vida. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1), 67-81.
- Amorim, K. S., & Rossetti-Ferreira, M. C. (1999). Creches com qualidade para a educação e o desenvolvimento integral da criança pequena. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 19(2), 64-69.
- Amorim, K. S., Vitoria, T., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2000). Rede de significações: Perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. *Cadernos de Pesquisa*, (109), 115-144.
- Anjos, A. M., Amorim, K. S., Vasconcelos, C. R. F., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2004). Interações de bebês em creche. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9, 513-522.
- Aquino, F. S. B., & Salomão, N. M. R. (2009). Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a cognição social infantil. *Psicologia em Estudo*, 14, 233-241.
- Belei, R. A., Gimeniz-Paschoal, S. R., Nascimento, E. N., & Matsumoto, P. H. V. R. (2008). O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*, (30), 187-199.

⁸ De acordo com o estilo APA (6ª ed.) – American Psychological Association

- Belsky, J. (2009). Early day care and infant-mother attachment security. *Encyclopedia on early childhood development*, 1-6.
- Bernardino, L. F., & Kamers, M. (2003). A creche e o brincar: Alternativas para a educação no primeiro ano de vida. *Estilos da Clínica*, 8(15), 48-57.
- Bergamasco, N. H. P. (1997). Expressão facial como acesso à consciência do recém-nascido. *Psicologia USP*, 8, 275-286.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Brasil (2012). Ministério da Saúde. *Resolução no. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Recuperado de http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fconselho.saude.gov.br%2Fresolucoes%2F2012%2FReso466.pdf&ei=0mEuVcC1EKnmsATFpIG4DQ&usg=AFQjCNFHaqfDRgNfy_g1PdYIjfEseeOig&bvm=bv.90790515,d.aWw
- Bressani, M. C. L., Bosa, C. A., & Lopes, R. S. (2007). A responsividade educadora-bebê em um berçário: Um estudo exploratório. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(3), 21-36.
- Brownell, C. A., Ramani, G. B., & Zerwas, S. (2006). Becoming a social partner with peers: Cooperation and social understanding in one- and two-year-olds. *Child Development*, 77, 803-821.
- Bruner, J. (2007). *Como as crianças aprendem a falar* (J. Chaves, Trad.). Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Bussab, V. S. R., & Ribeiro, F. L. (1998). Biologicamente cultural. In L. Souza, M. F. Q. Freitas, & M. M. P. Rodrigues (Orgs.), *Psicologia: Reflexões (im) pertinentes* (pp. 175-193). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

- Carvalho, A. M. A. (2005). Em busca da natureza do vínculo: Uma reflexão psicoetológica sobre grupos familiares e redes sociais. In J. C. Petrini & V. R. Cavalcanti (Orgs.), *Família, sociedade e subjetividades: Uma perspectiva multidisciplinar* (pp. 183-194). Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Carvalho, A. M. A., Império-Hamburger, A., & Pedrosa, M. I. (1996). *Interação, regulação e correlação no contexto do desenvolvimento humano: Discussão conceitual e exemplos empíricos* (IFUSP/ P No. 1196). São Paulo, SP: Instituto de Física/Universidade de São Paulo.
- Carvalho, A. M. A., Pedrosa, M. I., & Amorim, K. S. (2006). Retomando o debate qualidade x quantidade: Uma reflexão a partir de experiências de pesquisa. *Temas em Psicologia*, 14, 51-62.
- Chóliz, M., Fernández-Abascal, E. G., & Martínez-Sánchez, F. (2012). Infant crying: Pattern of weeping, recognition of emotion and affective reactions in observers. *The Spanish Journal of Psychology*, 15, 978-988.
- Colus, K. M. (2012). *Processos de estabelecimento da atenção conjunta em um bebê vidente e em outro com deficiência visual severa* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Costa, C. A. (2012). *Significações em relações de bebês com seus pares de idade* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos e Pesquisa em Ciências do Comportamento*. (P. I. C, Gomide; E. Otta; J. O. Siqueira, Trad.). São Paulo: Atlas.
- Darwin, C. (2000). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Deynoot-Schaub, M. G., & Riksen-Walraven, J. M. (2006). Peer interaction in child care centers at 15 and 23 months: Stability and links with children's socio-emotional adjustment. *Infant Behavior & Development*, 29, 276-288.
- Duarte, M. L. B. (2008). A imitação sensório-motora como uma possibilidade de aprendizagem do desenho por crianças cegas. *Ciências & Cognição*, (13), 14-26.
- Elfer, P. (2007). Babies and young children in nurseries: Using psychoanalytic ideas to explore tasks and interactions. *Children & Society*, 21, 111-122.

- Elmôr, L. N. R. (2009). *Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche: Um estudo de caso* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Ferreira, L. D. I. P. M. (2013). *Expressões emocionais de desprazer no primeiro ano de vida: Manifestações e processos de transformação* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Fensterseifer, J. M. (2008). Creche: Um espaço narrativo. *Psicologia Argumento*, 26, 225-231.
- Finkelstein, N. W., Dent, C., Gallacher, K., & Ramey, C. T. (1978). Social behavior of infants and toddlers in a day-care environment. *Developmental Psychology*, 14, 257-262.
- Fogel, A., & Nelson-Goens, G. C. (2000). Do different infant smiles reflect different positive emotions? *Social Development*, 9, 497-520.
- Galvão, I. (2003). Expressividade e emoção segundo a perspectiva de Wallon. In I. Arantes, *Afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas* (p. 71-88).
- Garcez, A., Duarte, R., & Eisenberg, Z. (2011). Produção e análise de vídeo gravações em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, 37, 249-262.
- Garcia, L. T., de Almeida, N. V. F., & de Alcântara Gil, M. S. C. (2013). Conflitos e agressões entre bebês e diferentes atributos de brinquedos: Um estudo experimental. *Interação em Psicologia*, 17, 27-36.
- Gesell, A., & Amatruda, C. S. (2002). *Psicologia do desenvolvimento do lactente e da criança pequena: Bases neurológicas e comportamentais*. São Paulo, SP: Atheneu.
- Gomide, P. I. C. (1996). Sorriso: Um indicador de felicidade. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 6(1/2), 39-48.
- González-Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia – caminhos e desafios*. São Paulo, SP: Thomson.
- Kim, M.-H., & Moon, H. (2011). Infants' social-emotional adjustment within a childcare context of Korea. *Asia Pacific Journal of Education*, 31, 487-502.

- Kreppner, K. (2001). Sobre a maneira de produzir dados no estudo da interação social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17, 97-107.
- Lima, A. P. R. (2012). Os bebês entre eles: Afinal, há interação? *Pró-Posições*, 23, 235-238.
- Melchiori, L. E., & Alves, Z. M. M. B. (2004). Estratégias que educadoras de creche afirmam utilizar para lidar com o choro dos bebês. *Interação em Psicologia*, 8, 35-43.
- Melchiori, L. E., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2002). Comportamento de bebês na rotina diária da creche. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 12(2), 39-51.
- Melchioril, L. E., & Alves, Z. M. M. B. (2000). Comportamento de bebês em situações de separação e reencontro com os pais, na rotina diária da creche. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 10(18), 51-59.
- Mendes, D. M. L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2009a). Expressões faciais de emoção em bebês: Importância e evidências. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9, 307-327.
- Mendes, D. M. L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2009b). O sorriso humano: Aspectos universais, inatos e os determinantes culturais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1), 109-120.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (11a ed.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Mota, M. M. P. E. (2010). Metodologia de pesquisa em desenvolvimento humano: Velhas questões revisitadas. *Psicologia em Pesquisa*, 4, 144-149.
- Nyland, B. (1999). Listening to infants: Emotional literacy and the child care setting. *International Journal of Early Childhood*, 31, 99-104.
- Messinger, D. S. (2002). Positive and negative: Infant facial expressions and emotions. *Current Directions in Psychological Science*, 11, 1-6. Recuperado de <http://cdp.sagepub.com/content/11/1/1.full.pdf>
- Otta, E., & Sarra, S. (1990). Um estudo sobre o sorriso e o riso em crianças de quatro a cinco anos. *Psicologia USP*, 1, 13-24.

- Palacio, M. B. (2014). *Sentidos construídos acerca do relacionamento de filhos com mães diagnosticadas com um transtorno mental: Entre recursos e déficits* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Pantoja, A. P. F., & Nelson-Goens, G. C. (2000). Desenvolvimento da vida emocional durante o segundo ano de vida: Narrativas e sistemas dinâmicos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 269-280.
- Pedrosa, M. I., & Carvalho, A. M. A. (2005). Análise qualitativa de episódios de interação: Uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 431-442.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2001). O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: Alguns aspectos críticos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 81-95.
- Reis, A. O. A. (1991). A criança integral e as teorias do desenvolvimento. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 1(1), 71-82.
- Riso. (2015). In *Dicionário Online de Português*. Recuperado de <http://www.dicio.com.br/riso/>
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., & Oliveira, Z. M. R. (2009). Olhando a criança e seus outros: Uma trajetória de pesquisa em educação infantil. *Psicologia USP*, 20, 437-464.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., & Silva, A. P. S. (2004). Rede de significações: Alguns conceitos básicos. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. S. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho, *Redes de significação e o estudo do desenvolvimento humano* (pp. 23-33?). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., Silva, A. P. S., & Carvalho, A. M. A. (Orgs.), (2004). *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., Silva, A. P. S., & Oliveira, Z. M. R. (2008). Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações. *Cadernos de Pesquisa*, 38, 147-170.

- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K., & Vitória, T. (1996). Emergência de novos significados durante o processo de adaptação de bebês à creche. In M. I. Pedrosa (Org.), *Coletâneas da ANPEPP: Vol. 1. Investigação da criança em interação social* (pp. 111-143). Recife, PE: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., & Vitória, T. (1994). A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 4 (2), 35 - 40.
- Rouchouse, J. C. (1978). Human ethology and nonverbal communication among infants. *Enfance*, 1, 13-30.
- Rutanen, N., Amorim, K. S., Colus, K. M., & Piattoeva, N. (2014). What is best for the child? Early childhood education and care for children under 3 years of age in Brazil and in Finland. *International Journal of Early Childhood*, 46, 123-141.
- Santos, N. M. (2012). *Transformações do olhar no bebê e sua relação com o desenvolvimento postural* (FAPESP No. 2010/09955-5). Relatório não publicado.
- Santos-Oliveira, N. G., & Bussab, V. S. R. (1996). Comportamentos comunicativos do bebê como parceiro ativo na interação. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 6(1/2), 34-38.
- Saullo, R. F. M., Rossetti-Ferreira, M. C., & Amorim, K. S. (2013). Cuidando ou tomando cuidado? Agressividade, mediação e constituição do sujeito - um estudo de caso sobre um bebê mordedor em creche. *Pró-Posições*, 24, 81-98.
- Scorsolini-Comin, F., & Amorim, K. S. (2010). Em meu gesto existe o teu gesto: Corporeidade na inclusão de crianças deficientes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 261-269.
- Sharma, D., & LeVine, R. A. (1998). Child care in India: A comparative developmental view of infant social environments. *New Directions for Child and Adolescent Development*, (81), 45-67.
- Sullivan, M. W., & Lewis, M. (2003). Emotional expressions of young infants and children: A practitioner's primer. *Infants and Young Children*, 16, 120-142.
- Spitz, A. R. (2004). *O primeiro ano de vida* (3a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Stambak, M., Barrière, M., Bonica, L., Maisonnnet, R., Musatti, T., Rayna, S., & Verba, M. (1983). *Les bébés entre eux: Découvrir, jouer, inventer ensemble*. Paris, France: PUF.

Tautermannova, M. (1973). Individual differences in waking time and some patterns of behavior in infants. *Activitas Nervosa Superior*, 15, 257-262.

Tomasello, M., Carpenter, M., Call, J., Behne, T., & Moll, H. (2005). Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition. *Behavioral and Brain Sciences*, 28, 675-691.

Tomasello, M. (2003). *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Martins Fontes.

Vasconcelos, C. R. F., Amorim, K. S., Anjos, A. M., & Ferreira, M. C. R. (2003). A incompletude como virtude: Interação de bebês na creche. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 293-301.

Zanella, A. V., & Andrada, E. G. C. (2002). Processos de significação no brincar: Problematizando a constituição do sujeito. *Psicologia em Estudo*, 7, 127-133.

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (5a ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (4a ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.

Wallon, H. (1999). A atividade proprioplástica. In M. J. G. Werebe & J. Nadel-Brulfert (Orgs.), *Henri Wallon* (2a ed., pp. 141-148). São Paulo, SP: Ática. Original publicado em 1938

Wallon, H. (1986). Como estudar a criança? In M. J. Werebe & J. Nadel-Brulfert (Orgs.), *Henri Wallon* (pp. 72-82). São Paulo, SP: Ática. Original publicado em 1941

Weltzer, H. (1985). Teaching infants infant-infant social interaction. *Early Child Development and Care*, 20, 145-155.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Responsável pelo bebê na creche

Como responsável legal pelo bebê! Convidamos para participar da pesquisa de Mestrado sobre *“Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche”*, a ser desenvolvida pela mestrandia Marisa von Dentz, orientada pela Professora Livre Docente Katia de Souza Amorim, ambas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

A pesquisa tem por objetivo investigar se ocorrem manifestações de expressões emocionais entre bebês pares de idade (de quatro a doze meses) na sua relação, no ambiente da creche. E, em caso afirmativo, verificar com que frequência e de que forma essas expressões acontecem, destacando particularmente as expressões de riso e choro dos bebês.

Justifica esse estudo a crescente inserção das mães no mercado de trabalho, e por consequência o surgimento da necessidade de compartilhar o cuidado e a educação dos filhos, sendo que um lugar crescentemente procurado são as creches.

Esta pesquisa é importante por serem poucas as estratégias de trabalho com bebês menores de um ano, em creches. Uma melhor compreensão das capacidades interativas de bebês através do estudo das expressões emocionais pode vir a ajudar as educadoras e as famílias a lidarem com os bebês, partindo do conhecimento de suas capacidades expressivas no primeiro ano de vida.

Para desenvolver a pesquisa, serão feitas vídeograções, que terão como foco dois bebês: um com idade superior a cinco meses e outro com idade superior a sete meses. Apesar de haverem dois bebês principais, todos os demais poderão ser parceiros dentro da sala do berçário, uma vez que as crianças se encontram em espaço livre, bem como as educadoras desta sala. Só serão gravadas, no entanto, aquelas crianças cujos responsáveis autorizarem a participação no estudo.

As gravações acontecerão semanalmente, sendo que a cada semana será em um dia diferente, sendo privilegiados horários da rotina onde as crianças estejam em atividades livres ou dirigidas pelas educadoras. Cada bebê será filmado por meia hora, totalizando uma hora de gravação semanal por um período de seis meses.

Asseguramos aos responsáveis pelos bebês, bem como aos funcionários, que faremos o possível para preservar as crianças de possíveis desconfortos pela presença da pesquisadora na sala, procurando para as filmagens situações que não interfiram diretamente na atividade realizada por eles. Porém, esse é um risco, considerando-se que o pesquisador estará frequentando a creche ao longo de seis meses. Assim, caso no decorrer da pesquisa seja percebido qualquer tipo de prejuízo para os participantes, nos comprometemos em interromper o processo e acompanhar o caso através dos meios necessários de modo a reparar o prejuízo.

Fica esclarecido que as imagens gravadas serão de acesso restrito ao uso da pesquisa científica. Terão acesso, portanto, apenas as pessoas diretamente envolvidas no projeto (orientadora Profa. Kátia de Souza Amorim e a mestrandia Marisa von Dentz). Detalhes dos processos interativos poderão ser apresentados a outros pesquisadores da área, em congressos ou publicações científicas. No entanto, para garantir a privacidade, todos os nomes dos bebês e outros participantes serão substituídos por nomes fictícios. E a cidade onde foram realizadas as gravações não será mencionada. Garantimos, portanto, o sigilo e a confidencialidade dos dados.

A participação na pesquisa é livre e não remunerada. O propósito da pesquisa é ser desenvolvida no ambiente onde as crianças estão, na creche, sem, portanto, causar aos pais e funcionários qualquer gasto, devido à participação.

Fica esclarecido aos responsáveis legais que eles possuem livre decisão para aceitar, recusar ou a qualquer momento do percurso desistir de participar do estudo, sem que isso resulte em qualquer penalidade, modificação no tratamento ou reprovações de qualquer natureza.

Importa ressaltar que não será feito nenhum tipo de análise sobre a personalidade dos participantes, assim como não será aplicado qualquer teste de avaliação psicológica no decorrer desta pesquisa.

A fim de que possam consultar esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, será entregue a cada participante, ou responsável legal, uma cópia deste.

Depois de concluído o estudo, caso manifestem interesse, os responsáveis por esta instituição, responsáveis legais das crianças ou pessoas diretamente envolvidas nesta pesquisa poderão informar-se dos resultados deste trabalho. Assumimos o compromisso de transmitir os resultados e as descobertas referentes a este estudo.

Garantimos, também, a disponibilidade para esclarecimentos sobre a pesquisa antes, no decorrer e após o seu desenvolvimento. Sendo assim, em caso de dúvidas ou diante de qualquer problema, a mestrande Marisa von Dentz se coloca à disposição para conversar através dos contatos telefônicos (16) 99129-2982 /98191-8346, ou através do endereço eletrônico marisadentz@gmail.com. Também se coloca à disposição a orientadora desta pesquisa - Professora Katia de Souza Amorim, pelo endereço eletrônico: katiamorim@ffclrp.usp.br e telefone (16) 3602-3850.

Para maiores esclarecimentos sobre os aspectos éticos da pesquisa, o participante poderá contatar diretamente o Comitê de Ética em pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, através do endereço: Av. Bandeirantes, 3900 – bloco 23 – casa 37 – 14040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil, ou pelo telefone (16) 3602-4811. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa

Eu _____, RG _____, CPF _____, residente à _____, nº _____, na cidade de _____ - SP, na qualidade de responsável legal pela criança _____ aceito que meu/minha filho (a) participe do projeto de pesquisa “*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*”.

Tenho conhecimento de que este estudo deverá gravar em vídeo o ambiente do berçário, para acompanhar os bebês em interação com seus colegas, ao longo de seis meses, de modo a acompanhar a ocorrência de expressões emocionais de riso e choro entre eles. Eu afirmo ter compreendido que a participação é voluntária, livre e não paga, que nossa identidade será mantida em sigilo, e que poderemos interromper nossa participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem penalização alguma e sem qualquer prejuízo. Ainda compreendi que a pesquisa garantirá e respeitará os aspectos éticos, sendo que estaremos amparados pela Resolução 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Entendi que as gravações do estudo serão utilizadas somente para fins de pesquisa, obedecendo aos critérios de preservação de identidade dos participantes e respeitando os aspectos éticos.

Tendo isso em mente, autorizo o uso acima descrito, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Data: ____/____/____

Responsável legal
RG:
Fone:

Marisa von Dentz
RG: 4.612.743
Fone: (16)99129-2982

Katia de Souza Amorim
RG: 11.351.984
Fone: (16) 3602-3850

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Funcionários da creche

Como funcionária(o) responsável pelos bebês durante o tempo em que estes permanecem na creche, você está sendo convidada(o) a participar da pesquisa de Mestrado sobre *“Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche”*, a ser desenvolvida pela mestrandia Marisa von Dentz, orientada pela Professora Livre Docente Kátia de Souza Amorim, ambas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

A pesquisa tem por objetivo investigar se ocorrem manifestações de expressões emocionais entre bebês pares de idade (de quatro a doze meses) na sua relação, no ambiente da creche. E, em caso afirmativo, verificar com que frequência e de que forma essas expressões acontecem, destacando particularmente as expressões de riso e choro dos bebês.

Justifica esse estudo a crescente inserção das mães no mercado de trabalho, e por consequência o surgimento da necessidade de compartilhar o cuidado e a educação dos filhos, sendo que um lugar crescentemente procurado são as creches.

Esta pesquisa é importante por serem poucas as estratégias de trabalho com bebês menores de um ano, em creches. Uma melhor compreensão das capacidades interativas de bebês através do estudo das expressões emocionais pode vir a ajudar as educadoras e as famílias a lidarem com os bebês, partindo do conhecimento de suas capacidades expressivas no primeiro ano de vida.

Para desenvolver a pesquisa, serão feitas vídeograções que terão como foco dois bebês: um com idade superior a cinco meses e outro com idade superior a sete meses. Apesar de haver dois bebês principais, todos os demais poderão ser parceiros dentro da sala do berçário, uma vez que as crianças se encontram em espaço livre, bem como as educadoras desta sala. No entanto, só serão gravadas aquelas funcionárias (os) que autorizarem a participação no estudo.

As gravações acontecerão semanalmente, a cada semana em um dia diferente, sendo privilegiados horários da rotina, onde as crianças estejam em atividades livres ou dirigidas pelas educadoras. Cada bebê será filmado por meia hora, totalizando uma hora de gravação semanal por um período de seis meses.

Asseguramos aos funcionários que faremos o possível para preservá-los de possíveis desconfortos pela presença da pesquisadora na sala, procurando para as filmagens situações que não interfiram diretamente na atividade realizada por eles. Porém, esse é um risco, considerando-se que o pesquisador estará frequentando a creche ao longo de seis meses. Assim, caso no decorrer da pesquisa seja percebido qualquer tipo de prejuízo para os participantes, comprometemo-nos em interromper o processo e acompanhar o caso através dos meios necessários, de modo a reparar o prejuízo.

Fica esclarecido que as imagens gravadas serão de acesso restrito ao uso da pesquisa científica. Terão acesso, portanto, apenas as pessoas diretamente envolvidas no projeto (orientadora Profa. Kátia de Souza Amorim e a mestrandia Marisa von Dentz). Detalhes dos processos interativos poderão ser apresentados a outros pesquisadores da área, em congressos ou publicações científicas. No entanto, para garantir a privacidade, todos os nomes dos envolvidos serão substituídos por nomes fictícios. E a cidade onde foram realizadas as gravações não será mencionada. Garantimos, portanto, o sigilo e a confidencialidade dos dados.

A participação na pesquisa é livre e não remunerada. O propósito da pesquisa é ser desenvolvida no ambiente onde as crianças estão, na creche, sem, portanto, causar aos funcionários qualquer gasto, devido à participação.

Fica esclarecido aos funcionários que eles possuem livre decisão para aceitar, recusar, ou a qualquer momento do percurso desistir de participar do estudo, sem que isso acarrete em qualquer penalidade, modificação no tratamento ou reprovações de qualquer natureza.

Importa ressaltar que não será feito nenhum tipo de análise sobre a personalidade dos participantes, assim como não será aplicado qualquer teste de avaliação psicológica no decorrer desta pesquisa.

A fim de que possam consultar esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, será entregue a cada participante uma cópia deste.

Depois de concluído o estudo, caso manifestem interesse, os responsáveis por esta instituição, os funcionários e os responsáveis legais das crianças poderão informar-se dos resultados deste trabalho. Assumimos o compromisso de transmitir os resultados e as descobertas referentes a este estudo.

Garantimos também a disponibilidade para esclarecimentos sobre a pesquisa antes, no decorrer e após o seu desenvolvimento. Sendo assim, em caso de dúvidas ou diante de qualquer problema, a mestrande Marisa von Dentz se coloca à disposição para conversar através dos contatos telefônicos (16) 99129-2982 / 98191-8346, ou através do endereço eletrônico marisadentz@gmail.com. Também se coloca à disposição a orientadora desta pesquisa - Professora Katia de Souza Amorim, pelo endereço eletrônico: katiamorim@ffclrp.usp.br e telefone (16) 3602-3850.

Para maiores esclarecimentos sobre os aspectos éticos da pesquisa, o participante poderá contatar diretamente o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, através do endereço: Av. Bandeirantes, 3900 – bloco 23 – casa 37 – 14040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil, ou pelo telefone (16)3602-4811. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa

Eu _____, RG _____, CPF _____, residente à _____, n° _____, na cidade de _____ - SP, na qualidade de funcionária (o) da creche, aceito participar do projeto de pesquisa “*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*”.

Tenho conhecimento de que este estudo deverá gravar em vídeo o ambiente do berçário, para acompanhar os bebês em interação com seus pares, ao longo de seis meses, de modo a acompanhar a ocorrência de expressão emocional de riso e choro entre eles. Eu afirmo ter compreendido que a participação é voluntária, livre e não remunerada, que nossa identidade será mantida em sigilo e que poderemos interromper nossa participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem penalização alguma e sem qualquer prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa garantirá e respeitará o aspecto ético, sendo que estaremos amparados pela Resolução 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Entendi que as gravações do estudo serão utilizadas somente para fins de pesquisa, obedecendo aos critérios de preservação de identidade dos participantes e respeitando os aspectos éticos.

Tendo isso em mente, autorizo o uso acima descrito, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Data: ____/____/____

Funcionário
RG:
Fone:

Marisa von Dentz
RG: 4.612.743
Fone: (16)99129-2982

Katia de Souza Amorim
RG: 11.351.984
Fone: (16) 3602-3850

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Armazenamento de imagens em Banco de Dados Responsável legal pela criança

Você foi convidado a participar da pesquisa “*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*”, que tem por objetivo investigar se ocorrem manifestações de expressões emocionais entre bebês pares de idade (de quatro a doze meses) na sua relação, no ambiente da creche. E, em caso afirmativo, verificar com que frequência e de que forma essas expressões acontecem, destacando particularmente as expressões de riso e choro dos bebês.

Para desenvolver a pesquisa, os bebês da sala do berçário serão gravados em suas interações, semanalmente, por uma hora, em um período de seis meses. As gravações terão como foco, dois bebês; um com idade superior a cinco meses e outro com idade superior a sete meses. Mas, apesar de haverem dois bebês principais, todos os demais poderão ser parceiros dentro da sala do berçário, uma vez que as crianças se encontram em espaço livre, bem como as educadoras desta sala.

Entendemos que você concordou em participar desta pesquisa. Portanto, através deste documento vimos solicitar sua permissão para que as gravações feitas neste estudo possam ser guardadas, num Banco de Dados.

Por “Banco de Dados”, entende-se o conjunto de dados coletados em uma pesquisa, neste caso específico consiste no conjunto de imagens coletadas nas gravações das interações dos bebês. O armazenamento das imagens tem por objetivo servir de material para outras investigações com temáticas relacionadas a esta faixa etária e que sirvam como meio de observação a fins de pesquisa, repensando com focos diferentes o mesmo material.

Esclarecemos que a realização de estudos futuros deverá obrigatoriamente obedecer aos critérios éticos de respeito aos participantes. Portanto, além das pessoas diretamente envolvidas neste projeto, outros pesquisadores da área poderão vir a ter acesso ao material, contribuindo para a discussão e construção de conhecimentos nesse campo.

No caso desta pesquisa, o Banco de Dados, por um período de cinco anos, fará parte do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI), do Departamento de Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, sob responsabilidade da Profa. Dra. Katia de Souza Amorim, que pode ser contatada pelo e-mail katiamorim@ffclrp.usp.br e pelo telefone (16) 3602-3850.

Os participantes poderão fazer perguntas sobre o estudo a qualquer momento. Caso tenha algum problema ou dúvidas adicionais, eu (Marisa von Dentz) me coloco à disposição nos telefones 016 98191-8346 ou 016 9 9129-2982; e a minha orientadora, a professora Kátia de Souza Amorim, também se coloca à disposição para esclarecimentos necessários, podendo ser encontrada no telefone (16) 3602-3850. Se ainda houver alguma dúvida, os participantes também poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa nos telefones (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660.

No decorrer da pesquisa, ou após os esclarecimentos, a família possui total liberdade para interromper a participação na investigação ou não concordar com o uso do material para a composição do Banco de Dados. Assim, é reservado aos participantes o direito de interromper as gravações a qualquer momento ou de recusar a continuidade de participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização e prejuízo.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Banco de Dados

Eu _____, RG _____,
CPF _____, residente _____ à
_____, nº _____, na cidade de
_____ - SP, responsável legal pela criança
_____, tendo concordado que meu filho (a) participe

da pesquisa intitulada: “*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*”, onde serão gravadas por seis meses as interações dos bebês, de modo a observar se ocorrem expressões emocionais entre eles, autorizo o armazenamento destas imagens no Banco de Dados do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI).

Eu afirmo ter compreendido que a participação é voluntária, livre e não remunerada, e que poderemos interromper esta participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso desejemos, sem qualquer penalização ou prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa garantirá e respeitará os aspectos éticos, sendo que estaremos amparados pela Resolução 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso tenhamos interesse em conhecer o resultado do estudo, teremos acesso ao material relacionado ao mesmo.

Entendi que, através desta autorização, as gravações do estudo permanecerão guardadas no Banco de Dados do centro de pesquisa do CINDEDI, por um período de cinco anos, servindo à realização de estudos futuros, sendo que, para cada reutilização, será feito novo processo de avaliação no Comitê de Ética em Pesquisa. Desse modo, além das pessoas envolvidas no projeto, outros pesquisadores da área, do CINDEDI, poderão vir a ter acesso às gravações. Compreendi que essas gravações ficarão restritas apenas para o uso de pesquisa científica, não as divulgando a outros.

Diante do exposto acima, declaro que estou ciente das informações recebidas e que concordo com o armazenamento da gravação, optando por:

- () assinar um novo consentimento a cada pesquisa que for realizada utilizando este material.
 () dispensar a assinatura de um novo consentimento a cada pesquisa.

Tendo isso esclarecido, AUTORIZO o armazenamento das gravações no Banco de Dados do CINDEDI, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Data: ____/____/____

 Responsável legal

RG:

Fone:

 Marisa von Dentz

RG: 4.612.743

Fone: (16)99129-2982

 Katia de Souza Amorim

RG: 11.351.984

Fone: (16) 3602-3850

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Armazenamento de imagens em Banco de Dados
Funcionário (a) da creche

Você foi convidado(a) a participar da pesquisa “*Expressões emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche*”, que tem por objetivo investigar se ocorrem manifestações de expressões emocionais entre bebês pares de idade (de quatro a doze meses) na sua relação, no ambiente da creche. E, em caso afirmativo, verificar com que frequência e de que forma essas expressões acontecem, destacando particularmente as expressões de riso e choro dos bebês.

Para desenvolver a pesquisa, os bebês da sala do berçário serão gravados em suas interações, semanalmente, por uma hora, em um período de seis meses. As gravações terão como foco dois bebês: um com idade superior a cinco meses e outro com idade superior a sete meses. Mas, apesar de haver dois bebês principais, todos os demais poderão ser parceiros dentro da sala do berçário, uma vez que as crianças se encontram em espaço livre, bem como as educadoras desta sala.

Entendemos que você concordou em participar desta pesquisa. Portanto, através deste documento, vimos solicitar sua permissão para que as gravações feitas neste estudo possam ser guardadas, num Banco de Dados.

Por “Banco de Dados” entende-se o conjunto de dados coletados em uma pesquisa, neste caso específico consiste no conjunto de imagens coletadas nas gravações das interações dos bebês. O armazenamento das imagens tem por objetivo servir de material para outras investigações com temáticas relacionadas a esta faixa etária e que sirvam como meio de observação a fins de pesquisa, repensando com focos diferentes o mesmo material.

Portanto, além das pessoas diretamente envolvidas neste projeto, outros pesquisadores da área poderão vir ter acesso ao material, que ficará armazenado pelos próximos cinco anos, contribuindo para a discussão e construção de conhecimentos nesse campo.

Esclarecemos que a realização de estudos futuros deverão obedecer aos mesmos critérios éticos de respeito aos participantes.

No caso desta pesquisa, o Banco de Dados fará parte do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI), do Departamento de Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, por um período de cinco anos, sob responsabilidade da Profa. Dra. Katia de Souza Amorim, que pode ser contatada pelo e-mail katiamorim@ffclrp.usp.br e pelo telefone (16) 3602-3850.

Os participantes poderão fazer perguntas sobre o estudo a qualquer momento. Caso tenha algum problema ou dúvidas adicionais, eu (Marisa von Dentz) me coloco à disposição nos telefones 016 98191-8346 ou 016 9 9129-2982; e a minha orientadora, a professora Kátia de Souza Amorim, também se coloca à disposição para esclarecimentos necessários, podendo ser encontrada no telefone (16) 3602-3850. Se ainda houver alguma dúvida, os participantes também poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa nos telefones (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660.

No decorrer da pesquisa, ou após os esclarecimentos, a família possui total liberdade para interromper a participação na investigação ou não concordar com o uso do material para a composição do Banco de Dados. Assim, é reservado aos participantes o direito de interromper as gravações a qualquer momento ou de recusar a continuidade de participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização e prejuízo.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Banco de Dados

Eu _____, RG _____, CPF _____, residente à _____, nº _____, na cidade de _____ - SP, na qualidade de participante do projeto intitulado: “*Expressões*

emocionais de riso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche”, no qual serão gravadas as interações entre os bebês por seis meses, de modo a observar se ocorrem expressões emocionais entre eles, autorizo o armazenamento destas imagens no Banco de Dados do Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI).

Tenho conhecimento de que este estudo deverá gravar em vídeo os bebês em interação, ao longo de seis meses, de modo a observar se ocorrem expressões emocionais entre os bebês. Também farão parte das gravações os funcionários (as) responsáveis pela sala, caso se aproximem dos bebês em momentos de gravações.

Eu afirmo ter compreendido que a participação é voluntária, livre e não remunerada, e que posso interromper esta participação a qualquer momento e em qualquer fase da pesquisa, caso deseje, sem penalização alguma e sem qualquer prejuízo. Ainda, compreendi que a pesquisa garantirá e respeitará o aspecto ético, sendo que estarei amparado (a) pela Resolução 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-Lei 8.069/90). Caso manifeste interesse em conhecer o resultado do estudo, terei acesso ao material relacionado ao mesmo.

Entendi que, com minha autorização, as gravações deste estudo permanecerão no Banco de Dado do centro de pesquisa do CINDEDI, servindo à realização de estudos futuros, desde que obedeçam aos critérios éticos de respeito aos participantes. Desse modo, além das pessoas envolvidas no projeto, outros pesquisadores da área, do CINDEDI, poderão vir a ter acesso às gravações. Compreendi que essas gravações ficarão restritas apenas para o uso de pesquisa científica, não as divulgando a outros. Tenho clareza de que as gravações serão armazenadas pelos próximos cinco anos, no acervo do CINDEDI e caso outros pesquisadores venham a utilizar o material, será feito novo processo de avaliação no Comitê de Ética em Pesquisa.

Diante do exposto acima, declaro que estou ciente das informações recebidas e que concordo com o armazenamento da gravação, optando por:

- () assinar um novo consentimento a cada pesquisa que for realizada utilizando este material.
 () dispensar a assinatura de um novo consentimento a cada pesquisa.

Tendo isso esclarecido, AUTORIZO o armazenamento das gravações no Banco de Dados do CINDEDI, assinando a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Data: ____/____/____

 Funcionário (a)
 RG:
 Fone:

 Marisa von Dentz
 RG: 4.612.743
 Fone: (16)99129-2982

 Katia de Souza Amorim
 RG: 11.351.984
 Fone: (16) 3602-3850

ANEXO A

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa

Campus de Ribeirão Preto

Of.CETP/FFCLRP-USP/066/-vjmc

Ribeirão Preto, 30 de julho de 2014

Prezada Pesquisadora,

Comunicamos a V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado "EXPRESSÕES EMOCIONAIS DE RISO E CHORO NA RELAÇÃO DO BEBÊ COM SEUS PARES, NA CRECHE" foi reanalisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 134ª Reunião Ordinária, realizada em 07.08.2014, e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE n.º 30424814.3.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas, e que, ao término do estudo, um relatório final seja entregue, via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª ANDRÉIA SCHMIDT
Coordenadora

À Senhora
Marisa von Dentz
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP – USP

c/c:
Profa. Dra. Katia de Souza Amorim
Departamento de Psicologia da FFCLRP – USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP
Fone: (16) 3602-4811
Fax: (16) 3633-2660 (direto) ou 3633-5015
Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 3 - sala 16 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br> - e-mail: coetp@ffclrp.usp.br